

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LETÍCIA RUOSO WEHMUTH

FUTURO INCERTO: UM ESTUDO DAS DISTOPIAS LITERÁRIAS A PARTIR DA
OBRA NEUROMANCER DE WILLIAM GIBSON.

CURITIBA

2021

LETÍCIA RUOSO WEHMUTH

FUTURO INCERTO: UM ESTUDO DAS DISTOPIAS LITERÁRIAS A PARTIR DA
OBRA NEUROMANCER DE WILLIAM GIBSON.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Profº Drº Vinícius Nicastro Honesko.

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Wehmuth, Letícia Ruoso

Futuro incerto : um estudo das distopias literárias a partir da obra
Neuromancer de William Gibson. / Letícia Ruoso Wehmuth. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Vinícius Nicastro Honesko

1. Gibson, William, 1948-. 2. Ficção científica norte americana.
3. Distopias na literatura. 4. Ciberespaço. I. Honesko, Vinícius Nicastro,
1981-. II. Título.

CDD – 813.52



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LETÍCIA RUOSO WEHMUTH** intitulada: **FUTURO INCERTO: UM ESTUDO DAS DISTOPIAS LITERÁRIAS A PARTIR DA OBRA NEUROMANCER DE WILLIAM GIBSON.**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Agosto de 2021.

Assinatura Eletrônica

23/08/2021 17:19:37.0

CLÓVIS MENDES GRUNER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/08/2021 17:30:28.0

EVANDER RUTHIERI SATURNO DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA)

Assinatura Eletrônica

23/08/2021 17:42:05.0

LUIZ CARLOS SEREZA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Esses anos de jornada do mestrado foram muito especiais para mim, mas também foram marcados por muitos altos e baixos, principalmente por conta da pandemia que trouxe muitas inseguranças, medos e dificuldades. O desafio de concluir essa etapa teria sido muito maior sem todo o apoio que tive ao meu redor, e gostaria de agradecer algumas pessoas essenciais nesse processo.

À minha família, aos meus pais Marilene e Jaime, por terem trabalhado tão duro para me educar e para me oferecer a oportunidade de estar aqui hoje. Por terem acreditado no meu potencial e nos meus sonhos, sempre disponibilizaram conforto e motivação quando eu não conseguia encontrar. Ao meu irmão Pedro, que me apresentou Neuromancer e sempre esteve comigo. Ao Arthur, por ter sido esse companheiro atencioso e zeloso. Agradeço por cada minuto que compartilhei com você nesse caminho e também todos os momentos que dividimos desde que nos conhecemos. Sem o equilíbrio que você me traz, eu não teria conseguido chegar até aqui. À Wakyria, minha sogra, por sempre crer na minha trajetória acadêmica, por ter concedido sua excelente correção e comentários muito pertinentes.

Agradeço imensamente, ao Professor Dr. Vinícius Nicastro Honesko pela sua valiosa orientação, por todo o suporte e assistência ao longo desses anos, e por ter confiado no valor da minha pesquisa desde o projeto. Aos professores da pós-graduação em História e convidados, em especial Clóvis Gruner, Luiz Sereza, Evander Ruthieri Priscila Vieira e Rosane Kaminski, que foram de extrema importância para a construção dessa dissertação. Aos professores que passaram pela minha vida, e foram grandes inspirações para que eu seguisse nessa direção. À Universidade Federal do Paraná que me transformou por completo, e à CAPES pela bolsa de mestrado que foi indispensável para que eu concluísse essa fase.

Não posso deixar de agradecer, meus amigos que estiveram presentes ao longo desse processo, principalmente Brenda Degger pelo apoio emocional inestimável, leituras, apontamentos e traduções, sua contribuição foi fundamental em muitos momentos, desde a seleção do mestrado. À Camila Quadros, pela sua companhia e auxílio durante as disciplinas que dividimos. À Naiara Busulo, Lareane Machado, Isabela Brasil, Ana Carolina Kosiak e Milena Dell'Aglio por terem compartilhado comigo muito durante a graduação e pelo companheirismo. À Amanda Dmeterko, Larissa Gonçalves, Oriana Domingues, Kevin

Delphino e Rayssa Hertzelt por terem celebrado e torcido por mim, a amizade de vocês é das mais preciosas que existe.

RESUMO

As distopias são desenvolvimento do gênero literário conhecido como ficção científica, dentro dessas narrativas o formato de futuro catastrófico é elaborado. Essa realidade futura tem como intuito incomodar o leitor que, ao ver essa projeção, problematiza seu próprio presente. Dentro das distopias, um tema que ganhou grande destaque é aquele que trabalha diretamente com a tecnologia, no qual se insere a fonte que norteia a análise da pesquisa: o livro *Neuromancer*, publicado pelo norte-americano William Gibson em 1984, contexto do governo de Ronald Regan nos Estados Unidos e dos últimos acontecimentos da Guerra Fria, que ainda espalhava um imaginário apocalíptico decorrente da corrida armamentista. Na obra acompanhamos Case, hacker que vive em um mundo futuro altamente tecnológico, no qual o ciberespaço e as inteligências artificiais são possíveis, combinado com uma sociedade muito desigual e corporações muito poderosas. Posteriormente, o livro foi nomeado como cyberpunk por reunir em seus personagens e ambientação uma dinâmica referente à alta tecnologia e a estética e comportamento do movimento punk, que se fortaleceu nos anos 80 como contestador de várias estruturas. Dedicamos o primeiro capítulo para compreender a trajetória do autor, como o contexto dos anos 80 marcou a obra e como o crescimento tecnológico foi encarado no fim do século XX. O segundo capítulo aborda teoricamente o relacionamento das distopias com o desgaste da temporalidade moderna e o crescimento de uma nova temporalidade que elabora um futuro pessimista. Por fim, no terceiro capítulo trabalhamos com a relação da obra com a economia e a crítica de Gibson ao desenvolvimento do neoliberalismo. Busca-se, assim, olhar de maneira complexa para as distopias e seu potencial para compreender processos históricos que nos rodeiam.

Palavras-chave: Distopias. Cyberpunk. Ficção científica.

ABSTRACT

Dystopias are a development of the literary genre known as science fiction, within these narratives the catastrophic future format is elaborated. This future reality is intended to disturb the reader who, upon seeing this projection, problematizes their own present. Within dystopias, a theme that gained great prominence are those that work directly with technology, motif in which the source that guides the analysis of the research is inserted, the book *Neuromancer* published by the American William Gibson in 1984, context of the Ronald Regan government in the USA and the last events of the Cold War that still spread an apocalyptic imagination, resulting from the arms race. In the book we follow Case, a hacker who lives in a highly technological future world, in which cyberspace and artificial intelligences are possible, combined with a greatly unequal society and powerful corporations. Later, the book was considered cyberpunk for bringing together in its characters and setting, high technology, complemented by the aesthetics and behavior of the punk movement, which became stronger in the 80s as a contestant of various structures. The first chapter of the thesis is dedicated to understanding the author's trajectory, how the context of the 1980s influenced the work, and how technological growth was viewed at the end of the 20th century. The second chapter is more theoretical and addresses the relationship of dystopias with the deterioration of modern temporality and the growth of a new temporality that elaborates a pessimistic future. Finally, the third chapter discusses *Neuromancer's* relationship with economics and Gibson's critique of the development of neoliberalism. The purpose is to look at dystopias in a complex way, taking into account their potential to comprehend the historical processes that surround us.

Keywords: Dystopias. Cyberpunk. Science fiction.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 2. UM ESTUDO SOBRE NEUROMANCER E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO.....	14
2.1 FERRAMENTAS TEÓRICAS-METODOLÓGICAS.....	17
2.2 A FONTE: NEUROMANCER.....	22
2.3 WILLIAM GIBSON E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE SUA OBRA.....	28
2.4 O CONTEXTO DOS ANOS 80	35
2.5 O MOVIMENTO PUNK E NEUROMANCER.....	42
2.6 PERSPECTIVAS SOBRE O CRESCIMENTO TECNOLÓGICO NO FINAL DO SÉCULO XX.....	47
CAPÍTULO 3. DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A CRISE NO TEMPO E SUA RELAÇÃO COM O CRESCIMENTO DAS DISTOPIAS.....	65
3.1 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE.....	66
3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA TEMPORALIDADE ATUAL.....	70
3.3 MUDANÇAS NO CAMPO HISTORIOGRÁFICO.....	76
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE INDUSTRIAL.....	79
3.5 PROGRESSO COMO CATEGORIA MOBILIZADORA DA MODERNIDADE.....	82
3.6 PROGRESSO COMO OPRESSÃO.....	84
3.7 AS CATÁSTROFES DO SÉCULO XX E O DESGATE DA MODERNIDADE.....	92
CAPÍTULO 4. A RELAÇÃO DE NEUROMANCER COM AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NO FINAL DO SÉCULO XX.....	103
4.1 O CRESCIMENTO DO NEOLIBERALISMO NO FINAL DO SÉCULO XX.....	105
4.2 TECNOLOGIA E SEU PAPEL NO FORTALECIMENTO DO NEOLIBERALISMO.....	113

4.3 ECONOMIA COMO FÁBRICA DE INFELICIDADE.....	132
5.CONCLUSÃO.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
FONTE.....	144
BIBLIOGRAFIA.....	144

1. INTRODUÇÃO

As distopias literárias são obras que desenvolvem uma visão particular do futuro, sempre pessimista e catastrófico. Essas narrativas se consolidaram no século XX, como um sintoma da falta de perspectiva e fatalismo que esse momento histórico trouxe, por carregar uma série de traumas e guerras destrutivas como nenhuma outra na história da humanidade. As distopias cresceram, enquanto as utopias diminuíram, o que demonstra que certa perspectiva moderna estava perdendo sua força para dar lugar a um ponto de vista totalmente diferente.

Dentro desse contexto se insere a fonte que norteia toda essa pesquisa: *Neuromancer*,¹ livro publicado em 1984 pelo norte-americano William Gibson. Esta obra é emblemática dentro do que posteriormente ficou caracterizado como cyberpunk, por reunir um futuro altamente tecnológico de megalópoles, com a estética punk nas cidades e comportamento transgressor em seus personagens. Esse subgênero trouxe toda uma nova possibilidade para as distopias, principalmente por ser um tipo de obra muito crítica à realidade, que demonstra futuros com grandes desigualdades sociais, marginalização e corporações muito poderosas. Esse estilo de distopia também alcançou outros formatos, como filmes, mangás e quadrinhos, mas, o seu desdobramento mais famoso foi o videogame *Cyberpunk 2077*² desenvolvido e lançado pela CD Projekt, que representa as tendências consolidadas no cyberpunk nos últimos anos.

Dentro da narrativa da fonte, acompanhamos o hacker Case em sua empreitada para deter uma inteligência artificial extremamente poderosa, criada pela companhia Tessier-Ashpool para manter o legado da empresa. Porém, o que compõe essa distopia, é uma preocupação cada vez mais presente na vida dos humanos, é sobre a possibilidade da tecnologia nos superar. Essa discussão perpassa toda a obra, sendo a relação direta entre a tecnologia e o humano (corpo e mente), e como ela opera para transformar esses sujeitos.

Com esta pesquisa temos como objetivo central compreender *Neuromancer*, e o crescimento desse estilo de distopia a partir das últimas décadas do século XX. Buscamos

¹ A edição utilizada para análise foi a publicada pela editora Aleph em 2016 em sua 5ª edição com a tradução de Fábio Fernandes. Essa edição foi selecionada pelo glossário que possui que auxilia na compreensão dos termos utilizados por Gibson na narrativa. Importante destacar que a editora Aleph publicou todas as edições em português de *Neuromancer* desde a primeira em 1991.

² *Cyberpunk 2077*. Empresa desenvolvedora CD Projekt. Publicado por CD Projekt. 2020. Plataforma Playstation 4, Xbox entre outros.

discutir o contexto de Guerra fria e como esses processos históricos trouxeram um imaginário sobre o fim do mundo; também procuramos refletir sobre a crítica de Gibson ao poder da tecnologia na vida dos humanos, e sobre esse mundo composto por corporações, que compõe uma visão pessimista sobre o neoliberalismo que se fortaleceu nos anos 80 a partir dos EUA. Por último, visamos pensar a construção da temporalidade moderna, e como o desgaste dessa temporalidade afetou a perspectiva humana sobre o futuro.

Para cumprir esses objetivos, dividimos a dissertação em três capítulos: o primeiro, intitulado “Um estudo sobre Neuromancer e seu contexto de produção”, no qual discutimos a importância do processo de valorização da literatura como fonte para história, principalmente por seu potencial em acessar um campo sensível e emotivo. Apresentamos uma série de entrevistas com William Gibson, para compreender sua trajetória como autor, e qual sua perspectiva sobre sua própria obra com o passar do tempo. Em um primeiro momento discutimos o contexto dos anos 80, voltado ao aspecto político e econômico, principalmente pela eleição de Ronald Reagan, que simbolizou um retorno ao conservadorismo e uma profunda mudança econômica voltada ao neoliberalismo. Em um segundo momento, mostramos os aspectos sociais, principalmente pela perspectiva do crescimento do movimento punk e suas características. E por último, apresentamos uma discussão sobre como a tecnologia da computação e da informação foram encaradas, a partir de uma visão mais otimista com a corrente da cibercultura, ou de maneira mais cética considerando os novos problemas construídos por essas ferramentas.

No capítulo dois, intitulado “Discussão teórica sobre a crise no tempo e sua relação com o crescimento das distopias”, abrimos uma discussão baseada principalmente nos estudos teóricos do historiador Reinhart Koselleck e seus conceitos, para compreender como se deu a construção da temporalidade moderna, e como a partir do conceito de progresso, os modernos se relacionaram com o tempo, através de uma visão de que o passado era pouco relevante, o presente era transitório, enquanto o futuro era o que realmente importava. Dessa forma, existia uma crença de que o humano associado à razão, e seu desdobramento a ciência e a tecnologia, só poderiam trazer um futuro bom e harmonioso. O próprio conceito de progresso demonstra que havia uma crença que a humanidade só caminha para frente, ou seja, uma perspectiva linear do tempo. Porém, o século XX, trouxe uma enorme ruptura para esse pensamento, porque se desdobrou em guerras, mortes e catástrofes. Alguns autores como François Hartog, Hans Gumbrecht, Valdei Araújo e Henrique Pereira interpretam como o futuro mudou de posição nessa nova perspectiva.

Ainda nesse capítulo, buscamos apresentar uma discussão sobre como a decadência da perspectiva temporal moderna, promoveu o crescimento das distopias, e, ao mesmo tempo, trouxe transformações impactantes para a historiografia em si, a partir do movimento pós-moderno e suas críticas a história científica, que tinha como intenção alcançar a verdade sobre o passado. Analisamos ainda, como o progresso se tornou uma categoria mobilizadora de sentidos e experiências, e como a tecnologia ganhou toda uma simbologia por carregar em si o próprio futuro. E como o progresso significou processos de opressão ao redor do globo, porque a modernização foi mobilizada a partir do colonialismo, e vários processos violentos e genocidas. Para encerrar, aproximamos as perspectivas de Franco Berardi e Susan Buck-Morss, que discutem sobre como a modernização utilizou os sonhos e esforços das massas, e como isso ruiu esse otimismo pelo futuro.

Para finalizar, o capítulo três, intitulado “A relação de *Neuromancer* com as mudanças econômicas no final do século XX”, destaca a importância do aspecto econômico da narrativa, e sua relação direta com o crescimento do neoliberalismo no mundo, a partir dos anos 80. Partindo principalmente, das discussões de Naomi Klein, e seu conceito de capitalismo de desastre, e outros autores que constroem discussões muito relevantes sobre as novas tecnologias e sua relação com a economia. Buscamos compreender como a economia também ajudou a consolidar uma visão pessimista das distopias, porque vivemos o desenvolvimento de exploração, desemprego e pobreza. Segundo Berardi, a nova economia é fábrica de infelicidade, responsável por criar um ambiente competitivo, no qual a pressão gera uma série de problemas mentais como depressão e ansiedade.

A pesquisa parte de vários aspectos, políticos, econômicos, sociais, historiográficos, contextuais e temporais para complexificar e aprofundar a análise da relação do crescimento das distopias, e de *Neuromancer* dentro de sua especificidade, como sintoma desses muitos processos que ainda são muito presentes na contemporaneidade.

CAPÍTULO 2 - UM ESTUDO SOBRE NEUROMANCER E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

A literatura sempre foi presente em minha vida desde muito cedo constituiu minha identidade e subjetividade. É parte desse interesse tão natural que surgiu também o entusiasmo pela história, e consequentemente por essa pesquisa que é norteada por uma fonte literária, especificamente uma obra distópica, um tipo de narrativa que sempre me impactou em particular, por me deixar reflexiva por dias, meses e até mesmo anos. O formato distópico de narrativas, são em síntese a representação de uma visão sobre as dificuldades que serão enfrentadas pelos humanos no futuro, sendo desdobramento do gênero há muito consolidado na literatura: a ficção científica. As distopias são ambientadas em projeções catastróficas, e demonstram possíveis caminhos da humanidade de uma perspectiva bastante crítica e pessimista. A potência desse tipo de obra vem exatamente de estarrecer o leitor e incomodá-lo ao máximo, é, portanto, um formato extremamente crítico que traz a crua realidade imbricada na ficção. Com essas reflexões desenvolvi a problemática que é norte para essa pesquisa, centrada em compreender o porquê das distopias serem comuns no nosso tempo, e porquê prevalece na atualidade uma visão catastrófica de futuro.

Em muitos desses futuros distópicos, os humanos se envolvem em diversas conjunturas difíceis, como por exemplo, um governo autoritário como no clássico, “1984”³ de George Orwell, publicado em 1948, poucos anos após o final da Segunda Guerra Mundial. Nesse livro o autor desenvolveu um mundo futuro, habitado pelo protagonista Wilson Smith, que é governado pelo partido e sua extensão o Grande Irmão, um sistema do Estado que está por toda parte vigiando cada cidadão. Smith trabalha no Ministério da Verdade, que cuida da informação pública do governo, no qual se apagam e se reinventam certas verdades. Este também é responsável por manipular a própria língua, criando a novilíngua, sempre em construção, para que quando estivesse finalizada, ninguém seria capaz de colocar em palavras sua posição contrária ao regime vigente. O livro de Orwell teve, e ainda tem, um grande impacto em seus leitores, pois, sintetiza em seu futuro um grande medo em relação ao crescimento dos regimes autoritários, capazes de definir todos os aspectos da vida dos homens.

³ ORWELL, George. *1984*. Companhia das Letras. 1º edição. Tradução Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo. 2009.

Ainda nessa mesma tendência, temos alguns exemplos mais recentes, como o estrondoso sucesso da autora norte-americana Suzanne Collins, “Jogos Vorazes”⁴, publicado em 2008, com sua continuação em “Em Chamas”⁵, de 2009, e sua finalização em “A esperança”,⁶ em 2010. Essa série se tornou extremamente popular e um de seus maiores feitos, é demonstrar um futuro com um governo autoritário através dos olhos de Katniss, uma protagonista adolescente, conquistando em especial o público infanto-juvenil. Devido a seu alcance, foi adaptado para o cinema, dividido em quatro filmes que seguiram o sucesso da trilogia. Na narrativa, acompanhamos Katniss, que vive em Panem, país localizado onde eram os EUA. Em sua organização, Panem é dominada pela avançada e rica Capital, e ao seu redor estão os 12 distritos. Cada distrito é responsável por uma produção de matéria-prima, para ser levada e transformada em riqueza pela Capital. Por conta desse sistema autoritário e desigual, no passado os distritos se rebelaram contra a Capital, liderados pelo distrito 13, que foi massacrado e acabado. Para lembrar sempre sobre o poder da capital e para que os distritos não tentem novas rebeliões, a Capital implementou os Jogos Vorazes, no qual todo ano dois tributos são recolhidos de cada distrito, para lutarem dentro de um reality show, até que o ganhador seja o último sobrevivente. A narrativa se inicia quando a irmã de Katniss é escolhida como tributo no sorteio, mas ela se voluntaria em seu lugar. No prosseguimento da história, Katniss se torna símbolo de esperança para insurgir novos movimentos e acabar com a tirania da Capital. Da mesma maneira que Orwell, Collins utiliza o futuro como ferramenta para chocar o leitor, para que este reflita sobre sua própria realidade, e esteja atento às tendências do autoritarismo que continuam nos cercando.

Também se tornou uma discussão e uma tendência dentro dessas narrativas catastróficas e distópicas, a relação entre os humanos e uma de suas criações que mais transformou o mundo: a tecnologia. Muitas dessas obras utilizam o futuro como ferramenta de análise sobre o poder que a tecnologia, crescentemente, oferece ao homem – levando em conta que a técnica traria a possibilidade de quebrar barreiras naturais, mudando totalmente a nossa própria concepção como ser humano. Essa temática se tornou tão recorrente entre as distopias, que atualmente ela se desenvolve em outro formato e faz muito sucesso através dos jogos de videogames. Existem muitos exemplos da utilização dessa narrativa, entre eles o videogame “Horizon Zero Dawn”⁷,

⁴ COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Editora Rocco. 1ª edição. Tradução Alexandre Elia. Rio de Janeiro. 2012.

⁵ Idem, 2012.

⁶ Idem, 2012.

⁷ Horizon Zero Dawn. Empresa desenvolvedora Guerilla Games. Publicado por Sony Interactive Entertainment. 2017. Plataforma Playstation 4.

lançado em 2017 exclusivamente para o Playstation 4. O jogo é ambientado em mil anos no futuro, protagonizado por Aloy, uma caçadora e arqueira. Esse novo mundo, passou por um apocalipse no qual máquinas que foram feitas para proteger a humanidade, tiveram uma falha de programação que as deixou hostis, e por isso consumiram a biomassa da Terra, deixando o planeta quase em extinção. A cientista que participou de toda essa programação das máquinas, percebe que a humanidade não tem mais salvação, e coordena o Projeto Zero Dawn que criaria uma nova e potente inteligência artificial, capaz de criar outras máquinas, que poderiam reverter a situação do planeta. Porém, o projeto acabou corrompido por outra inteligência artificial, e em sua autodestruição gerou um clone de sua criadora, Aloy, a única que pode reiniciar todo o sistema. A saga da protagonista do jogo, é alcançar sua missão e salvar o planeta do domínio das máquinas hostis. É perceptível a recorrência desse tema nessas narrativas, a criação de certas máquinas que agem sozinhas, e se tornam autônomas frente aos humanos e podem simplesmente descartá-los.

Destacamos, através desses exemplos – e seria possível elencar muitos outros –, que as distopias, desenvolvidas como um braço da ficção científica, nos rodeiam cada vez mais, espalhadas por todos os formatos que, povoam todo um imaginário acerca do que o futuro da humanidade nos guarda. As distopias se tornaram muito mais recorrentes a partir metade final do século XX, carregando depois de todos os acontecimentos traumáticos, um alerta acerca dos tecnoburocratas, governos autoritários ou da tecnologia descontrolada.

Buscamos, com essas reflexões, compreender porque essas narrativas catastróficas, se tornaram tão frequentes e com tanto sucesso até a atualidade, e também de que forma estão relacionadas à decadência de algumas ideias, e ascensão de outras ligadas à apropriação sobre o tempo. Importante destacar que as distopias são um tema há muito explorado pelo campo das letras⁸, e tem sido cada vez mais analisadas pela história⁹. Mas *Neuromancer* em si por uma perspectiva histórica, ainda foi pouco explorado, assim como o cyberpunk.

⁸ Cf. ESPINELLY, Luiz Felipe Voss. *O anti-herói no romance distópico produzido na pós-modernidade ou Prometeu pós-moderno*. Tese de doutorado em Letras. Universidade Federal Rio Grande. 2016.

Cf. LONDERO, Rodolfo Rorato. *Futuro esquecido: a recepção da ficção cyberpunk na América latina*. (Doutorado em letras). Universidade Estadual de Santa Maria. Santa Maria. 2011.

Cf. CAUSO, Roberto de Sousa. *Ondas nas praias de um mundo sombrio: New Wave e cyberpunk no Brasil*. (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

⁹ Cf. PEREIRA, Aline Lima. *Crise na temporalidade moderna: a distopia em Laranja Mecânica (1962) e 1985 (1978) e a consciência histórica pós-moderna*. (Mestrado em história). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2019.

Cf. ROSA, Janis Caroline Boiko da. *Antitotalitarismo, antifascismo e socialismo na produção literária e jornalística de George Orwell. (1920-1950)*. (Mestrado em história). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2020.

2.1 FERRAMENTAS TEÓRICAS-METODOLÓGICAS

Antes de considerarmos a fonte especificamente, é importante discutir acerca das relações entre a história e a literatura. Atualmente, a literatura se configura como uma importante fonte histórica, capaz de sintetizar certas perspectivas, que não aparecem em outros formatos, captar certos imaginários, anseios, e outros sentimentos relacionados ao seu contexto de produção. Entretanto, nem sempre a literatura foi considerada como relevante pela historiografia, como, por exemplo, no século XIX, quando a história buscava se aproximar de preceitos considerados mais científicos. Mudança que tem relação com a consolidação das ciências exatas e naturais, para ser mais científica, a história implementou uma ruptura com a ficção, ou seja, a literatura, principalmente a romântica, presente nesse contexto. Essa separação entre história e literatura, foi defendida em torno do discurso de que a história poderia sim, trazer um conhecimento verdadeiro sobre o passado.

Em 1966, o historiador americano Hayden White¹⁰ publicou sua interpretação desse processo de disciplinarização da história no texto intitulado “O fardo da história”, no qual argumenta que essa mudança em direção a cientificidade, permitiu que os historiadores reivindicassem um lugar neutro de existência, que se supunha existir entre a ciência e a arte. Entretanto, o autor percebe que entre os historiadores, seus contemporâneos, existia uma suspeita cada vez maior, de considerar avanços feitos em outros campos do conhecimento. White afirma que os historiadores utilizam ferramentas de ambos os lados, tanto da arte quanto da ciência, porém se recusam a compreender a crítica oferecida e estabelecida nessas duas áreas.

White afirma que os psicólogos, conseguiram uma compreensão maior sobre as operações que os artistas e cientistas fazem para entender o mundo, e por isso não seria mais necessário que os historiadores fossem esses mediadores. Isso muda totalmente os preceitos estabelecidos pelos intelectuais do século XIX, de modo que White defende a necessidade de uma nova geração de historiadores, capazes de perceber mais as semelhanças do que as diferenças entre a ciência e a arte. Isso porque, os triunfos da ciência trouxeram um processo inevitável àqueles que se dedicavam às ciências humanas, para que se tornassem mais certas

¹⁰ WHITE, Hayden. O fardo da história. In: *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. Edusp – Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

como as nascidas ciências naturais. A busca pelo cientificismo, foi uma maneira de valorizar a história naquele contexto de crescimento da ciência.

White afirma que outro movimento também foi importante nessa disciplinarização: a hostilidade da literatura moderna, em relação a essa consciência histórica mais exacerbada, trazida pela questão científica. As acusações de que falta à história sensibilidade, são exatamente direcionadas à nova concepção de verdade e de neutralidade. White afirma que apesar dessa história científica, houve alguns que foram por outros caminhos, como por exemplo Jacob Buckhardt e seu trabalho sobre o Renascimento italiano, que fugia de tudo que era praticado na academia, e buscava transformar sua própria pesquisa em obra de arte.

Segundo White, o contexto do século XX, já na Primeira Guerra Mundial, aprofundou as críticas à história, totalmente longe de fornecer qualquer preparação para as catástrofes trazidas pelas guerras. A disciplina científica não foi capaz de elaborar algo significativo para que se pudesse viver com a passagem de tais acontecimentos. Por isso, a história começa a ser vista como um fardo, obsoleta ao carregar fórmulas, ainda conectadas com o surgimento dessa civilização do século XIX, que carregou os conflitos para o século XX. Sobre essa questão White afirma:

Com efeito, o consenso tanto nas artes quanto nas ciências parece ser exatamente o oposto. E segue-se que o fardo do historiador em nossa época é reestabelecer a dignidade dos estudos históricos numa base que os coloque em harmonia com os objetivos e propósitos da comunidade intelectual como um todo, ou seja, transforme os estudos históricos de modo a permitir que o historiador participe positivamente da tarefa de libertar o presente do fardo da história.¹¹

Ele defende que os historiadores precisavam admitir os erros cometidos, para conseguir escapar dos velhos moldes passados. Essa valorização do estudo do passado deveria, segundo White, fornecer boas perspectivas para compreensão do presente, porque, mesmo no século XIX, os historiadores se tornaram muito presos a concepções, tanto da arte quanto da ciência. Em ambos os lados vinham críticas sobre a objetividade dos cientistas, por ser objetivo de menos, e da arte por ser objetivo demais. E por tratarem fatos como se fossem dados, desconsiderando todo o trabalho que o historiador faz, ao elaborar significado a esses fatos.

¹¹ WHITE, ops.cit., p. 53.

Sobre a importância do papel do historiador na escrita da história, Michel de Certeau,¹² pontua sobre as particularidades da operação historiográfica. Em sua interpretação, toda produção é parte de uma subjetividade, que compõe o historiador que a produz. Tanto quanto o lugar social que este pesquisador ocupa na sociedade, pois é dessa posição, que surgirão interesse e questões que serão direcionadas aos documentos. Faz parte dessa composição, a instituição histórica como uma instituição de saber, que torna certas teorias e metodologias validadas e legitimadas. É desse espaço, que se convencionam os critérios para as novas produções. Ou seja, as pesquisas dependem da relação com outros historiadores contemporâneos, e por fim, o sucesso dessa operação historiográfica, é a recepção dos pares. Certeau também enfatiza que cada vez mais, as produções historiográficas estão articuladas ao social, por exemplo, uma equipe, e meios de financiamento. E essa produção, está conectada ao espaço que esse pesquisador ocupa na sociedade, dentro do sistema de ensino, e todas as suas hierarquias. Em síntese, o lugar que o historiador está, o permite certo tipo de produção, assim como proíbe outras.

Ou seja, a posição de Certeau em contraposição a história do século XIX, que prezava pela objetividade, é a de valorizar a operação do historiador como parte constituinte de seu trabalho tão importante, tendo como partida do seu lugar social de interpretar o passado. Da mesma forma, White continua criticando nesses velhos moldes, a insistência dos historiadores em utilizar apenas, um entre os muitos estilos literários que existem. O autor defende, que os historiadores deveriam utilizar outros modos de representação, como o impressionismo, expressionismo, surrealismo, o que valorizaria o discurso historiográfico, e abriria novas formas de observação mais criativas sobre o passado. White argumenta que a história tem uma nova oportunidade de se reformular, através de concepções muito mais dinâmicas, de arte e de ciência que existiam no século XIX, porque ambas descobriram a provisoriedade das suas concepções sobre o mundo.

Portanto, White direciona sua crítica a essa história disciplinarizada, que se tornou um verdadeiro fardo, por não conseguir significar os acontecimentos, tão difíceis que passaram ao longo do século XX. Nas próximas décadas, White apenas aprofundou suas reflexões ao redor da historiografia que tinha pretensão de ser realista. Nos anos 70, um grande debate em torno da narrativa ganhou importância, o que ficou conhecido na historiografia como “virada-linguística”. Essa nova discussão, muito impulsionada pelas obras de White, como o livro

¹² CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Editora Forense universitária. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3º edição. Rio de Janeiro,

“Meta-história” publicado em 1973, no qual o historiador chama a atenção para a narrativa, que carrega em si, o passado figurado construído pelos historiadores, acessado apenas pelo texto.

Sempre em busca dessa renovação, White defendeu que, compreender as aproximações entre a história e a literatura, ao contrário de separá-las entre verdade e ficção, é um grande ganho para as nossas discussões, porque a literalidade da história, seria capaz de abrir espaço para novas potencialidades e alcances às nossas produções. White buscou valorizar outras formas de conhecimento sobre o passado, que estão fora da academia, por exemplo, em seu conceito de passado prático¹³, que propõe questões sobre como o passado é parte do domínio público, e não apenas a história e os historiadores podem desenvolver significados para ele. E esses significados produzidos podem chegar através de outras linguagens, a literatura, por exemplo. E sobretudo, essa compreensão sobre o passado deve ter um intuito prático de intervenção no presente.

White defende a necessidade de reconhecer esse passado prático, para que sua utilização, nos ajude a refletir sobre orientações possíveis sobre o futuro. Por isso, o historiador faz uma distinção entre o passado prático e passado histórico, o qual o filósofo britânico Michael Oakeshott já havia feito anteriormente. Para Oakeshott, o passado histórico, era aquele produzido pelos historiadores-que deveria ser considerado relevante por carregar em si, uma série de pesquisas que traziam evidências sobre os acontecimentos. Enquanto o passado prático, seria o conhecimento partilhado por aqueles que não são historiadores, através apenas de suas experiências, reafirmando a separação entre o conhecimento verdadeiro e científico, e o mundo da experiência. White inverte essa lógica, e enriquece o passado prático que é composto pela memória, pelos sonhos que nos orientam no presente, e o passado histórico, são os fatos demonstrados através das fontes. Porém, White defende que ambos os tipos de elaboração sobre o passado, produzem algo que devemos considerar.

Há uma importância de reconhecer outras linguagens, outras narrativas, porque elas são de grande ajuda para pensar novas elaborações da historiografia. White afirma que, quando a história se cientificou, descartando o passado prático, foi o romance realista que elaborou os anseios e medos trazidos com a modernidade. A literatura tem uma capacidade, que na maioria das vezes, foge a história, que é absorver e elaborar de forma muito proveitosa toda uma

¹³ WHITE, Hayden. *O passado prático*. Revista Artcultura. V. 20. n. 37. Uberlândia, 2018.

dimensão sensível e afetiva.¹⁴ E seu alcance, através da identificação que as pessoas tem com esse tipo de narrativa, é uma de suas maiores potências. O que White defende é que a literatura, não é apenas a representação do passado, ela realmente já é um conhecimento sobre o passado.

Considerando a interpretação de White sobre a literatura, como parte do passado prático, e como produtora de um conhecimento legítimo sobre o passado, destacamos a importância da continuidade das análises e reflexões que utilizam a literatura como base, para entender certos acontecimentos, conjunturas, perspectivas e sentimentos que foram colocados pelos autores em suas obras. A problemática que norteia esta pesquisa, pensando essas questões colocadas através da valorização da literatura, é refletir sobre como a literatura, em sua especificidade, é capaz de demonstrar impressões desse determinado autor, acerca da sua vivência naquele presente.

Além do conceito teórico de White sobre o passado prático, ainda é importante destacar como ferramenta de análise e também como forma de metodologia¹⁵ o trabalho do historiador brasileiro Julio Benvoglio¹⁶, que tem se destacado ao discutir a relação da distopia com teoria da história e a crise do tempo. Suas reflexões partem da hipótese de que a história como a conhecemos acabou, e precisamos de histórias mais elaboradas que pensem essa imaginação atual, caracterizada por ser distópica.

Ou seja, as distopias como narrativas, ou como o próprio conceito, são muito importantes para entender a relação tanto com o tempo quanto com a história. E Benvoglio encara essa proeminência da consciência distópica como um sintoma do fim de determinadas concepções que há muito utilizamos. Progressivamente a investigação do passado, passou a ser de passados muito mais incontroláveis que anteriormente. E passados múltiplos, por muito contraditórios, e colocam em risco aquela concepção moderna de verdade única sobre os acontecimentos. Isso é sintoma do desenvolver dessa crise nesse antigo modelo, implementada

¹⁴ A relação entre a história e a literatura é uma discussão bastante ampla, na qual diversos autores trabalharam teoricamente. Como por exemplo, os estudos da História Cultural, especialmente do historiador Roger Chartier em sua obra *O mundo como representação* e seu conceito de representação e sua funcionalidade para compreender a literatura. Deve-se destacar o trabalho da historiadora brasileira Sandra Jatahy Pesavento e suas pesquisas a partir desse conceito. Ou seja, existem outros caminhos teóricos possíveis nesse campo de análise, mas essa foi a escolha seguida.

¹⁵ Cf. CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. BENTIVOGLIO, Julio. BRITO, Thiago Vieira de. *Distopia, literatura e história*. Editora Milfontes, 2020.

Cf. PEREIRA, Aline Lima. *Crise na temporalidade moderna: a distopia em Laranja Mecânica* (1962) e 1985 (1978) e a consciência histórica pós moderna. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019.

¹⁶ BENTIVOGLIO, Julio. *História e distopia*. Editora Milfontes. 2ª edição. Vitória, 2019.

pela emergência de uma nova consciência historiográfica acompanhada da consciência distópica atual.

Distopia normalmente é considerada como um não lugar, indesejado, porém Bentivoglio conceitua a distopia como um deslugar, um lugar em descolamento e impróprio. Sobre o que seria essa consciência distópica, o historiador comenta, que é um paradigma do século XXI, baseado em um pensamento cuja pré-elaboração do enredo do início é em si mesma sempre desconfiado das capacidades científicas da história e suas verdades, das realizações da historiografia, das evidências e das materialidades do passado. Por isso, o passado se tornou esse deslugar, em deslocamento. E para alcançá-lo é necessário compreender sua essência, e utilizar múltiplas narrativas. Essa pluralidade e heterogeneidade parece ser cada vez mais um padrão da pós-modernidade, e quanto mais se escreve e pesquisa sobre, surgem mais lacunas e divergências, Bentivoglio afirma, que isso não significa que todos os limites da investigação historiográfica e as evidências empíricas devem ser abandonados, mas é preciso compreender teoricamente o perspectivismo e fragmentação.

Ou seja, a distopia surgiu primeiro no cenário literário, o que já significava a queda das energias otimistas sobre o futuro, refletindo o aumento dessa nova consciência derivada do fechamento do futuro. Com esse fundo de discussão, posicionamos *Neuromancer* como uma distopia que pode contribuir para compreender esses processos que ainda estão em desenvolvimento relacionados as reflexões de Bentivoglio sobre o crescimento da consciência distópica relacionada a crise no tempo.

2.2 A FONTE: NEUROMANCER

A fonte é o livro *Neuromancer*, desenvolvido durante 1983 e publicado em 1984, foi o primeiro romance de fôlego de William Gibson, que havia escrito alguns contos e histórias curtas anteriormente na mesma temática. Como por exemplo, “Fragments of a hologram rose” publicado em 1977 pela *Unearth Magazine*; “Johnny Mnemonic” publicada pela *Omni Magazine* em 1981; “The Gernsback Continuumm” publicada pela *Universe 11* entre outras. Foi em 1982, com “Burning Chrome” que Gibson foi nomeado para premiação Nebula pela primeira vez, e a história foi seu pontapé inicial dentro desse universo, pois foi nessa pequena história que o autor começou a utilizar o termo ciberespaço.

Neuromancer causou algumas reviravoltas dentro do mundo literário, pois, conseguia sintetizar uma série de referências desse subgênero, que posteriormente ficou caracterizado como cyberpunk, por reunir a alta tecnologia com a estética e o comportamento do crescente movimento punk nos anos 80. E *Neuromancer* se tornou um grande sucesso, continuou influenciando novas narrativas décadas após sua publicação. O livro ainda venceu a tripla premiação mais importante da ficção científica, os prêmios Philip K. Dick, Nebula e prêmio Hugo em 1985.

O sucesso da obra fez com que ela ganhasse uma continuação, intitulada “Count Zero”¹⁷ publicado em 1986 e “Monalisa Overdrive”¹⁸ em 1988. Porém, nesse trabalho nos deteremos a analisar apenas a primeira parte dessa trilogia, que tem arcos próprios e funciona como uma narrativa fechada em si própria. A escolha de trabalhar apenas com o primeiro livro se baseia principalmente no fato de que, essa obra já traz muitas questões importantes para o tamanho da pesquisa realizada, e sua continuação ser ambientada no mesmo mundo apresentado em *Neuromancer*.

Gibson tinha uma visão bastante pessimista sobre a ficção científica de seu tempo, porque segundo sua interpretação, havia se tornado conservadora em alguns aspectos, e construiu *Neuromancer* em contraposição a tudo que foi publicado nos anos 60 e 70, porém, ele se apropriou de uma série de referências, que estavam em alta na ficção científica dos anos 80. Dentre dessas inspirações, vale citar a Metal Hurlant, revista em quadrinhos francesa publicada de 1975 a 1982, e depois de 2002 a 2004, que circulou vários temas e estéticas, explorados pela ficção científica, posteriormente, nos quadrinhos, mas também na literatura e no cinema.

Segundo Evelyn Wang,¹⁹ a revista teve muito impacto nesse cenário de produções. Alguns que tiveram contato com a revista, se tornaram produtores, diretores e escritores que depois construíram obras clássicas da ficção científica. Como por exemplo, o diretor Ridley Scott, Katsuhiro Otomo criador de Akira e o próprio William Gibson. Tendo como criação Jean-Pierre Dionnet e uma série de outros colaboradores, como Philippe Druillet e Moebius. Segundo Wang, o impacto de Metal Hurlant foi principalmente trazer uma nova concepção para

¹⁷ GIBSON, William. *Count Zero*. Editora Aleph. Tradução Carlos Angelo. 2º edição. São Paulo. 2017.

¹⁸ Idem, 2017.

¹⁹ WANG, Evelyn. *The French sci-fi comic that inspired Blade Runner and Akira*. 2016. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/32448/1/the-french-sci-fi-comic-that-inspired-blade-runner-and-akira>. Acesso: julho de 2021.

os quadrinhos de ficção científica, que era bem mais sombria e gótica, mas também tinham como intuito, fazer com que os quadrinhos fossem mais respeitados, entre as produções artísticas. Podemos ver esse reflexo na adaptação da obra de Phillip K. Dick “Androides sonham com ovelhas elétricas?”²⁰ publicada em 1968, que trabalha temas próximos com os de *Neuromancer*. A adaptação cinematográfica dessa obra, “Blade Runner”²¹ do diretor Ridley Scott com outras colaborações, em 1982, trouxe um tom dentro de sua ambientação de megalópoles extremamente caóticas e sujas que foi uma referência para Gibson e posteriormente para o cyberpunk de maneira geral, em uma tendência trazida especialmente pela Metal Hurlant.

Wang afirma que é importante considerar que a Metal Hurlant, sintetizou bastante dos movimentos contra culturais que estavam acontecendo especialmente nos EUA, e das publicações underground, com um estilo europeu e especificamente francês. Posteriormente, a revista foi comprada por National Lampoon e vendida nos EUA como Heavy Metal que, no mesmo sentido, começou a publicar autores americanos promissores. Wang afirma que se a Metal Hurlant não tivesse existido conheceríamos hoje outro tipo de ficção científica. Segundo o próprio Moebius, havia uma ingenuidade e ilusão sobre a tecnologia, mas a revista subverteu isso. Ou seja, a revista foi uma publicação com muitas inovações, e trouxe maturidade para os quadrinhos que ditaram grandes tendências, para outros formatos desenvolvidos através do próprio cyberpunk, por exemplo.

Tendo em mente esse mundo de referências podemos pensar sobre o enredo de *Neuromancer*, a história se passa em um futuro próximo, depois da Terceira guerra mundial, tem como protagonista o anti-herói Henry Dorsett Case, um homem de moral bastante duvidosa, que coloca seus interesses na frente de qualquer coisa. O livro é integralmente marcado por um avanço tecnológico impactante, desde realidade virtual, até alterações corporais, prolongamento dos nossos limites biológicos, extensão do tempo de vida, inteligências artificiais, com certa autonomia, entre outros temas percorridos por Gibson. É perceptível o quanto a tecnologia é marcante na forma como o narrador abre a narrativa.

O céu sobre o porto tinha uma cor de televisão num canal fora do ar.

²⁰ DICK, Phillip K. *Androides sonham como ovelhas elétricas?* Editora Aleph. Tradução Ronaldo Bressane. 3ª edição, 2019.

²¹ BLADE RUNNER. Direção de Ridley Scott. Produção de Michael Deeley. Companhias produtoras The Ladd Company, Shaw Brothers, Blade Runner Partnership. EUA, 1982.

-Não é que esteja usando – Case ouviu alguém dizer ao abrir caminho na multidão aglomerada na porta do Chat. – Meu corpo é que se desenvolveu uma deficiência maciça de drogas – Era uma voz do Sprawl²² e uma piada do Sprawl.²³

O céu que tem cor de televisão de um canal fora do ar, nos dá o clima que predomina em todo o romance. Nesse momento de abertura da narrativa, Case está fora do ciberespaço, apenas no mundo real, porém o mundo real é tão modificado pela tecnologia, que até mesmo, a cor do céu é referência disso. Quando conhecemos Case, ele se apresenta como cowboy²⁴, um dos melhores do Sprawl²⁵. Entretanto, ele se encontra afastado dessa atividade, porque roubou seus antigos patrões que o penalizaram com a aplicação, sem seu consentimento, de uma série de toxinas em seu pâncreas que o impedem por completo de acessar a matrix. O ciberespaço, ou matrix, funciona na obra como o a realidade virtual possível de ser acessada “corporalmente”, construída por um conjunto de máquinas, os decks²⁶. É como se na extensão da rede virtual, como a internet, ainda fosse possível adentrar e experimentá-la como realidade.

Case se encontra tão desesperado para poder voltar acessar a matrix, e continuar a seguir sua carreira como um cowboy renomado, que arriscaria qualquer coisa. Por conta dessa situação, Case acaba se envolvendo em um trabalho com o misterioso Armitage, que garante que pode dissolver essas toxinas e curar Case, entretanto, ele tem que realizar um trabalho de invadir um certo sistema. Aos poucos, Case começa a desconfiar de Armitage, e descobre algumas questões sobre o seu passado. Na realidade seu nome é Willis Corto, um militar que se envolveu em uma missão que levaria um vírus chamado Toupeira IX, o primeiro vírus da história da cibernética, que seria capaz de derrubar todo um sistema. Mas foram surpreendidos pelos russos, que com seus pulsos magnéticos conseguiram apagar tudo. Totalmente rechaçado pelo fracasso da missão, Corto se tornou um mercenário, e até mesmo um ladrão. Boatos que foi cobaia de um programa experimental, que procurava reverter a esquizofrenia através da cibernética, ele foi o único sucesso de toda a experiência.

Aos poucos, Case descobre que quem está por trás de Armitage, é Wintermute, uma grande e forte inteligência artificial, que é capaz até mesmo de construir uma nova

²² Palavra de Gibson para a megacidade entre Boston e Atlanta.

²³ GIBSON, William. *Neuromancer*. Editora Aleph. Tradução de Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo, 2016, p. 23.

²⁴ Palavra de William Gibson que atualmente chamáramos de hacker, ou seja, aquele que entende de tecnologia e consegue burlar e invadir barreiras virtuais.

²⁵ Sprawl é como se chama a megacidade junção de outras cidades de Boston até Atlanta, passando por Washington e Nova York.

²⁶ Palavra de William Gibson para a máquina que permite acesso à matrix.

personalidade para uma casca vazia, acessar memórias e embaralhar sonhos. O interesse dessa inteligência artificial, é se tornar ainda mais poderosa, por isso ela encurrala Case para agir em seu favor. Ele chega a ser preso pela polícia de Freeside, uma colônia humana dentro de um corpo gravitacional, que acusa Case de ser cúmplice do plano para ampliar uma inteligência artificial, porém Wintermute consegue matar os policiais, e Case consegue fugir. Quando vai para Straylight, Case descobre que Wintermute pertence a uma grande empresa chamada Tessier-Ashpool que, deteve durante muitos anos o monopólio de certos avanços científicos, e são donos da construção de Freeside, e de seu corpo estendido Straylight. Wintermute desenvolveu seu plano para que as ações do cowboy, tornassem possível que ela se fundisse a uma outra inteligência artificial, chamada Neuromancer. Se unidas, as duas seriam tão poderosas que, seriam capazes de controlar toda a matrix.

É perceptível, por meio desse pequeno resumo da obra, que a relação entre homem e máquina é extremamente determinante para os personagens nesse futuro, considerando que a máquina vai além das alterações corporais possíveis, mas está dentro da mente através da sua conexão com a matrix. Essa mistura sem limites entre homem e máquina, promove uma severa dependência. Case não consegue viver fora do contato tecnológico e da realidade que é a Matrix. No início da narrativa, o protagonista está em uma jornada, percorrendo vários lugares em busca de alguém que possa remover as toxinas do seu corpo. Pois, para ele não faz nenhum sentido viver no mundo real.

Um ano ali e ele ainda sonhava com o ciberespaço, a esperança morrendo um pouco a cada noite. Todo o speed²⁷ que tomou, todas as voltas que deu e as esquinas de Night City por onde passou, e ainda assim ele via a matrix em seu sono, grades brilhantes de lógica se desdobrando sobre aquele vácuo sem cor... O Sprawl ficava agora a um longo e estranho caminho de distância sobre o Pacífico, e ele não era mais nenhuma cara do console, nenhum cowboy de ciberespaço.²⁸

É aparente, ao longo da narrativa, que Case está disposto a fazer qualquer coisa, inclusive se envolver em um trabalho que ele nem sabe quem está por trás, porque simplesmente, sua vida na realidade, não vale nada em comparação a sua existência na Matrix. Seu corpo é apenas uma prisão.

²⁷ Palavra de Gibson para se referir às drogas.

²⁸ GIBSON, William. *Neuromancer*. Editora Aleph. Tradução de Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo, 2016. p. 25.

Danificaram seu sistema nervoso com uma microtoxina russa dos tempos da guerra. Amarrado a uma cama de hotel em Memphis, seu talento queimando micron a micron, alucinou por trinta horas. Para Case, que vivia até então na exultação sem corpo do ciberespaço, foi a Queda. Nos bares que frequentava no seu tempo de cowboy fodão, a postura da elite envolvia um certo desprezo suave pela carne. O corpo era carne. Case caiu na prisão da própria carne.²⁹

É uma das questões centrais da narrativa de Gibson, a dependência desenfreada das máquinas, publicada nos anos 80, contexto de ascensão das novas tecnologias da computação e da comunicação, parece essa discussão ser cada vez mais necessária, pensando os passos largos que estamos dando em direção as mudanças tecnológicas.

É uma característica muito forte dentro das distopias, a presença de um anti-herói. É bastante sintomático, que nessas obras que revelam angústias e incertezas, seus protagonistas não sejam aqueles antigos heróis, sempre com a mesma fórmula, quase divinos e inalcançáveis para nós meros mortais. As distopias, demonstram muito dos problemas que envolvem a humanidade, o que significa que seus personagens não são perfeitos, ou estão em busca da perfeição. Na realidade, como todos nós, são cheios de defeitos e percorrem caminhos sombrios, o que dá destaque e veracidade a eles.

Essa nova visão sobre os personagens, é reflexo da percepção crescente acerca do fechamento das expectativas sobre o futuro, e o próprio humano, é reflexo desse mundo degradado. Isso marca uma grande ruptura em relação à literatura, que desde a antiguidade, especialmente a grega, contava com inúmeros heróis incluídos em suas mitologias que representavam coragem, nobreza e grandeza. Com o passar dos processos históricos, esses heróis passaram para outros gêneros, como o desenvolvimento do amor cortês, dentro das histórias de cavalaria. Chegando até o romance moderno, no qual o herói pretende compreender seu conflito com o mundo em sua jornada, aos poucos esses personagens se tornam anti-heróis, mais humanos e mais contestadores de suas realidades.

O anti-herói, é uma característica muito marcante em *Neuromancer*, principalmente porque Case não é um protagonista fácil de empatizar, é egocêntrico, e tem uma moral bastante flexível, considerando que se envolve em roubos através da quebra de sistemas virtuais. Sobre sua personalidade:

²⁹ Ibidem, p. 26.

Case tinha vinte e quatro anos. Aos vinte e dois era um cowboy, cowboy fora da lei, um dos melhores do Sprawl. Ele havia sido treinado pelos melhores, McCoy, Pauley e Bobby Quinw, lendas no negócio. Na época, operava um barato quase permanente de adrenalina, subproduto da juventude e da proficiência, conectado num deck de ciberespaço customizado que projetava sua consciência desincorporada na alucinação consensual que era a Matrix. Ladrão que trabalhava para outros ladrões, mais ricos, empregadores que forneciam o software exótico necessário para penetrar muralhas brilhantes de sistemas corporativos, abrindo janelas para fartos campos de dados.³⁰

Case, na realidade, é parte dessa sociedade, sua subjetividade e identidade foram construídas por esse mundo cada vez mais distante de reconhecer a própria essência da humanidade. E suas ações como criminoso, são também parte dessa estrutura que o marginalizou, por isso, podemos considerá-lo como um anti-herói que subverte os sistemas ao invadir todo tipo de informação.

2.3 WILLIAM GIBSON E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE SUA OBRA

William Gibson nasceu em Conway, no estado da Carolina do Sul, nos EUA em 17 de março 1948. Na adolescência passou a viver em Norfolk na Virgínia, sua família se mudou por conta de um bom emprego que seu pai conseguiu. Começou a escrever suas primeiras considerações no gênero da ficção científica com doze anos de idade. Em 1968, se mudou para o Canadá, temendo a convocação para Guerra do Vietnã, por isso o autor até hoje possui dupla cidadania. Aos poucos, Gibson publicou seus primeiros materiais, histórias curtas, que já se ambientavam no mundo que seria posteriormente utilizado em *Neuromancer*, seu primeiro romance escrito quando ele tinha trinta seis anos. Importante citar que, apesar de Gibson ser mais lembrado por *Neuromancer*, ele escreveu ainda mais duas obras como continuação, além de outros títulos como “A máquina diferencial”³¹ publicado em 1990, escrito com Bruce Sterling. Ainda escreveu a trilogia “Bridge” que é composta por “Virtual Light”³² de 1993, “Idoru”³³ de 1996, e “All Tomorrow's Parties”³⁴ de 1999. Em 2003 publicou “Reconhecimento

³⁰ Ibidem, p.26.

³¹ GIBSON, William. STERLING, Bruce. *A máquina diferencial*. Editora Aleph. Tradução Ludimila Hashimoto. 2ª edição. 2015.

³² GIBSON, William. *Virtual Light*. Editora Spectra Books. 1994.

³³ Idem, 1997.

³⁴ Idem, 2003.

de padrões”³⁵, em 2007 “Spook Country”³⁶ e em 2010 “Zero History”³⁷, “The Peripheral”³⁸ em 2014 entre outros títulos e o mais recente “Agency”³⁹ publicado em janeiro de 2020. Ou seja, Gibson continuou sua carreira como escritor sempre bastante atento ao presente traduzindo esses problemas em forma de literatura.

Gibson comentou, em diversas entrevistas, o quanto o contexto dos anos 80 o fez investir em uma narrativa catastrófica, que tivesse como pano de fundo o avanço tecnológico, se apresentando como complementar da nossa existência. Importante destacar que as entrevistas também se caracterizam como documento e fonte para análise da constituição da obra e do autor, porque serão caracterizadas como memória, e podem ser analisadas a partir do conceito apresentado de passado prático, para White “O passado prático é composto por todas aquelas memórias, ilusões, porções de informações errantes, atitudes e valores que o indivíduo ou o grupo convocam das melhores maneiras possíveis para justificar, dignificar, escusar, fazer um álibi [...]”(WHITE. 2018 p.16). Valorizando esse espaço de memória individual, como capaz de fornecer um conhecimento importante por ser parte de como o autor se apropriou dos contextos e das opiniões que cercaram sua obra ao redor dos anos, para entender tanto o próprio indivíduo-autor quanto a obra em si. A relação individual que Gibson desenvolveu com seu próprio trabalho de acordo com o afastamento dos anos, foi mudando de acordo com o passar dos acontecimentos históricos, mas também seu amadurecimento como indivíduo que permitiu novas perspectivas. Ao longo das entrevistas ele demonstra uma série de posicionamentos sobre *Neuromancer*, e como ele enxerga a relação do público atual com sua publicação de quarenta anos atrás. Em uma de suas entrevistas na Revista Galileu publicada em 2005, isso fica evidente, quando o entrevistador pergunta qual a diferença principal entre a visão que ele tem do mundo hoje, em relação àquela que tinha quando escreveu *Neuromancer*. O autor responde:

Neuromancer é um produto do fim da Guerra fria. Eu estava tentando imaginar um mundo que de algum modo tivesse conseguido evitar uma guerra nuclear que na época parecia inevitável. Hoje, a ameaça de uma guerra nuclear está praticamente esquecida,

³⁵ Idem, 2013.

³⁶ Idem, 2009.

³⁷ Idem, 2012.

³⁸ Idem, 2015.

³⁹ Idem, 2020.

e a resolução foi muito simples se comparada com a complexidade sistêmica imposta pelo aquecimento global, por exemplo.⁴⁰

Isso demonstra o impacto de uma experiência traumática como as guerras do século XX, e mais especificamente a Guerra Fria, que nos anos 80 ainda era uma ameaça constante. Tal fato, promoveu grandes angústias e inseguranças sobre a corrida armamentista, que participaram os EUA e a extinta URSS. Gibson destaca, algumas situações que contribuíram para que tenhamos cada vez menos esperança no futuro, apesar de não estarmos mais vivendo o período de Guerra Fria, as novas pesquisas sobre o impacto da industrialização, na natureza e na conservação do planeta, são desanimadoras. O que demonstra que nesses processos de memória Gibson consegue afirmar que com o passar do tempo essas questões de um futuro catastrófico penas se confirma.

Há uma continuidade dessa desesperança em relação ao futuro que se acentuou no final do século, sintomático do momento em que mais distopias foram escritas, assim como o público se identifica mais com essa ideia de futuro. Outra categoria que mudou consideravelmente, foi o quanto a informática e comunicação avançaram, o que nos anos 80 era apenas os primeiros passos, se consolidou nas últimas décadas. Computadores e celulares, são partes cada vez mais vitais da nossa vida, do nosso trabalho e até como lazer, através das redes sociais. Sobre isso, na mesma entrevista, Furoni questiona Gibson, se a revolução tecnológica no início desse século, ele viu um interesse semelhante aos anos 70 e 80 pela ficção científica.

Nos dois períodos, nós vemos a linguagem da imaginação científica como um elemento da cultura popular. Mas eu tenho dúvidas sobre o quanto esse interesse realmente recuou depois da Revolução Industrial. De fato, existem picos em vários momentos, mas tenho a sensação de que o interesse nunca desapareceu completamente.⁴¹

Ou seja, para Gibson a ficção científica, e a literatura, sempre acompanharam esses processos históricos, ao adaptar e tornar ficcional, situações que passamos nas nossas experiências, ou até mesmo sintetizar um sentimento coletivo. Com a obra de Gibson é notável o quanto ela parece fazer ainda mais sentido para o leitor do século XXI. Sobre isso, o

⁴⁰ FURONI, Evandro. *Entrevistamos William Gibson, o pai do cyberpunk*. Revista Galileu. 2005. Disponível: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/03/entrevistamos-william-gibson-o-pai-do-cyberpunk.html>>. Acesso em julho 2021.

⁴¹ Ibidem.

entrevistador pergunta a Gibson, se em um mundo de WikiLeaks e Edward Snowden são debatidos constantemente, é crescente o interesse pelas histórias que ele havia escrito trinta anos atrás. Gibson para Furoni (2005) afirma “Eu gosto de pensar que contribuí de algum modo para construir uma literatura capaz de examinar essas tendências da nossa sociedade de modo um pouco mais realista.”

Ainda sobre as novas tecnologias, e sobre como Gibson foi capaz de demonstrar, em sua obra, como ela se tornariam determinantes em nossa vida, o entrevistador questiona, se é um desafio para os escritores implementarem nas suas narrativas sobre as novas tecnologias de leitura como os tablets. Gibson afirma “Dada a ênfase que havia nos anos 80 sobre o futuro do hipertexto, eu acho notável, visto que vivemos agora em um mundo que consiste basicamente de hipertextos, que a maioria das histórias se mantenha no formato tradicional.” (FURONI, 2005.)

Gibson reflete sobre sua própria obra, em sua entrevista mais recente, para a Revista Time, em janeiro de 2020, intitulada “O romancista de ficção científica William Gibson sobre a invenção do termo 'ciberespaço' e como as inteligências artificiais podem ser verdadeiramente inteligentes.”⁴² O autor responde sobre seus erros e acertos, considerando *Neuromancer*, quando o entrevistador pergunta sobre ele ser creditado por uma certa clarividência sobre a internet, e se teria algo que ele teria errado. Sobre sua resposta:

Eu posso imaginar um garoto brilhante de 12 anos pegando o Neuromancer [de 1984] e pensando que é um livro sobre algo acontecendo com todos os telefones celulares, porque eu não os previ. Às vezes, estive certo e errado ao mesmo tempo. Não conseguia imaginar o colapso completo da União Soviética, então o escrevi como uma espécie de remanso econômico não totalmente capitalista. Se eu simplesmente chamasse de Rússia, eu estaria certo.^{43 44}

⁴² Em tradução livre do original: “Sci-fy Novelist William Gibson on the invention of the term “Cyberspace” and how AI could be trully intelligent.”

⁴³ KUGLER, Jefrey. “Sci-fy Novelist William Gibson on the invention of the term “Cyberspace” and how AI could be trully intelligent.”. Revista Time. 2020. Disponível em: <<https://time.com/5770124/author-william-gibson-new-book-interview/>>. Acesso em julho de 2021.

⁴⁴ Tradução livre do original: I can imagine a bright 12-year-old picking up [1984’s] Neuromancer and thinking it’s a book about something happening to all the cell phones because I didn’t predict them. Sometimes I’ve been right and wrong at the same time. I could not imagine the complete collapse of the Soviet Union, so I wrote it as sort of non–fully capitalist economic backwater. If I had simply called it Russia, I’d have been right on the dot.

Ele aparentemente não gosta do rótulo de “vidente”. Aliás, demonstra também não se sentir confortável quanto a invenção do cyberpunk, ou mesmo, do termo ciberespaço. O entrevistador lhe pergunta, sobre a ele serem creditadas as noções de cyberpunk e ciberespaço. Gibson comenta:

Lembro-me, no início de minha carreira, em um caderno no qual escrevi o espaço aeroespacial (infospace) e o espaço de dados (dataspace), e eles pareciam terrivelmente desagradáveis. Então eu escrevi o ciberespaço (cyberspace) e ele simplesmente rolou da língua. Desde então, descobri que um artista escandinavo o usava anteriormente em uma pintura abstrata. Cyberpunk não é minha moeda. Eu estava com um grupo de escritores de ficção científica e alguém nos chamou assim, e eu disse: "Não compre isso". Já éramos marginalizados como escritores de ficção científica. O cyberpunk nos marginalizaria ainda mais.^{45 46}

Ainda sobre esse assunto, para a revista Galileu o entrevistador pergunta se o incomoda ser chamado de visionário e pai do cyberpunk.

De fato eu tive algumas visões de algo vagamente parecido com o que a internet acabou se tornando, mas elas não estavam 100% corretas. Já o rótulo de “cyberpunk” não foi minha ideia, apesar de minhas ideias serem possivelmente muito cyberpunks. Na época, eu estava apenas procurando alternativas para revitalizar a ficção científica como algo pop.⁴⁷

É evidente o posicionamento de Gibson, nessas declarações, sobre como o contexto e essa nova visão de futuro fatalista alimentaram as tendências presentes em seu tempo, e em sua obra se apropriou de vários desses aspectos. É importante indicar que Gibson é mal entrevistado, e apenas com esses poucos exemplos, podemos afirmar que na maioria das vezes o que os jornalistas estão interessados mais se ele trouxe clarividência sobre o futuro, do que realmente entender qual eram as especificidades do seu livro. O tempo todo parece que Gibson tenta se justificar sobre seus “erros” sendo que essa nem deveria ser a questão, pois sua obra nunca teve essa pretensão. A discussão ao redor do livro continua muito atual, e por isso ainda

⁴⁵ KUGLER, op.cit.

⁴⁶ Tradução livre do original: I remember early in my career looking at a yellow legal on which I wrote down infospace and dataspace, and they just looked woefully unsexy. Then I wrote cyberspace and it just rolled off the tongue. Since then I've discovered that a Scandinavian artist previously used it in an abstract painting. Cyberpunk is not my coinage. I was with a group of sci-fi writers and someone called us that, and I said, "Don't buy this." We were already marginalized as sci-fi writers. Cyberpunk would marginalize us further.

⁴⁷ FURONI, op.cit.

insistem nessas mesmas perguntas, o que torna as entrevistas difíceis de realmente abordarem sua obra pela sua singularidade.

Ainda pensando nessa reflexão podemos destacar “O céu sobre o porto”⁴⁸, texto de 2004 e incluído na quinta edição brasileira de *Neuromancer*, de 2016, Gibson comenta, refletindo sobre o início do livro – e sua marcante frase sobre céu do porto ter a cor de uma televisão fora do ar:

Levei pelo menos uma década para perceber que muitos dos meus leitores, mesmo em 1984, jamais poderiam ter vivenciado a frase de abertura de *Neuromancer* do jeito que havia imaginado que eles vivenciassem. Na verdade, compus aquela primeira imagem com a estática preto e branco do vídeo da minha infância em mente, prateada de sódio quase dolorosa – um tremendo anacronismo, bem no exato começo da minha carreira no futuro imaginário.⁴⁹

Gibson comenta que lia muita ficção científica em sua adolescência, a maioria da década de 40, que foi um período muito produtivo para o gênero, porém era necessário um esforço para compreender ficções que, exageraram demais na questão técnica, mas esses futuros foram passados pela própria história.

Dava a essas ficções justamente o tipo de desconto extra em troca de valor que a narrativa pudesse oferecer, que alguns leitores devem estar dando a *Neuromancer* hoje: não para anacronismos invisíveis como a minha cor na televisão, mas por pecados inevitáveis de omissão da ordem de uma completa ausência de pequenos e ubíquos telefones portáteis. (Na verdade um dos meus momentos favoritos do livro está no toque em sequência de uma fileira de telefones públicos.⁵⁰

Isso reforça muito a visão que ele já aponta nas entrevistas, a de que seu livro não foi uma tentativa de acertar o futuro, e que ele naturalmente, apresenta anacronismos em relação à tecnologia que hoje parecem óbvios aos nossos olhos, mas não faziam sentido nos anos 80. Ele comenta que se um romance dos anos 60, tivesse previsto com detalhes a tecnologia de telefonia móvel, e a desenvolvesse exatamente como conhecemos hoje, teria sido encarado como peculiar

⁴⁸ GIBSON, William. *O céu sobre o porto*. In: *Neuromancer*. Editora Aleph. Tradução de Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo. 2016.

⁴⁹ Ibidem, p. 13.

⁵⁰ Ibidem, p. 14.

para quem viveu aquele presente. Gibson comenta como ele mesmo era um leigo sobre os avanços tecnológicos dos anos 80.

Olhando em retrospecto, suspeito que *Neuromancer* deva grande parte de sua longevidade editorial à minha quase perfeita ignorância da tecnologia que eu estava extrapolando na época. Estava tão distante do autor dos anos 60 que sabia tudo sobre celulares quanto era possível estar. As partes que criei inteiramente por minha conta permanecem com aspecto interessante. Já nas partes em que fui infeliz o bastante para usar o pouco conhecimento real de que eu dispunha, o leitor vai encontrar coisas como as teclas de uma impressora mecânica, ou a integrante necessidade urgente que Case tem, quando surgem problemas de um modem. Outra imensa omissão é a minha falha em ter discretamente provocado o colapso da União Soviética e varrido os destroços para baixo do tapete quando ninguém estava olhando.⁵¹

Tratando da supressão de estruturas já pré-existentes no seu mundo contemporâneo dos anos 80, ele fala sobre os EUA:

Embora houvesse uma razão estratégica para que não fizesse [colapso da URSS], eu já havia feito isso aos Estados Unidos, que não se sabe se existem mais no mundo de *Neuromancer*. A coisa deliberadamente, nunca é mencionada, e as pessoas meio que vagamente concluem que os EUA devem ter de algum modo se desintegrado como parte daquilo que hoje chamaríamos de globalização, para ser substituído por alguma combinação menos perigosa de grandes corporações e cidades-estado.⁵²

Em *Neuromancer*, há destaque para o desenvolvimento econômico, seguindo o que alguns chamam de hipercapitalismo, que é parte do neoliberalismo que, a partir de então, se disseminou como tecnologia política e se intensificou sobretudo com a aceleração tecnológica. É perceptível no mundo construído por Gibson, em um contexto hipermoderno, as grandes corporações agem de forma totalitária e ditatorial, como a Tessier-Ashpool, que tem tantos monopólios que seu alcance é imensurável, o poder de suas inteligências artificiais também demonstra isso.

Para encerrar, Gibson afirma que quando escreveu sua obra, havia pouca expectativa sobre seu sucesso, muito menos que ela continuaria a ser publicada depois de vinte anos. Na época, lhe parecia improvável que conseguisse terminar o livro, ou que o editor aceitasse o manuscrito. Também afirma que tinha pouca fé no público americano, porque *Neuromancer* ia

⁵¹ Ibidem, p. 14.

⁵² Ibidem, p. 15.

na contramão do que era a ficção científica norte americana, e presumia que a obra iria melhor na Inglaterra e na França.

Assim como Case no clímax do livro, eu estava subindo numa curva íngreme, impulsionado por...Eu não saberia dizer a vocês, embora um dos elementos fosse um ressentimento terrível que eu sentia em relação ao gênero que adorava quando adolescente parecia ter se tornado aquele meio-tempo. Embora soubesse que não tinha a intenção nem a menos esperança de que o que estava fazendo, datilografando minha brochura original *Ace Special* em uma quase antiguidade manual portátil, fabricada com a qualidade da pressão suíça, mudaria, de algum modo, o curso da ficção científica. (E aparentemente não mudou mesmo, exceto por ajudar a manter algumas portas que certamente nunca construí, portas que havia encontrado na adolescência, com nomes como “Bester” e “Leiber” escavados em suas molduras.)⁵³

Ou seja, Gibson demonstra a partir de sua memória sob sua própria trajetória, que a publicação de seu romance foi um tiro no escuro. Ele esperava sim, que tivesse alguns leitores, mas não que seu livro se tornasse um sucesso e que recebesse tantos prêmios. E por isso afirma diversas vezes, que não se sente como alguém que simplesmente previu o futuro ou que criou uma nova forma de ver a ficção científica, posteriormente chamada de cyberpunk, e aponta seus erros e anacronismos. Essas discussões ainda são muito conectadas a sua obra especialmente porque houve uma continuidade das mesmas perguntas sobre sua clarividência, que faz com que ele tente se desgrudar desses rótulos.

2.4 O CONTEXTO DOS ANOS 80

Como Gibson viveu durante muitos anos nos EUA, e posteriormente no Canadá, percebemos também em suas entrevistas, o quanto esses processos históricos do fim do século XX, mais especificamente o contexto norte-americano, foram importantes para que o autor enxergasse um futuro, no qual deixasse entrever várias tendências em relação ao seu presente dos anos 80. Como por exemplo, o avanço tecnológico inevitável, que traria profundas transformações para humanidade, representado por um homem totalmente dependente da tecnologia para existir.

⁵³ Ibidem, p. 16.

Por essa razão, é pertinente destacar, o impacto dos processos históricos na produção da obra, e como o Gibson percebeu e se apropriou criando a partir de sua leitura sobre o contexto norte-americano dos 80, construiu seu futuro na narrativa. Segundo Gustavo Freixo,⁵⁴ os anos 80 nos EUA foram um momento de ápice para a indústria do entretenimento, que desenvolveu em uma nova fase de possibilidades e exploração de consumo dando corpo a uma cultura juvenil baseados a partir de músicas e hits que caracterizavam a época, programas de televisão e produções de Hollywood, que ditavam também novas tendências na moda.

A indústria do entretenimento conectada à mídia e à publicidade se tornaram uma grande força nos anos 80. As propagandas tinham como foco principal o desenvolvimento individual a partir do consumismo, que deveria ser resultado do trabalho duro através de uma lógica compensatória. O “american way of life” definia exatamente que a qualidade de vida dentro do capitalismo advinha exatamente da possibilidade de comprar, o que era utilizado como um discurso positivo contra as políticas soviéticas, que levavam a outra lógica, que na visão norte-americana era igual ao baixo padrão. A mídia era responsável por criar uma ideia de que a maneira de alcançar sucesso e felicidade para as famílias norte-americanas era pelo consumo de uma diversos produtos, e a indústria cultural também entrou dentro desse discurso.

Fenômenos começaram a aparecer, como a franquia Star Wars, novos brinquedos e figuras de ação relacionadas aos filmes, muitas coleções foram montadas nesse período, trazendo novos desejos de consumo. Novas tecnologias, como o VHS (Video Home System) e o início de uma grande indústria de vídeo games, com o lançamento do Atari 2600 que foi evoluindo. Gibson comenta que esse imaginário dos jogos realmente o marcou para construir a ambientação em *Neuromancer*. Em entrevista para a Folha de São Paulo em 2003, o autor comenta:

“Um dia parei para observar algumas crianças em uma daquelas antigas casas de fliperama, com máquinas enormes em que você enfiava moedas para jogar. Os jogos não eram tão interessantes, eram apenas pontos se movendo na tela. Mas, na postura dos jogadores diante delas, vi um tipo de paixão física, percebi que o lugar que essas crianças queriam estar era dentro do jogo, do outro lado da tela, tomando parte daquele mundo virtual que elas estavam presenciando. E eu acertei na mosca”, diverte-se o escritor, sem falsa modéstia, em entrevista à Folha, de Vancouver, no Canadá. “A Matrix teve sua origem nos primeiros jogos eletrônicos, nos primeiros programas gráficos e nas experiências militares envolvendo conectores cranianos. No monitor

⁵⁴ FREIXO, Gustavo Montalvão. *Sob a sombra do apocalipse: o medo do fim do mundo nas revistas em quadrinhos da Guerra Fria reaganista (1980-1989)*. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de ciências humanas e filosofia. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2016.

Sony, uma guerra do espaço bidimensional desaparecia atrás de uma floresta de brotos gerados matematicamente", escreveu.⁵⁵

É perceptível o quanto essa sensação de Gibson, sobre como as crianças gostariam de estar dentro dos jogos, se confirma com os avanços gráficos e técnicos dessas plataformas (poderíamos falar, inclusive, dos investimentos constantes para a construção da realidade virtual, e do já existente mercado de objetos – óculos, por exemplo – de criação da chamada realidade virtual). Sobre essa sensação, em *Neuromancer*, o narrador chega a comentar essa semelhança ao explicar o que seria a matrix:

A Matrix tem suas raízes em games de fliperama primitivos", disse uma voz em off, "nos primeiros programas gráficos e experiências militares com plugues cranianos". No Sony, uma guerra espacial bidimensional desvanecia atrás de uma floresta de samambaias geradas matematicamente, demonstrando as possibilidades espaciais de espirais logarítmicas; resquícios de filmes militares azulados e queimados, animais de laboratório conectados por fios a sistemas de teste, capacetes, alimentando circuitos de controle de tanques de aviões de guerra. "Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos... uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável, linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados de constelações de dados. Como luzes da cidade, se afastando..."⁵⁶

Ficar fora dessa realidade virtual, é apresentada como uma impossibilidade. Case, simplesmente abomina tudo que faz parte da sua existência corporal real, e inclusive os próprios lugares do mundo fora da realidade virtual.

Night City era como uma experiência mal sucedida de darwinismo social, projetada por um pesquisador entediado que não tirava o dedo do botão de fast-forward. Pare de assaltar e você afunda sem deixar rastro, mas mova-se um pouco rápido demais e você quebra a frágil tensão da superfície do mercado negro; de qualquer uma das maneiras, você já era, e não sobra nada seu a não ser uma vaga lembrança na mente de uma figura tipo Ratz, embora o coração, os pulmões ou os rins possam sobreviver a serviço de algum estranho que tenha neoíenes⁵⁷ para pagar os tanques das clínicas.⁵⁸

⁵⁵ ASSIS, Diego. *Profeta do ciberespaço enfrenta a realidade*. Revista Folha de São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u39543.shtml>>. Acesso em julho de 2021.

⁵⁶ GIBSON, William. *Neuromancer*. Editora Aleph. Tradução de Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo, 2016, p. 77.

⁵⁷ Palavra de Gibson para uma forma de dinheiro virtual.

⁵⁸ GIBSON, op.cit., p. 28.

Sobre esse espaço fora da matrix, na narrativa, a tecnologia auxiliou o crescimento industrial muito veloz e novas invenções, a mudança ambiental não é diretamente trabalhada em *Neuromancer*, porém, seguindo na ambientação uma estética punk, podemos indicar que esse futuro é um lugar de megalópoles. Sobre o Sprawl:

Em casa.

A casa era o BAMA, o Sprawl, o Boston-Atlanta Metropolitan Axis: Eixo metropolitano Boston- Atlanta. Programe um mapa para exibir frequência de troca de dados, sendo cada gigabyte um único pixel em uma tela muito grande. Manhattan e Atlanta brilham como um branco incandescente. Então, começam a pulsar: a taxa de tráfego ameaça sobrecarregar sua simulação. Seu mapa vai virar uma supernova. Esfrie o mapa. Aumente a escala. Cada pixel vale um milhão de megabytes. A cem milhões de megabytes por segundo, você começa a distinguir certos quarteirões no centro de Manhattan, os contornos de parques industriais de cem anos de idade ao redor do núcleo antigo de Atlanta.⁵⁹

Ou seja, ambientação é muito urbanizada, e conectada com a técnica que mudou as feições dessas cidades e também do mundo. É importante destacar que a questão de uma urbanização “acerelada” marca toda a obra. O que significa que essas megalópoles são preenchidas para parecer um lugar caótico, mesmo que altamente tecnológico, ainda se sobrepõe o aspecto de total desordem⁶⁰. Case abomina totalmente esses espaços, e por isso, faz uma série de tentativas de reaver sua possibilidade de entrar na matrix, gasta todo seu tempo e dinheiro nessas tentativas que falham.

Seu saldo total foi rapidamente convertido para neoienes, uma pilha gorda do velho dinheiro de papel que circulava sem fim pelo circuito fechado dos mercados negros do mundo como as conchas marinhas dos ilhéus trobriandeses. Era difícil fazer transações comerciais legítimas com dinheiro vivo no Sprawl, no Japão já era ilegal. No Japão, ele sabia com uma certeza inabalável e absoluta que encontraria sua cura. Ou em uma clínica registrada ou na terra de sombras da medicina negra. Sinônimo de implantes, junções neurais e micro biônica. Chiba era um ímã para subculturas tecnocriminosas do Sprawl. Em Chiba, viu seus neoienes desaparecerem numa rodada de dois meses de exames e consultas. Os homens das clínicas clandestinas, sua última esperança, haviam admirado a expertise com que ele fora mutilado[...] ⁶¹

Em nossa leitura, Gibson demonstra, através do narrador, que os humanos se tornariam rapidamente dependentes de todas essas novas máquinas que estavam surgindo. O que somente

⁵⁹ Ibidem, p. 67.

⁶⁰ Cf. MARTINS, Diôgo Lemes. *Cenários distópicos e mundos utópicos: cidades cyberpunk e os horizontes ficcionais do urbanismo na globalidade*. (Mestrado em sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

⁶¹ GIBSON, op.cit., p. 26.

se aprofundou com a evolução delas no século XX, estamos cada dia mais interessados e preocupados com a nossa versão virtual, nas redes sociais, por exemplo. Para White dentro do passado prático “[...] todo esse artifício está sendo usado para reunir, perante a imaginação, um referente histórico real [...]. Em outras palavras, os recursos literários [...], servem para produzir uma lente ficcional que busca justificar um julgamento (de tipo ético ou moral) em um mundo real de fato histórico” (WHITE. 2018. p. 12). Segundo essa perspectiva, a obra seria capaz de justificar o mundo real histórico a partir da ficção, elaborando significados e conhecimentos importantes a partir desse movimento.

A infelicidade e insegurança que perpassam a obra são parte da angústia coletiva, ocasionada pelos encaminhamentos das tensões entre os EUA e a URSS. Nos anos 80, é bastante marcante nos EUA, as eleições que tornaram Ronald Reagan presidente, seu mandato foi de 1981 até 1988. As decisões tomadas pelo governo durante esse período, foram essenciais para que os EUA continuassem a ser uma potência mundial, recuperando o reequilíbrio da corrida armamentista contra a URSS. Dentro das especificidades do contexto norte-americano Gibson escreveu uma obra imbricada da sua leitura sobre o mundo naquele momento, que se desdobrou em uma distopia, o que significa em si uma visão particularmente pessimista sobre o presente e futuro.

Ainda sobre o contexto vale destacar, que a década anterior trouxe uma série de dificuldades pros EUA, principalmente causadas pela crise econômica, empurrada pelos valores de importação do petróleo, o que gerou muito desemprego, e os altos gastos militares também aprofundaram essa conjuntura. As consequências foram péssimas em vários sentidos: dos questionamentos a respeito dessa forma de política, às pressões sociais advindas do crescimento do desemprego, entre outros.

Com todos esses problemas no contexto norte-americano, havia uma grande expectativa em relação às eleições entre Jimmy Carter, democrata então no cargo da presidência, contra Ronald Reagan, republicano que representava uma parte da população bastante conservadora. Segundo Freixo, a posição de Reagan fez ressurgir e impulsionar uma defesa do conservadorismo nos EUA, porém, o historiador reforça que, esse conservadorismo não é uma novidade no cenário norte-americano, e sim é um pensamento que é um fluxo. De tempos em tempos, se enfraquece e se fortalece, e Reagan conseguiu concentrar em sua figura, a representação de uma nova onda conservadora.

Reagan não era considerado um político forte: nascido em Tampico, no estado de Illinois, graduou-se em economista e mudou para Los Angeles em busca de sua carreira de ator. De acordo com Freixo, Reagan chamou atenção no cenário político principalmente com seu discurso crítico, acerca da posição relaxada do governo norte-americano, que quase pregava conciliação com os soviéticos. Reagan, sempre recorreu a uma defesa do retorno da moralidade estadunidense, e usava a religião como apoio, para colocar valores que deveriam ser prezados como: lealdade, honestidade e preocupação com a comunidade.

Reagan conseguiu sintetizar em seu discurso, algo que os norte-americanos pensavam depois da movimentação cultural que foi a década de 60 e 70. Freixo aponta para algo que é crucial na eleição de Reagan, ela foi movida também por conta de uma grande parcela da população, estar insatisfeita com o modelo econômico seguido anteriormente. A partir do Estado de bem estar social, que atuava com muita intervenção na sociedade, a partir da priorização do financiamento de programas e ações que deveriam promover os interesses coletivos.

É característico o descontentamento com esse modelo, que prezava muito mais a coletividade, enquanto o individualismo crescia e se difundia na sociedade norte-americana como um valor. Em oposição ao Estado de Bem estar social, cresceu o conservadorismo, com um discurso muito focado na posição do Estado como ausente das relações econômicas, dando os primeiros passos para o desenvolvimento do neoliberalismo durante o governo Reagan.

Freixo ainda retoma o caso da renúncia do presidente Richard Nixon, como uma parte importante, para compreender porque o conservadorismo retornou. O caso Watergate em 1974, durante a investigação contra o presidente ficou evidente que Nixon conhecia as operações ilegais contra a oposição. Houve a invasão do escritório do partido democrata, e tentativa de grampear telefones para utilizar as informações confidenciais. Logo ficou comprovado que Nixon estava chefiando o esquema. Seu envolvimento criminoso, movimentou um processo de impeachment, seguido de sua renúncia. Esse episódio abalou profundamente a relação dos norte-americanos com a política, pois tornou-os desconfiados dos partidos e políticos, isso fez o discurso de menos intervenção política na economia e na sociedade crescer. Além de que, desorientou a base democrata, firmada nos últimos anos com esse tipo de ideologia política

Com um projeto bastante ofensivo, Reagan foi eleito presidente dos EUA, o que certamente teve bastante impacto, para a consolidação de algumas incertezas e angústias por

conta da Guerra Fria. Os anos 80, portanto, trouxeram uma insegurança que sustentou todo um imaginário apocalíptico que nutriu diretamente os produtos culturais.

Essas questões são importantes para compreender a ambientação futura construída em *Neuromancer*, porque esse imaginário alimentado por esse contexto de conflito, foi aos poucos fechando o futuro como possibilidade, o que deu corpo para o pensamento que está presente nas distopias literárias. O governo de Reagan, foi marcado pela política ofensiva de investimentos militares como uma necessidade, considerando os avanços da URSS na década passada. Para Rodrigues,⁶² a URSS alcançou paridade nuclear com os EUA, e continuou crescendo industrial e tecnologicamente, fato que acelerou muito a corrida armamentista. Nos anos 60 e 70 URSS se consolidou com uma potência mundial, e sua influência aumentou gradativamente, mas haviam grandes contradições dentro desse sistema. Atualmente, é possível afirmar que haviam graves problemas econômicos e de gestão, que levaram a uma desaceleração já na década de 70, isso se prolongou aos anos 80, que foi um momento de implementar reformas como medidas urgentes.

Apesar dessa estagnação soviética, os norte-americanos atravessavam também uma crise econômica, Freixo afirma que a popularidade de Reagan caiu consideravelmente, após suas medidas econômicas não serem suficientes para conter as dificuldades. E na competição com a URSS, Reagan aumentou o orçamento militar e não aceitava apoiar nenhum tipo de conciliação, porém o corte de impostos, trouxe um aumento do déficit norte-americano. Reagan, acreditava que os EUA deveriam manter uma postura ativa e ofensiva, e por isso o governo vinculava abertamente que a URSS havia superado os norte-americanos, como justificativa para o aumento gradual de gastos. Buscavam não repetir os acontecimentos da Guerra do Vietnã, financiando governos, principalmente, na América Latina, para manter sufocado qualquer movimento contrário.

O governo Reagan, não foi responsável pela queda da URSS, mas teve sua importância na manutenção da postura ofensiva, que ocasionou muita pressão nos soviéticos, pela possibilidade continua de um ataque. Rodrigues pontua grandes problemas econômicos na URSS, e afirma que parte desse problema era o regime instituído.

⁶² RODRIGUES. Robério Paulino. *O colapso da URSS: um estudo de causas*. Tese (Doutorado em história). – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

A negação das liberdades democráticas básicas; a opressão e rígido controle do sistema sobre a sociedade, que impunham o medo permanente; a distância entre a propaganda oficial “socialista” e a prática da burocracia, recheada de privilégios, pompas e mentiras, levaram a um processo crescente e generalizado de abatimento moral, desmotivação, desinteresse em relação ao trabalho e de apoliticismo dentro da sociedade soviética. Conscientes dos riscos de perseguição que o regime fazia a qualquer dissidência, da desconfiança perante qualquer crítica, o povo soviético reagia afastando-se tonando-se indiferente para com as metas do regime e das empresas.⁶³

Essa estagnação contribuiu muito para o esfacelamento do regime, os gastos militares ajudaram a esgotar a economia da URSS, estirada pela corrida armamentista nos anos 80, o que foi insuportável para a economia já fragilizada. Em 1985, os soviéticos, através de Gorbachev, anunciaram ao mundo reformas que mudaram totalmente o cenário. Perestroika e Glasnost que previam uma reestruturação, considerando a estagnação do modelo de crescimento econômico, associado a um atraso tecnológico cada vez maior em relação ao Ocidente, crise de desmotivação, além dos imensos gastos militares. Rodrigues afirma, que essas reformas foram resultado das mudanças na sociedade soviética, a população se tornou mais urbanizada e mais escolarizada, o que gerou uma pressão cada vez maior por uma mudança de estrutura política.

2.5 O MOVIMENTO PUNK E NEUROMANCER

O contexto político dos anos 80, teve um impacto bastante importante na sociedade e na cultura, considerando que esse retorno ao conservadorismo foi uma resposta ao avanço dos movimentos sociais, durante a década de 60 e 70 nos EUA. Interessa-nos mais especificamente, o crescimento e consolidação do movimento punk, porque depois que Gibson escreveu sua obra, muitos especialistas a caracterizam como cyberpunk, exatamente porque desde o comportamento do protagonista, até a estética desse mundo futuro, passam por essa imagem desenvolvida pelos punks.

O movimento punk é bastante amplo, e por isso é difícil caracterizá-lo, especialmente porque se espalhou pelo mundo, através da música, da arte e até mesmo como forma de comportamento e resistência, se constituiu como um conjunto de ideias e também como um

⁶³ Ibidem, p. 189.

estilo de vida. Sua origem é datada nos anos 70, uma resposta à ascensão conservadora no poder, e a grande crise econômica que gerou uma enorme margem de desemprego.

Para Ivone Gallo,⁶⁴ esse contexto de aumento do conservadorismo apenas contribuiu para uma falta de esperança com o futuro, principalmente para os jovens mais pobres, que tinham poucas oportunidades nesse mundo em recessão econômica. A discriminação e a falta de liberdade, também são questões essenciais para entender esse movimento social. Dentro do contexto norte-americano e no governo de Ronald Reagan, o conservadorismo se apoia em um moralismo, que tem como objetivo recuar os movimentos sociais que buscavam mais direitos às minorias.

O slogan “No future”, da música “God save the queen”⁶⁵, de Sex Pistols, é sintomático para explicar o que foi o movimento punk, e quais eram as expectativas que esses jovens tinham na época. Desde os anos 70, o punk ganhou destaque pela música, plataforma a qual era transmitida sua ideologia, e as performances que demonstravam seu comportamento transgressor. Gallo afirma, que ainda nos anos 70, os punks foram massacrados pela mídia, que buscava desvirtuar seus ideais os classificando apenas como rebeldes e baderneiros. E com esse esvaziamento de suas ideologias, houve também uma massificação desse comportamento, através da venda e consumo de sua estética. Nos anos 80, os punks recuaram e recusaram qualquer coisa relacionada à mídia e ao mercado, por isso reuniões e shows passaram a ser com equipamentos mais rudimentares, e a lógica da venda de arte dentro do movimento, passou a ser de forma mais orgânica, bem distante da grande indústria fonográfica.

Gallo afirma, que essa retirada dos punks, fez com que eles se aproximassem muito do anarquismo como ideologia política, porém é bastante complicado afirmar que todos os punks sejam anarquistas, porque existe uma série de divergências dentro do próprio anarquismo.

Sequer formamos uma ideia acabada sobre o significado do anarquismo na perspectiva punk, uma vez que, se inquiridos sobre o assunto, eles sempre se declaram, antes de mais nada, punks. Ao mesmo tempo, se inquiridos sobre o que é punk, afinal de contas, a resposta permanece vaga, na medida em que esta definição possa ser mais ou menos elástica de acordo com cada um. Em torno destes posicionamentos indeterminados ocorrem fragmentações dentro do todo diversificado do punk e os mais puristas rejeitam a adesão ao anarquismo apontando este vínculo como um dos fatores responsáveis pela

⁶⁴ GALLO, Ivone Cecília D’Avila. *Punk: cultura e arte*. Revista Varia História. Belo Horizonte. Vol. 24, nº 40. p 747-770, 2008.

⁶⁵ SEX PISTOLS. *God save the queen*. Londres. 1977. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yqrAPOZxgzU>>. Acesso em julho de 2021.

perda da espontaneidade do punk que carregava isto como uma de suas características principais.⁶⁶

Com tanta diversidade há uma dificuldade de classificar o movimento, considerando que ele se espalhou por vários lugares, inclusive para o Brasil. O punk se transformou muito, por ser entendido como vivência e cada punk vive o movimento de forma diferente. É característico, seu aparecimento como resposta ao contexto de desemprego, autoritarismo, conservadorismo, que alimentou uma descrença que gerou uma repulsa pelos padrões da civilização, o que levou a um comportamento de quebra desses padrões.

O uso da violência pelos punks, é parte desse comportamento antissistema usado para enfrentar a realidade. No caso do punk essa agressividade tem como objetivo causar desconforto em relação ao governo, à família e à sociedade, o que demonstra uma ruptura com os movimentos anteriores, como os hippies, por exemplo, que pregavam ideais de paz e felicidade. Segundo Gallo:

A estética punk que privilegia o sujo, o escuro, a violência, visa representar o produto mais puro da civilização moderna enquanto dejetos. O mundo em que vivemos, então, é experimentado como distopia. Não há felicidade, nem futuro, e ao contrário do que cultivavam os hippies na sua esperança pela harmonia vindoura, o punk adere à revolta, ao desespero e à tristeza profunda como marcas distintivas. Neste sentido, reporta-se ao hippie como o protótipo do alienado, o que mergulhou na lógica do sistema acreditando combatê-lo e que produz uma linguagem (música) dependente de um aparato tecnológico sofisticado, incapaz, portanto, de rompimento com o sistema.⁶⁷

A sociedade estava pouco preparada para as reflexões que os punks traziam e, a mídia foi fundamental, para passar uma noção de criminalidade ao difamar os participantes. Considerando essas características do movimento punk, e sua visão pessimista da realidade, podemos indicar, que a obra de Gibson faz parte desse mesmo processo, no qual os acontecimentos catastróficos, decorrentes dos processos de industrialização e modernização, que traziam tantas promessas, acabaram apenas em guerra e destruição. Aos poucos, isso foi minando a esperança de que algo mude, e abre brecha para que esse futuro distópico apareça cada vez mais forte, por fazer cada vez mais sentido.

⁶⁶ GALLO, op.cit., p, 752.

⁶⁷ GALLO, Ivone. *Por uma historiografia do punk*. Revista do programa de pós-graduados em história (PUC-SP). Projeto História nº 41. 2010, p. 288.

No comportamento do protagonista Case, podemos interpretar uma identificação muito grande em relação ao punk. Apesar de usar outras ferramentas, Case, por ser um hacker, sempre está indo contra o sistema. Podemos confirmar isso, com a visão dúbia que alguns hackers possuem no presente, como por exemplo o australiano Julian Assange, que em 2006 fundou o site WikiLeaks e chamou a atenção ao publicar documentos sigilosos do governo norte-americano. Vazando milhares de informações confidenciais sobre a guerra do Iraque e Afeganistão, que demonstravam crimes cometidos por tropas dos EUA e de seus aliados. Enquanto o governo norte-americano queria prender e condenar Assange, outros países ofereceram asilo político. Isso demonstra que Assange era visto por parte da opinião pública como interessado por defender a liberdade de informação (mesmo que ele estivesse usando o poder dessa informação para o seu próprio benefício), mas também foi visto como criminoso, culpado por causar uma crise diplomática e conspirar contra nações. Essa visão dúbia de hacker se acentua em relação a Case, quando ele se posiciona contra o desejo da inteligência artificial de ser onipresente dentro do ciberespaço, um acontecimento quase naturalizado dentro da ambientação altamente tecnológica que as máquinas se tornem mais poderosas do que a humanidade que as inventaram. Por isso, Case começa a investigar Armitage, e como seu envolvimento em um esquema muito maior do que aparentava ser.

Case se envolve com Armitage também por ser um completo marginalizado, como os jovens punks, dentro daquela lógica social de hipercapitalismo, no qual as corporações monopolizam todos os aspectos. E o cyberpunk se tornou um espaço para trabalhar protagonistas que pertencem a esse *underground*, ou seja, de marginalidade, de crime. Case percorre o caminho da criminalidade, se tornou um cowboy sem acreditar na realidade que vivia, altamente autodestrutivo, característica que se acentua quando ele busca uma cura para as toxinas.

Case sabia que, em algum momento, havia começado a jogar um jogo consigo mesmo, um jogo muito antigo que não tinha nome, uma espécie de paciência final. Ele não usava mais armas, não tomava precauções básicas. Fazia negócios mais rápidos e arriscados da rua, tinha a reputação de ser capaz de conseguir o que você quisesse. Uma parte dele sabia que o arco de sua autodestruição estava ululantemente óbvio para seus clientes, que iam rareando, mas essa mesma parte se comprazia no conhecimento que era apenas uma questão de tempo.⁶⁸

⁶⁸ GIBSON, op.cit., p 28.

Nessa missão de retornar a sua vida normal também retorna seus vícios, como as drogas.

Seu perseguidor havia voltado. Ele tinha certeza. Sentiu uma pontada de animação, octógonos de adrenalina se misturando com alguma outra coisa. Você está gostando, pensou; você é maluco. Porque de algum modo bizarro e muito aproximado era como uma incursão na matrix. Bastava ficar doidão o suficiente e se meter em problemas desesperadores, mas estranhamente arbitrários, e era possível ver a Ninsei como um campo de dados, a forma como a matrix um dia o fizera lembrar das proteínas ligadas para distinguir especialidades de células. Você podia jogar numa deriva em alta velocidade e deslizar totalmente focado, mas separado de tudo, e todos ao seu redor dançando a dança dos negócios, informações, dados encarnados nos labirintos do mercado negro.⁶⁹

Podemos interpretar que Gibson utiliza muito a relação de Case com as drogas, para destacar o quanto sua relação com a matrix e a tecnologia é de vício. Quando Case acha que a recuperação de seu pâncreas era uma armadilha, demonstra sua relação de dependência desse sistema.

Sete dias e ele iria se conectar. Se fechasse os olhos agora, veria a matrix. Sombras se torceram quando hologramas giraram em sua dança. Então o medo começou a tornar um nó em suas omoplatas. Um fio fino de suor desceu por suas costelas. A operação não deu certo. Ele ainda estava ali, ainda era carne, não havia Molly nenhuma esperando com seus olhos travados nas facas que giravam, não havia Armitage nenhum esperando no Hilton com passagens e um passaporte novo e dinheiro. Tudo isso era um sonho, uma fantasia patética... Lágrimas quentes borraram sua visão.⁷⁰

E quando recupera seu acesso à matrix;

E foi isso. Isso era quem ele era, o que ele era, seu ser. Ele se esquecia de comer. Molly deixava caixinhas de arroz e bandejas de isopor com sushi no canto da mesa comprida. Às vezes ele lamentava ter que sair do deck para usar o banheiro químico que haviam montado no quanto do loft. Padrões de ICE⁷¹ se formavam e reformavam na tela quando ele sondava em busca de aberturas, se desviava das armadilhas mais óbvias e mapeava a rota que tomava pelo ICE da Sense/Net⁷². Era ICE bom, um ICE maravilhoso. Seus padrões queimavam ali enquanto ele deitava com o braço embaixo dos ombros de Molly, vendo a aurora vermelha pela grade de aço da claraboia. Seu labirinto de pixel arco-íris era a primeira coisa que via quando acordava. Ia direto para o deck sem nem pensar em se vestir, e se conectava. Ele estava cortando o ICE. Ele estava trabalhando. Perdia a noção dos dias.⁷³

⁶⁹ Ibidem, p. 38.

⁷⁰ Ibidem, p. 62.

⁷¹ No original “Intrusion Countermeasures Electronics” – Contramedidas eletrônicas de intrusão, são softwares corporativos contra invasões eletrônicas. Poderia ser comparado aos atuais firewalls.

⁷² Palavra de Gibson para rede de informação capaz de transmitir estímulos que serão recebidos e sentidos por cada usuário de um deck.

⁷³ GIBSON, op.cit., p. 84.

É evidente os sentimentos de Case em relação ao seu poder de acesso à matrix, e como isso faz parte de sua constituição como indivíduo. Em nossa leitura, esses trechos trazem a relação homem e máquina como dependência, e as drogas são utilizadas como uma forma de fuga e refúgio, considerando que ele não quer viver sua realidade que é, até então, permanentemente fora do acesso à matrix. Relação parecida com o que os punks estabelecem com essas substâncias, de sair de sua realidade opressora, diferente dos hippies, que se apropriavam das drogas como uma maneira de espiritualidade.

Aproximando, o movimento punk e *Neuromancer*, podemos afirmar que, assim como os punks, Gibson com sua obra faz uma síntese de crítica social em relação ao contexto conflituoso dos anos 80. Suas principais direções são em relação a Case em seu espaço de criminoso e marginal. Em *Neuromancer*, continua-se tendo problemas econômicos, sociais e a tecnologia muda radicalmente algumas das disposições básicas, o que é um fator bastante assustador dentro da narrativa. Humanos criam problemas que não são capazes de resolver, tecnologias fora de controle, pessoas e empresas poderosas demais que agem fora do conhecimento de todos. Em suma, Gibson sintetiza em seus personagens e ambientação, misturando a ideologia de quebra de padrões e estética que privilegia o escuro e sombrio do movimento punk, com essa visão pessimista de futuro. Além de que o cyberpunk, de maneira geral, busca trazer uma perspectiva de mundo que venha de um protagonista do submundo, espaços que os punks também ocupam dentro das cidades. O mundo futuro da narrativa tem muito de realidade, e por isso, é tão convincente e funcional até os dias de hoje, porque o leitor, vê seu próprio mundo refletido naquele que é ficcional.

2.6 PERSPECTIVAS SOBRE O CRESCIMENTO TECNOLÓGICO DO FINAL DO SÉCULO XX.

Sobre a fonte, destacamos o quanto o avanço tecnológico dos anos 80, é chave para compreender o mundo construído por Gibson em *Neuromancer*, exatamente porque a tecnologia é responsável por ditar o aspecto distópico e assombroso dessa narrativa. Ela é um eixo chave para compreender toda a obra, pois são as possibilidades trazidas por essa nova tecnologia, que constroem esse mundo novo. Por isso, no livro, nos deparamos com uma série de avanços variados, prolongamento da vida como por exemplo:

Julius Deane tinha cento e trinta anos de idade. Seu metabolismo era constantemente alterado por uma fortuna semanal em soros e hormônios. Sua primeira linha de defesa contra o envelhecimento era uma peregrinação anual a Tóquio, onde cirurgias genéticas resetavam o código de seu DNA, um procedimento que não era disponível em Chiba. Então voava para Hong Kong e comprava ternos e camisas da moda daquele ano. Assexuado e de uma paciência inumana, parecia extrair sua satisfação básica numa dedicação a formas esotéricas de adoração a alfaiates.⁷⁴

Ou simplesmente utilizada para tornar o corpo humano mais avançado, realmente passando nossos limites biológicos, em relação à força e outras características. A personagem mais importante que detém essas modificações é Molly, uma mercenária que trabalha para Armitage, mas ajuda Case na missão de entender melhor quem ele é verdadeiramente. Sobre Molly:

Ele percebeu que as lentes eram implantadas cirurgicamente, fechando as cavidades de seus olhos. As lentes de prata pareciam brotar da pele branquinha e macia sobre as maçãs do rosto, emolduradas por cabelos pretos cortados de modo selvagem. Os dedos fechados ao redor da pistola de dardos eram compridos, brancos e com unhas pintadas de bordô. As unhas pareciam artificiais – Acho que você fez merda Case. Eu apareci e você simplesmente me encaixou na sua imagem de realidade. [...] Só que às vezes eu machuco as pessoas, Case. Acho que é meu hardware. [...] Ela estendeu a mão com as palmas viradas para cima, os dedos brancos ligeiramente abertos, e, com um clique ligeiramente audível, dez lâminas de bisturi dupla face de quatro centímetros deslizaram de dentro de suas bainhas embaixo de suas unhas bordô. Ela sorriu. As lâminas se recolheram lentamente.⁷⁵

É uma marca desses personagens fazerem uma série de modificações corporais, através de cirurgias plásticas, algo que estamos bastante habituados hoje em dia. Ou seja, a tecnologia permite o acesso ao ciberespaço. Porém, ela também é agente no próprio corpo. Sobre outro personagem chamado Riveira:

Riveira era esguio, louro, de voz de suave, o inglês fluído e sem sotaque. Molly disse que ele tinha trinta anos, mas teria sido difícil saber qual a sua idade. Ela também disse que ele era legalmente um expatriado e viajava com passaporte holandês forjado. Ele era um produto dos anéis de escombros que cercavam o núcleo radioativo da velha Bonn. [...] Riveira se virou e sorriu, era um homem muito bonito; Case supôs que as feições eram obra de um cirurgião de Chiba. Um trabalho sutil, em nada parecido com a mistura bonitinha mas neutra de rostos pop de Armitage.⁷⁶

⁷⁴ Ibidem, p. 33.

⁷⁵ Ibidem, p. 48.

⁷⁶ Ibidem, p. 125.

Sobre a modificação de Corto em Armitage:

Amitage estava esperando no quarto deles no Hilton. -Hora de fazer as malas – ele disse, e Case tentou encontrar o homem chamado Corto atrás dos olhos azul-claros e da máscara bronzeada. Ele pensou em Wage, lá em Chiba. Operadores, acima de um determinado nível, tendem a submergir suas personalidades, ele sabia disso. Mas Wage tinha tido vícios, amantes. Até diziam os boatos, filhos. O vazio que ele encontrava em Armitage era outra coisa.⁷⁷

Nesses trechos podemos notar o quanto a alta tecnologia gerou novas subjetividades, construídas através da matrix ou das muitas modificações corporais possíveis. Uma nova cultura imbuída de novos valores, baseados nas possibilidades abertas a essa sociedade, de extrapolar o básico do que é ser humano, e até mesmo viver fora do nosso planeta de origem.

Zion havia sido fundada por cinco operários que se recusaram a voltar, que deram suas costas ao poço gravitacional e começaram a construir. Sofreram perda de cálcio e encolhimento cardíaco antes que a gravidade rotacional fosse instalada no toroide central da colônia. Visto da bolha do taxi, o casco improvisado de Zion lembrou Case do patchwork de barracos de Istambul.⁷⁸

Ainda sobre Zion:

Os dois fundadores de Zion sobreviventes eram homens velhos, velhos com o envelhecimento acelerado que atinge os homens que passam anos demais fora do abraço da gravidade. As suas pernas marrons, frágeis com a perda de cálcio, pareciam quebradiças ao brilho duro da luz do sol refletida. Eles flutuaram no centro de uma selva pintada de folhagem arco-íris, um mural comunitário lúgubre que cobria completamente o casco da câmara esférica. O ar estava espesso de tanta fumaça resinosa.⁷⁹

Ou seja, a tecnologia permite a construção de certas possibilidades que antes eram uma impossibilidade, e isso reconfigura elementos sociais, culturais de subjetividades e inclusive biológicos, sobreviver em um espaço que não é propício originalmente para a humanidade.

No livro, ainda é muito marcante, o poder das inteligências artificiais, criadas para proteger certas empresas, que se tornam tão inteligentes, a ponto de serem onipresentes dentro do ciberespaço. Quando Case começa a compreender o poder delas, reconstruir Corto, por exemplo, ele se pergunta o quão poderosas elas podem realmente ser. Nesse diálogo com Molly:

⁷⁷ Ibidem, p. 124.

⁷⁸ Ibidem, p. 131.

⁷⁹ Ibidem, p. 138.

-Bom sabia que não havia ninguém com o nome de Armitage no Screaming First. Procurei. [...]. – Você acha que o computadorzinho tirou ele de lá? Daquele hospital?
 -Acho que foi Wintermute – disse Case
 Ela concordou com a cabeça.
 -O negócio é o seguinte – disse ele, você acha que ele sabe que era Corto antes? Quero dizer, ele não era ninguém em particular quando chegou àquela ala, quem sabe Wintermute apenas...
 -É. Construiu ele do zero. É... – Ela se virou e continuaram a caminhada – Faz sentido. Sabe o cara não tem vida particular. Não até onde eu sei. Um cara assim, você acha que tem alguma coisa que ele faz quando está sozinho. Mas o Armitage não. Ele fica sentado olhando para a parede, cara. Então alguma coisa dá um clique e ele acelera e funciona para o Wintermute. [...]⁸⁰

Considerando a possibilidade de estarem lidando com uma inteligência artificial, Molly se pergunta sobre o quanto Case sabe a respeito:

-Estou pensando em voz alta...Qual o nível de inteligência de uma IA, Case?
 -Depende. Algumas não são muito mais espertas do que um cachorro. Bichos de estimação. Mas custam uma fortuna mesmo assim. [...]
 -Escuta, você é um cowboy. Como é que você não fica de quatro, babando por essas coisas?
 -Bom – disse ele, - Pra começo de conversa, elas são raras. A maioria delas é militar, as brilhantes, e não conseguimos quebrar o ICE. E de onde o ICE vem, sabia? [...] – Olhou para ela – Sei lá, não faz parte da minha viagem. [...]
 Eles chegaram a um lagunho retangular amplo onde carpas mordiscavam os talos e algumas flores aquáticas. Ela chutou uma pedrinha solta e viu as ondulações se espalharem,
 -Isso é Wintermute – ela disse – Esse negócio é muito grande, pelo que me parece. Nós estamos onde as ondinhas são largas demais, não dá pra gente ver a pedra que atingiu o centro. Sabemos que tem alguma coisa ali, mas não o porquê. Eu quero saber por que. Eu quero que você vá falar com Wintermute. ⁸¹

Ainda sobre o poder das inteligências artificiais:

Case suspirou – Bom, estou aqui com um ICE-Breaker⁸² chinês fácil de usar, uma fita cassete de uso único. Tem um pessoal em Frankfurt que diz que isso pode cortar uma IA.
 -É possível. Claro. Se for militar
 -Parece que é sim. Escuta Dix, e me dê o benefício de seu background ok? Armitage parece estar montando uma incursão em uma IA que pertence à Tessier-Ashpool [...] Então se Wintermute está bancando esse show todo, está nos pagando para queimá-lo. Ele está queimando a si mesmo. [...]Qual é a parada?
 -Motivação – disse o constructo. – Problema verdadeiro de motivação com uma IA. Não é humana, entende?
 -Sim, claro, ora.
 -Não. Quero dizer, ela não é humana. E você não tem controle sobre ela. Eu também não sou humano, mas reajo como um. Entendeu?
 -Espera um segundo – disse Case. – Você é senciente?

⁸⁰ Ibidem, p. 122.

⁸¹ Ibidem, p. 123.

⁸² Palavra de Gibson para um programa criado para invadir sistemas protegidos por ICEs.

-Bom, eu sinto como se fosse, garoto, mas na verdade sou apenas uma ROM [...], mas também não sou capaz de escrever nenhum poema, se é que você me entende. A sua IA até pode. Mas não é humana de jeito nenhum.
 -Então você acha que vamos conseguir entender a motivação dela?
 -Ela é dona de si mesma?
 -Cidadã suíça, mas a T-A é dona do software básico e do mainframe,
 -Essa é boa – disse o constructo. – Tipo assim: eu sou dono do seu cérebro e uma porrada de coisas mais, mas seus pensamentos tem cidadania suíça. Claro. Muita sorte, essa IA tem.
 -Então, ela está se preparando para se queimar? – Case começou a digitar nervoso no deck, aleatoriamente. [...]
 -Autonomia, esse é busílis com relação à sua IA. Minha aposta, Case, é que você está indo lá para cortar as algemas de hardware que impedem essa coisinha fofa de ficar mais inteligente.⁸³

Nesse trecho Wintermute arquiteta um plano e mover todos os outros peões ao seu redor, para se unir a Neuromancer, e ser muito mais poderosa do que todos imaginavam ao longo da narrativa, e isso compõem a ambientação distópica desse futuro, no qual a tecnologia traz complicações e não apenas soluções.

Gibson associa a falta de perspectiva em relação ao futuro, que é muito decisiva nesse contexto dos anos 80, com o temor em relação ao encaminhamento tecnológico que se desenharia, e se aprofundaria nas próximas décadas. Essa visão culminou em uma distopia, Gibson representa uma perspectiva mais cética desse processo histórico de crescimento tecnológico, enquanto outros estudiosos interpretaram de maneira mais otimista. Essa discussão é importante para continuar a refletir sobre a fonte dentro de um panorama maior de argumentos, que sintetizam quais eram as impressões que sobressaíram na década de 80, e nas décadas posteriores, sobre o avanço tecnológico.

Alguns estudiosos foram mais pessimistas, e pontuaram sobre como a tecnologia apenas reproduziu e aprofundou falhas e desigualdades, considerando que a realidade é essa. Enquanto outros foram grandes entusiastas acerca desse novo avanço e defenderam o quão revolucionário seria essa nova era de conexões, o que Franco Berardi conceitua como *A última utopia*⁸⁴, a qual em síntese, demonstra que nas últimas décadas do século XX, uma nova e última utopia tomou forma a partir da transformação tecnológica do sistema de comunicação e de produção. A autor afirma que a utopia virtual produziu uma série de efeitos consistentes, para depois se revelar como uma verdadeira distopia. A constituição da rede demandou muito trabalho: um, mais técnico de programação e engenharia, e outro, voltado mais para a criação artística e filosófica que foi desenvolvida através da cibercultura desde os anos 80. Baseadas em propostas

⁸³ GIBSON, op.cit., p.162.

⁸⁴ BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Editora Ubu. Tradução Regina Silva. São Paulo, 2019.

sobre os impactos da rede, posteriormente essas obras foram confrontadas com o que realmente aconteceu quando a internet se constituiu como um processo bastante contraditório.

Uma das estudiosas que trabalhou com esse tema foi Donna Haraway⁸⁵, que escreveu muito acerca de questões sobre a relação entre ciência e o feminismo. Ela faz considerações de uma visão crítica feminista, sobre o avanço na tecnológica no final do século XX. Haraway, assim como Gibson, percebe o quanto essas novas invenções, mudariam profundamente concepções acerca de questões básicas, como relacionamentos sociais, culturais, políticos e econômicos. O que a autora defende em seu manifesto é sobre a criação e desenvolvimento de um ciborgue. Para ela o ciborgue:

[...] um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.⁸⁶

Esse seria, para Haraway, um processo histórico importante pelas mudanças alcançadas pelo poder tecnológico, e demandaria que esse contexto fosse utilizado de maneira correta, para estruturar possibilidades de transformação histórica e promover uma revolução das relações sociais. Dentro dessa lógica, Haraway defende que o ciborgue traria o rompimento de fronteiras e dicotomias construídas social e historicamente. Como por exemplo mente/corpo, natureza/cultura, homem/mulher entre outras. Haraway escreve:

Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político. Uma de minhas premissas afirma que as socialistas e as feministas estadunidenses, em sua maioria, veem profundos dualismos entre mente e corpo, entre animal e máquina, entre idealismo e materialismo nas práticas sociais, nas formações simbólicas e nos artefatos físicos associados com a “alta tecnologia” e com a cultura científica. [...] Outra das minhas premissas afirma que a necessidade de uma unidade entre as pessoas que estão tentando resistir à intensificação mundial da dominação nunca foi tão urgente. Mas uma mudança ligeiramente perversa de perspectiva pode nos capacitar, de uma forma melhor, para a luta por outros significados, bem como para outras formas de poder e prazer em sociedades tecnologicamente mediadas.⁸⁷

⁸⁵ HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Editora Autêntica. Tradução e organização de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, 2009.

⁸⁶ Ibidem, p. 36.

⁸⁷ Ibidem, p. 45.

A figura do ciborgue proposta por Haraway, é construída através de um hibridismo, a partir do qual pode-se repensar rearranjos sociais de gênero, raça, sexualidade entre outras disposições que causam tantos problemas. A tecnologia tornaria essas relações antes tão rígidas, em fluidez, dando abertura para se redesignar o entendimento do próprio humano.

Podemos indicar, que Haraway tem uma visão diferente da de Gibson, considerando mais as possibilidades que os problemas, que tem como base a figura ciborgue. Enquanto Gibson constrói um lugar amargo para a tecnologia em sua narrativa, tendo uma perspectiva bem mais pessimista sobre esse avanço, que apenas tornaria mais duras as falhas que já existem no mundo contemporâneo. No manifesto, Haraway defende que deveríamos buscar utilizar esse poder da biotecnologia, para reestruturar e construir novas ações políticas para novas formas de poder. Através dessas transformações, poderiam ser alcançadas novas sexualidades, etnicidade, formas de trabalho, de coletividade e um enfraquecimento dos velhos agrupamentos familiares.

Haraway comenta, que o feminismo deveria estar disposto a encarar essas novas possibilidades, como uma abertura para desconstruir opressões sociais, como o machismo. E o feminismo poderia atuar para recodificar e subverter estruturas.

Um dos caminhos importantes para se reconstruir a política feminista-socialista é por meio de uma teoria e de uma prática dirigidas para as relações sociais da ciência e da tecnologia, incluindo, de forma crucial, os sistemas de mito e de significado que estruturam nossas imaginações. O ciborgue é um tipo de eu – pessoal e coletivo- pós moderno, um eu desmontado e remontado. Esse é o eu que as feministas devem codificar.⁸⁸

A partir do Manifesto, Haraway constituiu uma posição política fundamentada no surgimento desse novo sujeito e nova subjetividade, renovada pela forma de poder desenvolvida através da ciência e da tecnologia, porque sempre houve um grande controle por aparatos repressivos de alta tecnologia, que vão do entretenimento à vigilância, e nunca houve espaço para as mulheres nessa rede. Porém, com a consolidação de uma ciência feminista, a criação do mito ciborgue, poderia ser útil para desfazer dualismos. Ou seja, seria um momento muito decisivo, para escapar das lógicas opressoras construídas socialmente e historicamente, e por isso precisaria ser bem aproveitado para abrir uma série de novas possibilidades.

⁸⁸ Ibidem, p. 64.

Nessa mesma perspectiva, a obra do filósofo e sociólogo Pierre Lévy⁸⁹, que se tornou um representante da corrente de estudos cibercultura. Desde a introdução do livro, podemos interpretar que predomina essa visão otimista sobre o ciberespaço, e como este representa novas formas de experimentação através da comunicação, a partir da abertura de um espaço totalmente inovador que cria potencialidades. As telecomunicações, segundo Levy, implicaram em um novo reconhecimento do outro, porque se estabelece um contato amigável de troca de conhecimento. Dando abertura para o que o autor chama, de nova universalidade, que se sustenta através das interconexões de mensagens e na vinculação das comunidades virtuais, que passa a ser mundial através da rede de computadores para o desenvolvimento do ciberespaço.

Lévy defende que a tecnologia, é um produto social e mesmo que o desenvolvimento da cibertecnologia foi encorajado e patrocinado pelos Estados dentro, inclusive, de uma lógica militar, ela abre precedentes para aumentar a autonomia dos indivíduos. Na sua concepção, a emergência do ciberespaço favorece amplamente a evolução da civilização, porque vivemos uma aceleração que é constante dentro da cibercultura, que propicia o aprimoramento da inteligência coletiva, a partir da apropriação de vários indivíduos e grupos dessa nova técnica.

Lévy afirma que a virtualidade, é um traço distintivo da nova face da informação, algo que podemos aproximar de Gibson e sua narrativa. O virtual trouxe uma entidade desterritorializada, mas apesar disso é real. E o ciberespaço, encoraja realmente o relacionamento independente do lugar geográfico e da coincidência de tempos. Esse novo potencial, culminaria em uma virtualização geral da economia, e da sociedade e geraria um novo espaço universal.

Lévy, nos anos 90, defendia que a tecnologia informacional estava quebrando barreiras, como por exemplo, o fato de que se implementou a plataforma mais interativa já existente, permitindo através dessa mídia, o diálogo, a reciprocidade e a comunicação efetiva. A comunicação pelo mundo virtual, é muito mais interativa que a comunicação telefônica, e a própria plataforma instiga uma nova postura nas atitudes dos usuários, por meio da navegação, caçada e pesquisa. Espaço definido como ciberespaço, de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e suas memórias, um conjunto de sistemas de comunicação eletrônica que transmitem informações de fontes originais. Portanto, segundo o autor, o ciberespaço seria o principal canal de comunicação, suporte de memória da humanidade, trazendo acesso à diversos recursos. Que uma vontade excessiva de dominação

⁸⁹ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, 1999.

não poderia ser durável no ciberespaço, porque a presença virtual da humanidade, é uma conjunção de estabilidade pautada na pluralidade criando uma inteligência coletiva. Esta complementar as comunidades virtuais, que se formam apoiadas na interconexão, e esses novos espaços deveriam acrescentar aos encontros físicos, e incentivaria novas formas de opinião pública.

Segundo Lévy, a cibercultura seria um laço social que reuniria interesses comuns, permitindo a alteridade e diversidade, e proporcionaria o surgimento e renovação de saberes. Sendo as novas ferramentas potencializadoras das funções cognitivas humanas, como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio. Essa forma totalmente inédita de acesso à informação, geraria novas formas de conhecimento, por ser constituída por um ambiente diferenciado, sem hierarquia, o que tornaria o domínio do conhecimento mais democrático, por inviabilizar a utilização por apenas um pequeno grupo.

Aproximando as discussões de Lévy e Haraway, podemos interpretar que havia muita confiança, acerca desse processo de desenvolvimento tecnológico para a construção de sociedades mais igualitárias e harmoniosas, capazes de utilizar corretamente o acesso ao conhecimento. Porém, os desdobramentos das últimas décadas demonstraram que a tecnologia sozinha não é capaz de solucionar todos os problemas existentes, até porque ela também trouxe novos problemas.

Em contraponto a essa perspectiva outros autores no mesmo período, tiveram posições mais céticas em relação ao desenvolvimento desse novo instrumento que, podemos afirmar, se assemelham muito mais a perspectiva construída por Gibson em sua obra. Nicolau Sevcenko,⁹⁰ afirma que estamos com a permanente sensação de exposição a uma montanha-russa, na nossa vivência progressivamente agenciada pela tecnologia. Em um primeiro momento, ele caracteriza a metáfora de ascensão como a fase desenvolvimentista tecnológica, entre o século XVI e XIX, nos quais o "domínio" da natureza e das fontes de energia foi a tônica. Sevcenko enfatiza que no século XIX, esses ideais chegam em seu apogeu, e nele se predominou uma visão de futuro abundante, e de uma harmonia assegurada pela tecnologia.

Um segundo momento, caracterizado pelo historiador como queda vertiginosa, se inicia aproximadamente por volta de 1870, com as novas aplicações da eletricidade e do petróleo e dos novos meios de transporte e comunicação. Quanto a um terceiro, nomeado de mergulho no

⁹⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa*. Companhia das Letras. São Paulo, 2001.

vácuo, Sevcenko destaca o contexto de grandes guerras mundiais, quando o desenvolvimento tecnológico mostra seu outro lado de destruição em massa, no qual armas e outros equipamentos, foram adaptados para causar mortes e permaneceu essa sensação de apocalipse iminente. E, por último, uma sensação de loop que representaria o momento atual (no caso, o início do século XXI). Esse sentimento é ocasionado pela revolução microeletrônica, processo pelo qual a renovação constante de inovações, acontece sempre como uma reação em cadeia. Sobre isso o autor comenta:

De modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o imprevisível, irresistível e incompreensível. [...] o problema é exatamente esse: no ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais⁹¹

Sevcenko afirma que devemos estar atentos e críticos a esse avanço e não apenas esperar que todo esse aparato técnico atuará milagrosamente em nossos problemas, para criar uma sociedade mais evoluída e mais equilibrada. Essa síndrome do loop tende a nos deixar mais passivos, porém isso não significa que não podemos ser agentes sobre esse avanço. A crítica é a contrapartida cultural necessária para a técnica, e elas devem ser complementares. Sobre como essa crítica deveria ser, que é preciso antes nos desprender desse ritmo acelerado das mudanças atuais, porque gradativamente temos essa percepção de tempo vertiginoso, e recuperar o tempo histórico, para utilizá-lo como ferramenta para de compreensão através de uma perspectiva histórica.

O historiador interpreta, no decorrer de sua metáfora da montanha russa, que a humanidade viveu historicamente a tecnologia como catástrofe, e por isso não podemos esquecer que as ferramentas estão entre as disposições, conflitos políticos, sociais, econômicos, culturais, já existentes. E apesar dos avanços inegáveis, devemos manter uma posição reflexiva e não apenas contemplativa, porque essas mudanças tecnológicas transformaram profundamente toda a estrutura global.

Sevcenko tem uma visão contrária à de Lévy: enquanto Lévy defende que a interconexão democratizaria amplamente o acesso à informação e o conhecimento, Sevcenko afirma que as mudanças tecnológicas canalizam os maiores benefícios para as sociedades mais desenvolvidas, enquanto resta aos outros ambientes estarem sujeitos à exploração de recursos

⁹¹ Ibidem, p. 17.

básicos, ou seja, os ambientes historicamente desfavorecidos continuarão nessa mesma lógica. A tecnologia não apenas reproduz, mas aprofunda as desigualdades.

Sevcenko afirma que precisamos construir uma relação de muita reflexão, para que as gerações futuras tenham qualidade de vida através da participação democrática, distribuição equitativa dos recursos e oportunidades gerados por esses avanços tecnológicos. Ou seja, a ambientação de *Neuromancer*, representa o contrário do que Sevcenko estabelece como uma boa relação com a técnica, e sua participação ativa no mundo para torná-lo mais igualitário. Porque, podemos indicar, a narrativa de Gibson concebe um mundo desequilibrado sob o controle de grandes corporações.

Sevcenko demonstra que a aceleração tecnológica impacta a promoção de mudanças econômicas e desequilíbrios. Essa aceleração não é apenas uma sensação, é também fruto das mudanças tecnológicas ligadas a todos os âmbitos da vida durante o século XX: considerando que oitenta por cento das invenções se deram nos últimos cem anos, e que dois terços desse número foram depois da Segunda Guerra mundial. Ele destaca uma série de desigualdades trazidas pela globalização, apesar de ser um momento de ampliação dos investimentos em nível global, o que dinamizou o mercado e a economia de forma geral, ao mesmo tempo concedeu às empresas e grandes corporações um enorme poder de negociar com governos, em receber seus investimentos e impondo uma série de condições, favores e isenções. Essas novas disposições econômicas, enfraqueceram políticas há muito adotadas como Estado de bem estar social, como vimos caso dos EUA, que se desintegrou, e a partir de então, as corporações prevalecem sobre os sistemas políticos, e progressivamente os governos se tornam reféns dos acordos com os interesses das empresas que se sobrepõem amplamente aos da população. O que inclusive tem um impacto direto na democracia, que fica defasada em frente ao poder das corporações, no qual a população é mais vista como mercado consumidor do que cidadãos.

Podemos aproximar essa análise de conjuntura feita por Sevcenko do que é explorado por Gibson em *Neuromancer*. Um ponto que poderíamos sobretudo ressaltar é o fato de Sevcenko afirmar que a aceleração tecnológica auxiliou um processo de concentração de renda, desemprego em massa, exploração e difusão da miséria, aumento da criminalidade, algo que está nos fundamentos da construção narrativa de *Neuromancer*. E isso se aprofunda em relação às diferenças existentes entre países mais desenvolvidos e menos desenvolvidos. Portanto, a globalização impõe uma série de problemas e perpetua estruturas de desigualdade. Sobre isso Sevcenko comenta:

O que explica termos chegado a esse ponto é o caráter essencialmente cumulativo das inovações tecnológicas. A crescente multiplicação de conhecimentos, as redes de informação cada vez mais densas, o aumento constante das taxas de produtividade, o desenvolvimento acelerando e encadeado de novos materiais, novos projetos e novas configurações de sistemas, todos esses fatores se refletem uns sobre os outros, de tal forma que, num curto intervalo de tempo, as circunstâncias iniciais de um processo se transformaram para além de qualquer das possibilidades previstas em seus primeiros momentos. Portanto, seus efeitos mais abaladores, suas consequências mais desestabilizadoras, seus impactos mais alarmantes irão ocorrerão em algum ponto no futuro, envolvendo pessoas, circunstâncias e regiões que não compartilham das decisões originais, mas que estarão sofrendo plenamente os resultados do processo desencadeado anos antes.⁹²

Ou seja, as corporações ditam essa nova forma política e econômica, os ambientes historicamente favorecidos que se valeram de outros lugares do globo e de suas riquezas, com o colonialismo, continuam perpetuando essa desigualdade dentro da lógica de globalização. O colonialismo, segundo Sevcenko, nunca deixou de existir, se reproduzindo sobre outras estruturas, mas mantendo a exploração sobre as populações de ex-colônias.

As corporações também conseguiram impor essa lógica neoliberal para um nível mundial através do FMI e do Banco mundial, criado em um momento de necessidade de financiara reconstrução de países destruídos pelas guerras. Porém, para alguns países, principalmente os menos desenvolvidos, essa lógica se tornou um caminho sem saída do endividamento. Empréstimos que tinham como fundamento a desregulamentação da economia, enfraquecimento de barreiras alfandegárias, privatizações e eliminação de direitos. Mecanismo, segundo o historiador, que é reprodutor da lógica colônia-metrópole, no qual recursos retornam para países desenvolvidos. Porém, é possível construirmos mudanças, através de Estados mais dinâmicos e transnacionais e a coordenação internacional de associações civis, para reverter essa desigualdade crescente entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Em nossa leitura, a perspectiva de Sevcenko tem grande importância, sobretudo pelo modo como encara os processos vinculados às novas tecnologias e à globalização, que perpetuou estruturas que estão no cerne dessa lógica de disparidade. As corporações que conquistaram um espaço de poder muito maior, fazendo Estados prisioneiros de suas condições, através dessa transformação econômica voltada ao neoliberalismo. É uma visão muito mais cética que se aproxima da fonte, por ambos serem críticos sobre o mundo daquele período, e o caminho futuro que virá.

⁹² Ibidem, p. 45.

Ainda aprofundando essa discussão Francisco Rüdiger,⁹³ analisa como a tecnologia se tornou um fator mais que dominante no mundo, diretamente envolvida em qualquer construção que formos pensar acerca da atualidade. Enquanto, na prática, a tecnologia se desenvolveu para propor soluções possíveis para problemas específicos, se criou ao seu redor uma narrativa, implementada socialmente, de que o maquinismo pode e deve resolver qualquer situação que nos pareça como um problema.

Segundo Rüdiger, a vida humana a partir de agora, tende a ser mais tecnocientífica, e isso significa que podemos conviver com uma ciência que aspira reprojeter radicalmente o modo de ser humano. Vivemos em um mundo no qual se deseja viver mais, sem doenças e isso se conecta para suplantá-lo, de certa forma, limites biológicos, e a ciência caminha aceleradamente para isso. Em concordância com Sevcenko, Rüdiger afirma que expansão do poder científico-tecnológico só aconteceu por sua conexão com o capitalismo, ou seja, se reproduz lógicas econômicas dentro dessas áreas como competições e vantagens. A ciência se converteu em capital, portanto, atualmente ela se configura como aliada na expansão e consolidação do capitalismo.

Rüdiger afirma que assim que a internet surgiu, muitos como Lévy, destinaram uma fé a um mundo gerado através do compartilhamento de experiências, pois tudo pode ser vivido e conhecido dentro da cibercultura, e esse potencial da comunicação, foi construído como emancipatório. Porém, quanto mais esse processo se aprofunda, considerando que se passaram onze anos da publicação de Lévy até a de Rüdiger, mais o cientista social analisa, que o bombardeamento de informações pode gerar uma grande alienação, porque o dilema do ciberespaço é que há uma transposição dos problemas da vida real para a virtual.

Quando a Internet se estabeleceu, porém, pouco disso tudo permaneceu em pé, já que, por meio dela, irrompe esse cenário adentro o poderio econômico cada vez mais desorganizado, que não tem feito senão criar e explorar mercados para seus negócios, mediante a incorporação sempre crescente das massas consumistas ao ciberespaço surgido em escala planetária por seu intermédio. O problema do ciberespaço, hoje, não é mais o da ação dos hackers, esses questionadores do uso politicamente correto da tecnologia informática, mas o da transposição para o cenário virtual de todos os males da vida real que aquele espaço, utopicamente de início, pretendia haver superado.⁹⁴

A rede se tornou mediadora da vida coletiva, e gradualmente novas disposições, categorias e conjuntos serão constituídas. As mídias, por exemplo, ocupam e organizam

⁹³ RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo*. EdPUCRS. Porto Alegre, 2008.

⁹⁴ Ibidem, p. 23.

originalmente a subjetividade, e sobre seu agenciamento se projetam novas formas de sociabilidade. Dentro dessa cultura mecanizada e virtual se sobrepõe um imaginário do pós-humanismo, e nesse projeto futuro não existe mais lugar para o humano, com suas limitações biológicas. Rüdiger afirma que podemos ver os anúncios do pós-humanismo ao redor, através de um movimento que busca transcender as limitações físicas e intelectuais do corpo humano. Exemplo disso, são as pesquisas direcionadas a frear processos de envelhecimento, à aquisição de maior vitalidade, de novas competências e controles emocionais. Experiências que encaram os humanos menos como sujeitos e mais como projéteis. Rüdiger afirma que vivemos um contexto cada vez menos humanos e cada vez mais máquinas – e da mesma forma, o pensamento humano está se tornando mais virtual.

Na atualidade, a exploração econômica é mais relevante do que o conhecimento, a respeito de uma forma de vida menos opressora e com menos desigualdades. Ou seja, a biotecnologia e o desenvolvimento de técnicas que permitam-nos ultrapassar limitações, serão gerenciados sobre o mercado, e elas só serão dispostas caso haja vantagens, e alguém lucrando com tais mudanças. Portanto, as companhias têm um grande poder decisório acerca do desenvolvimento tecnológico, cada vez mais aprofundado pelo modelo econômico que se consolida como neoliberal. Precisamos ter atenção sobre o crescimento do movimento pós-humanista, e quais são as condições por detrás desses desenvolvimentos científicos, como ultrapassar fraquezas e reelaborar o que compreendemos como corpo, mente e mesmo humano.

Dentro desse panorama de discussões, Rüdiger desenvolve uma análise crítica, sobre a como essa conjuntura de crescimento tecnológico, alterou muitas disposições e molda os humanos ao seu redor para permitir ainda mais avanços. O que em nossa leitura, se aproxima do que Gibson trabalhou amplamente em *Neuromancer*, a partir das mais diferentes modificações humanas possíveis e a tecnologia é apresentada como necessidade para transformar o corpo.

Para encerrar essa discussão entre autores e seus posicionamentos acerca do avanço tecnológico no final do século XX, Tiquun⁹⁵ afirmam que o avanço tecnológico é cercado de certa esperança, de que se guiado pelo princípio superior a tecnologia poderia combater miséria, injustiça e o sofrimento humano, entretanto para o grupo, a humanidade lida com conquistadores, formulados através da cibernética, que são agentes difusos e não são um partido organizado. Essa mudança tecnológica, é a combinação do liberalismo, com uma nova conjuntura reformulada pela Internet, chamada de cibernética é uma forma de tecnologia do

⁹⁵ TIQQUNIM. *La hipótese cibernética*. Disponível em: <<https://tiqqunim.blogspot.com/2013/01/la-hipotesis-cibernetica.html>>. Acesso em julho de 2021.

governo, que se associa à poderes estruturados anteriormente como os disciplinares, biopolítica, prolongando-os, e reafirmando aqueles que estavam ficando ineficazes. Ou seja, a se configura como uma nova forma de soberania política.

Eles nomeiam esse processo como a hipótese cibernética, algo que já seria dominante em relação à hegemonia de uma hipótese liberal, porque constrói a concepção de comportamentos biológicos, físicos e sociais que podem ser programados e reprogramados. A hipótese cibernética, representa a possibilidade de pilotar certos comportamentos, a possibilidade de pensar e repensar a totalidade dessas configurações. Tiquun aponta indícios de que a hipótese cibernética está conectada com o totalitarismo e, ademais, também com um Império – uma lógica imperial – em formação. Suas extensões já causam efeitos de corrosão de relações sociais, e também têm um peso grande na transformação da natureza do capitalismo, porque a cibernética trouxe a possibilidade de escapar de regulamentações tradicionais, por produzir suas próprias lógicas, e esses agentes querem se encarregar da existência de tudo que existe, em um processo de racionalização de informações que circulam por todo o corpo social. Sobre isso os autores afirmam:

Governar será equivalente a inventar uma coordenação racional dos fluxos e decisões de informação que circulam no corpo social. Três condições garantirão isso, ele diz: instalar um conjunto de *sensores* para evitar a perda de qualquer informação dos "sujeitos"; *tratar as informações* através de correlação e associação; estar *em proximidade* de cada comunidade viva. A modernização cibernética do poder e formas ultrapassadas de autoridade social é, assim, anunciada como uma produção visível da "mão invisível" de Adam Smith, que até então servira como pedra angular mística da experimentação liberal. O sistema de comunicação se tornará o sistema nervoso das sociedades, a fonte e o destino de todo poder.^{96 97}

Com a hipótese cibernética, há a produção de subjetividades singulares, e ao mesmo tempo, totalidades coletivas encaminhadas com uma narrativa de evolução que será traduzida por mecanismos sociais controláveis.

Tiquun relembra sobre a criação da internet e sua ligação com a estratégia militar, e desse contexto já indicava que não poderia ser emancipadora ou antiautoritária, como supunha

⁹⁶ Ibidem.

⁹⁷ Tradução livre do original: Gobernar equivaldrá a inventar una coordinación racional de los flujos de informaciones y decisiones que circulan en el cuerpo social. Tres condiciones asegurarán esto, dice: instalar un conjunto de *captosres* para no perder ninguna información procedente de los "sujetos"; *tratar las informaciones* mediante correlación y asociación; situarse *a proximidad* de cada comunidad viviente. La modernización cibernética del poder y de las formas caducas de autoridad social se anuncia por tanto como producción visible de la "mano invisible" de Adam Smith que servía hasta entonces como piedra angular mística a la experimentación liberal. El sistema de comunicación resultará el sistema nervioso de las sociedades, la fuente y el destino de todo poder.

Levy, por exemplo. O contexto da cibernética foi o de guerra total, e se desenvolveu através da necessidade de controlar um sistema através da comunicação entre as partes. Porém, o discurso cibernético é muito anterior, no século XIX as visões mecanicistas propagaram esses ideais. A partir disso é possível conceber que a hipótese cibernética estipule uma mecânica para os seres vivos, através da dominação e programação do homem e consequentemente, da sociedade. Ainda se busca máquinas parecidas com o homem, como os robôs e inteligências artificiais e até mesmo redes que, podemos apontar, se aproximam muito do que Gibson estipulou como matrix.

A cibernética se posicionou para assimilar todos os fenômenos pelo qual o cérebro é responsável, e a partir dela se estabelece a identidade, pensamento e linguagem. E, conformada como ciência da sociedade, busca criar regulamentações sociais que passe o que funciona no Estado e no mercado, por exemplo, para mecanismos menores de microcontrole. A cibernética é direcionada para um indivíduo, pois exige uma configuração totalmente nova de sujeito e de coletivo, e desse processo há o crescimento de um esvaziamento das relações, reconstruindo vínculos sociais através da retirada da essência que antes formulavam subjetividades. Tiqqun afirma que o processo de cibermetização consumirá o processo de civilização.

Para os autores há, entre as promessas cibernéticas, o balanceamento dos mecanismos de coordenação espontânea, seria um instrumento de coordenação e totalização do social em *equilibrio espontâneo*, de modo que o capitalismo se torne cada vez mais incontestável ao produzir a sua autorregulação. Nesse sentido, se consolida uma lógica alimentada pelos problemas da cibernética que não é prever o futuro, mas construir possibilidades de reproduzir o presente, uma questão de dinâmica de auto-organização.

Tiqqun afirma que estaremos cada vez mais suscetíveis a ser reajustados pelo mercado que conta com a internet para condicionar todas as nossas preferências através da publicidade. Todas as informações sobre os comportamentos dos agentes econômicos, serão movimentadas pelos mercados financeiros. Com auxílio da cibernética, a informação se tornou riqueza para extrair e acumular, transformando o capitalismo para se adaptar à cibernética. Segundo o grupo, nada é mais sintomático do que esse processo, que atualmente valores são extraídos de uma informação sobre informação.

Em suma, o que Tiqqun demonstra, é que a cibernética é um ponto de partida de um novo capitalismo, chamado por eles de capitalismo cibernético. O que significa, que é um sistema resultante da aplicação da hipótese cibernética à economia e à política. Esse novo formato do capitalismo, se desenvolve para reformar e permitir a renovação de ciclos de acumulação de um corpo social devastado pelo capital, que é um sistema destrutivo, em vários

aspectos. A cibernética atuará, portanto, evitando as crises endêmicas do próprio sistema capitalista, permitindo seu desenvolvimento sem desequilíbrios que poderiam se tornar fatais. A função desses dispositivos de controle, é maximizar os fluxos comerciais, e ao mesmo tempo, minimizar possíveis obstáculos que os atrasariam.

Tiqun analisa que essa tendência de controlar não é uma total novidade dentro do sistema capitalista. Desde o século XIX, houve uma crescente no controle sobre o processo de produção, distribuição e consumo. As informações e os fluxos carregavam uma importância bastante central, e aos poucos algumas ferramentas foram incluídas para que esses aspectos fossem cada vez mais precisos, como telégrafos, relógios, progressivamente linhas de montagem racionalizadas e os meios de comunicação em massa, que tiveram sua importância, no sentido de permitir outros âmbitos de controle sobre a aceleração da produção. O fordismo e o taylorismo também demonstram esses dispositivos, anteriores à cibernética que buscavam tornar essa produção ainda mais eficiente e lógica. E houve um controle da opinião pública, por meio da publicidade e do marketing. Ou seja, essas técnicas de organização e de controle se convertem em lucro. Portanto, melhorar a circulação das informações ainda é fundamental, para aperfeiçoar o mercado como forma de coordenar todos os outros aspectos ao redor. Tornando muito menor as incertezas que trazem as oscilações do desenvolvimento econômico.

Para que isso ocorra, há necessidade de implementação dispositivos de vigilância e apreensão que são ultrapassados pelas próprias dinâmicas cibernéticas, por exemplo, considerando que as próprias pessoas sejam vigilantes e observem umas as outras. E prolongando outras formas de controle e vigilância já existentes, como controle estatal, policial e legal, para uma nova fase de hiper segurança. São implementados a partir dos riscos vistos como um problema, e a regulação vista como segurança. Portanto, esse capitalismo cibernético, se consolida sobre os laços sociais atravessados pelo comportamento de pilotar a si mesmo, e os outros para o desenvolvimento da unidade social. As máquinas não estão apenas conectadas para aumentar a produção, como há muito, mas o próprio homem tem se tornado mais mecânico, e os meios de produção estão aprofundando a integração de mentes e corpos dos homens.

Portanto, em nossa leitura, Sevcenko e Rüdiger, Tiqun tem, na mesma discussão mais cética, argumentos sobre as consequências dos novos sistemas de comunicação e informação. O foco dos autores está em examinar todo seu potencial em criar novos dispositivos de poder que, moldam subjetividades e um diferenciado corpo social, a partir de novas formas de poder.

Podemos indicar, com a discussão desses autores, que na década de 80 e 90 houve uma divisão de opiniões e argumentos sobre o desenvolvimento das novas tecnologias da

informação e comunicação. Enquanto, alguns interpretaram essa conjuntura como muito promissora, como por exemplo Donna Haraway e Pierre Levy e o movimento de cibercultura, ao outros foram pessimistas sobre esse potencial. Como por exemplo, Sevchenko, Rüdiger e Tiqqun que apesar de trabalharem com temas, de certa forma diferentes, demonstram que essas ferramentas têm origens dentro de sistemas econômicos, políticos e dispositivos de poder, e obedecem a lógicas que apenas aprofundam desigualdades e reforçam aspectos já problemáticos do mundo.

Portanto, dentro de nossa interpretação essas referências nos ajudam a interpretar a fonte no sentido de que ela faz parte de um ponto de vista pessimista sobre o avanço tecnológico, que garantiu a partir dos acontecimentos da narrativa que Gibson tem um temor sobre essas ferramentas. Uma perspectiva que se aprofundou conforme o passar do tempo e as consequências dessas tecnologias contemporâneas se tornam mais claras no presente. A obra representa uma postura essencial de crítica da qual os leitores devem reverberar um posicionamento no mínimo mais desconfiado sobre esses avanços tecnológicos no futuro.

Ao longo da discussão é possível perceber com *Neuromancer* que cresceu a apropriação do futuro a partir perspectiva mais pessimista e catastrófica, porém, essa é uma característica recente, considerando o desgaste de uma série de ideais como o progresso que se iniciaram na modernidade. Ou seja, diante da relação de abertura e esperança com o futuro que se moldou ao longo desses séculos, os acontecimentos do século XX foram muito impactantes e destruíram aquilo que se estruturava como certa utopia e sonho, de modo que, ao final do século XX e início do século XXI, o sonho mostra-se mais como destruição e pesadelo. Os anos 80, portanto, podem ser marcados como um momento crucial no desenvolvimento dessa chave interpretativa do futuro: muito mais sombrio do que aparentava ser. Processo que analisaremos mais minuciosamente no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A CRISE NO TEMPO E SUA RELAÇÃO COM O CRESCIMENTO DAS DISTOPIAS

Considerando as reflexões de Hayden White e seu conceito de passado prático e sua operação para a valorização de produções que estão fora da academia, e mesmo assim ao se apropriar do contexto elaborar um conhecimento importante sobre ele. Sobre esse contexto que cerca os autores dessas narrativas, diz muito acerca do que estava no imaginário das pessoas que viveram contemporaneamente esses acontecimentos. No primeiro capítulo, apontamos o quanto as guerras do século XX, mais especificamente a Guerra Fria, foi determinante para criar uma atmosfera de angústia e medo, alimentados pela corrida armamentista entre EUA e URSS. Como o próprio Gibson descreve em suas entrevistas ao escrever *Neuromancer*, pensava um futuro possível apenas, já que era difícil imaginar qualquer futuro frente a tantas ameaças. Porém, o único futuro possível de ser criado e imaginado era o que tinha aparência distópica, mas uma distopia que tem muito do próprio presente, uma mistura de alta tecnologia com uma sociedade que reproduz problemas e desigualdades, tão conhecidos dos anos 80 e mesmo e até para a contemporaneidade.

Ou seja, esse contexto de conflitos presente dos anos 80, foi apropriado por Gibson que traduziu em sua narrativa. Ao longo dos anos 80, houve a consolidação do movimento punk como uma reação ao aumento do conservadorismo, e dos problemas econômicos firmados no governo de Ronald Reagan. Portanto, essa narrativa e as distopias são apropriações individual de diferentes autores constituídas a partir de circunstâncias que são parte desses contextos, e dos processos históricos que os permeiam. As distopias literárias fazem parte de um processo muito maior, que conforme trouxe Bentivoglio, tem relação com a falência de uma série de ideais construídas desde o Iluminismo e da Idade moderna⁹⁸. A grande fama das distopias que nos cercam, pode ser interpretada como um sinal da adesão e identificação progressiva do público mundial em geral. Essa fama se intensificou ao longo do final do século XX, o que não significa que não houve obras anteriores que detinham essas características, porém elas se tornam mais numerosas e também mais importantes dentro do gênero de ficção científica.

⁹⁸ Importante destacar que estamos utilizando essas categorias (Idade moderna, Iluminismo, Revolução Industrial entre outros) entendendo que existem uma série de discussões por trás de cada uma, o próprio conceito de modernidade deve ser colocado dentro de uma tradição do pensamento iluminista e do contexto europeu, o que significa expor seus limites, como uma construção de pensamento que tinha pretensão de ser levada a outros espaços e desenvolver certos caminhos de avanço dentro do capitalismo industrial.

A partir de um olhar teórico, podemos interpretar o que significa esse fenômeno distópico, que cria e desenvolve toda uma imaginação sobre o futuro, e consequentemente representações sobre o tempo em que habitamos. Introduzimos, ao longo deste capítulo, a discussão acerca da conjuntura que resultou na produção das distopias a partir do esfacelamento da modernidade e seus conceitos e ferramentas. Em um primeiro momento, analisamos como se deu a construção dessa modernidade e o desenvolvimento da própria história moderna. Em seguida, buscamos compreender através de diversas discussões quais são as consequências da crise do tempo moderno, e quais modelos e interpretações novas de temporalidade foram produzidas, e como essa conjuntura atingiu a historiografia. Por último, dedicaremos parte do capítulo para compreender como a categoria de progresso foi constituída, e utilizada para legitimar sistemas de colonialismo e opressão.

3.1 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE

A temporalidade é também uma característica histórica, ou seja, como os humanos se apropriam do tempo e como o percebem, é parte de contextos e de processos que estão em constante mudança. Na modernidade, especificamente, houve a construção de uma temporalidade condizente com a busca pelo progresso baseada na esperança pela chegada do futuro. O historiador alemão Reinhart Koselleck⁹⁹ dedicou-se, em algumas de suas obras, a pensar no âmbito da historiografia, certos modos da construção da modernidade, na quais ele investiga a forma como um determinado tempo presente deu dimensão temporal ao passado e também ao futuro. Na distinção entre o passado e o futuro constitui-se o que Koselleck chama de tempo histórico, relação entre os conceitos de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Essas duas categorias são muito importantes para pensar qualquer tempo histórico, inclusive o moderno, porque a única temporalidade capaz de ser vivida é o próprio presente, e a partir dele se entrelaça esses dois outros aspectos temporais. A partir da existência dessa ligação, são colocadas significações no passado e no futuro. Essa ligação entre a experiência e a expectativa é geralmente tensa, pois as expectativas são mediadas e limitadas pela experiência passada, só podemos pensar o futuro, caso exista uma orientação do passado, que é elaborado e organizado para que certas questões sejam lembradas e outras esquecidas.

Na modernidade, o tempo foi transformado profundamente em relação ao modo como era estipulado anteriormente. Durante o período medieval na cristandade ocidental, a noção de

⁹⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Editora Contraponto - PUC-Rio. Tradução de Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro, 2012.

futuro era atrelada diretamente ao passado, ou seja, não se separava o horizonte de expectativa do espaço de experiência, o futuro medieval cristão era a profecia bíblica sobre o retorno de Jesus para a Terra no apocalipse, o que consequentemente fazia com que as pessoas tivessem uma perspectiva de pouco controle sobre o futuro, o que alarga a percepção sobre o presente. A Igreja mantinha o futuro alinhado às percepções de fim do mundo, e isso se alterou com alguns processos, como a própria Reforma Protestante e a gênese do Estado Absolutista, que reprimiu essas previsões apocalípticas para se apropriar do monopólio sobre a formação do ideal de futuro, dando lugar a um novo tempo. Koselleck afirma que essa transformação é de suma importância para compreendermos por que foi possível, naquele momento, considerarem a Idade média como passado. Pois, desde o humanismo já existiam indícios sobre a consciência de viver em uma modernidade, perspectiva que se aprofundou ao longo dos séculos. Essa concepção deu espaço para a abertura de prognósticos sobre o futuro, capazes de oferecer resultados contra surpresas, dando muito mais racionalidade ao procedimento de como se relacionar com o tempo.

O contexto do século XVIII e XIX, trouxe um mundo totalmente diferente, cada vez mais urbanizado e industrializado. Foi criado um novo horizonte de expectativas que se sobrepôs amplamente sobre o espaço de experiência. O presente se tornou estruturado na lógica de forjar o passado como pouco relevante, e destacar o futuro para coordenar esse período de aceleração, que foi movido pela ciência conectada com a industrialização e avanço do capitalismo. Ou seja, nessa modernidade a relação com o tempo foi amplamente baseada no futuro aberto e definido através do conceito de progresso.

O presente deixou de ser mediador entre a experiência e a expectativa, como durante o período medieval, para formar a nova expectativa moderna. A aceleração é o resultado dessa mudança de percepção, o tempo era visto e experimentado nesse período como acelerado. Essa mudança impulsionou processos de transformação, política por exemplo, como as revoluções, e mais tarde, essa aceleração se conectou como intervenção tecnológica, a partir do controle do tempo e do encurtamento das distâncias. Esse tempo moderno foi caracterizado como inédito, como muitas outras questões dentro desse universo de modernidades. Sobre isso Koselleck escreve:

Nos estudos que se seguem, evidencia-se como um resultado constante o fato de que, à medida que o homem experimentava o tempo como um tempo inédito, como um “novo tempo” moderno, o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador. É por isso que nossa investigação incide sobre um determinado tempo presente e sobre o tempo que se lhe apresentava então como futuro, ora para nós já decorrido. E, se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é

porque um mundo de técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim as alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida.¹⁰⁰

Ou seja, aliado à ciência, houve uma série de transformações que tornaram o futuro como possibilidade da habilidade e da técnica humana em novos espaços, antes pouco possíveis. Em um desenvolvimento óbvio, a tecnologia só poderia melhorar o mundo e os humanos. Koselleck reforça que essa temporalidade teve uma influência direta sobre a própria história, porque a modernidade é consequência das reflexões iluministas. E conceitos como progresso e revolução, tão característicos desse período, eram vistos como complementares do próprio conceito de história.

Sobre o progresso, Koselleck afirma, que foi um conceito determinante para moldar o futuro para ultrapassar a experiência tradicional. Além de se caracterizar como uma necessidade, para que os homens buscassem progressivamente essa aceleração e seu caráter desconhecido. Isso faz com que o tempo se acelere em si mesmo, abreviando o que é parte do espaço de experiência, colocando sempre a frente o que é inexplorado. Sobre esse processo:

O tempo que assim se acelera a si mesmo rouba ao presente a possibilidade de se experimentar como presente, prendendo-se em um futuro no qual o presente, tornando impossível de se vivenciar, tem que ser recuperado pela filosofia da história. Em outras palavras, a aceleração do tempo, antes uma categoria escatológica, torna-se no século XVIII, uma tarefa do planejamento temporal, antes ainda que a técnica assegurasse à aceleração um campo de experiência que lhe fosse totalmente adequado.¹⁰¹

A aceleração é anterior à própria vivência através da tecnologia, que apenas aprofundou essa percepção construída temporalmente. O progresso, segundo o historiador, veio de diversas fontes desde a própria técnica até o crescimento populacional, ele é mais do que apenas uma maneira ideológica de compreender o futuro, é uma experiência nova que se tornou cotidiana para aqueles que a viveram.

Outra palavra que demonstra essas mudanças é o próprio conceito de revolução, Koselleck afirma, que foi um produto linguístico da modernidade que antes era relacionado ao movimento estelar. Sintoma disso, é a caracterização da história moderna como a era das revoluções, e seu sentido metafórico se tornou muito predominante. Esse conceito demonstra essa nova temporalidade, pois foi esvaziado em sua dureza política para permitir entusiasmo e crescimento das esperanças dentro dos acontecimentos históricos. Nesse sentido, por exemplo,

¹⁰⁰ Ibidem, p. 16.

¹⁰¹ Ibidem, p. 37.

se modifica Guerra civil para Revolução gloriosa. Essa mudança ampliou e abriu o horizonte de expectativa, pois a revolução não é mais cíclica como para os astros, mas principalmente conduz ao futuro.

Koselleck afirma que o conceito de revolução na história se instalou e se separou completamente de seu original, para ordenar e explicar historicamente experiências de convulsão social. O historiador compreende, que palavras e conceitos foram articulados no passado para explicar e entender certas questões de temporalidade. O próprio conceito de modernidade se consolidou ganhando um novo sentido, através do contraste com o tempo dos séculos anteriores, consequência do próprio termo Idade média. A palavra modernidade carrega em si uma valorização dessa temporalidade como nova, inédita e melhor, passando esses valores para aqueles que viveram o tempo moderno. E para que isso fosse parte de um novo tempo e de uma nova consciência, havia a necessidade de uma nova postura em relação ao passado e futuro, esse último que se tornou ilimitado sem a presença da profecia cristã.

A própria história se moldou ao redor desse processo sobre o padrão do progresso, que permitiu que toda a história pudesse ser interpretada universalmente, e a experiência do progresso adquiriu um lugar estável no cânon da teoria do conhecimento histórico. Koselleck afirma, que a modernidade confere ao passado qualidade de história universal. Com o desenvolvimento do progresso, as épocas tiveram que ser expressas em sua singularidade, diagnóstico do novo tempo e análise das eras passadas se correspondiam mutuamente. Nessa nova consciência histórica aliada ao progresso, se temporalizam todas as histórias no processo único da história universal. A disciplina acompanhou essa aceleração, e aprendeu a traduzir esse contexto de mudanças, construindo todo um arcabouço teórico para alimentar essa percepção do tempo moderno. Constitui-se narrativamente, esse tempo controlável teórica e conceitualmente moldado e produzido para atribuir significados e ampliar noções. Koselleck afirma, que a teorização da história universal foi importante, porque a história se colocou como inteira e única e o futuro também deveria ser único. O que demonstra que não era mais possível projetar nenhuma expectativa a partir da experiência passada.

O “progresso” é o primeiro conceito genuinamente histórico que aprendeu, em um conceito único, a diferença temporal entre a experiência e expectativa. Sempre se tratava de superar experiências que não podiam ser derivadas das experiências anteriores, e, portanto, de formular expectativas que ainda não podiam ser concebidas.¹⁰²

¹⁰² Ibidem, p. 320.

Portanto, para Koselleck, o futuro deduzido dessa perspectiva mesmo sem as orientações da experiência, se estabilizou principalmente pelas invenções científicas que criariam um mundo novo. Ciência e técnica foram responsáveis por permitir o progresso, que se colocou como a diferença temporal progressiva entre a expectativa e a experiência.

Esse processo, esboçado por Koselleck, aconteceu pela transformação trazida pelo esfacelamento dos ideais construídos anteriormente, como a relação com o cristianismo. O próprio conceito de modernidade se implanta para ser determinante em uma história nova, mesmo que todo acontecimento seja singular, havia uma enorme pressão pela transformação que se iniciou dentro do âmbito político.

Registremos então: de acordo com a percepção quase unânime dos contemporâneos, a aceleração do processo político deu início à nossa modernidade - muito antes de a revolução técnico-industrial impor as acelerações ao dia a dia normal. Isso significa que, desde então, as antigas doutrinas políticas e seus inventários de experiências históricas avançam para um novo estado físico e passam a sofrer uma mudança estrutural. A possibilidade de perceber de modo imediato essa mudança estrutural é, provavelmente, a característica da modernidade. A mudança estrutural se transforma em evento.¹⁰³

O futuro é visto como infinito, único, aberto, desafiador e um lugar a se alcançar através do progresso. Toda essa temporalidade é alimentada por uma esperança em um mundo melhor, e mais harmônico construído pela razão humana, que se desdobrou durante os séculos em ciência e tecnologia. Porém, no século XX, são esses ideais que parecem enfadonhos e obsoletos, frente a tantas catástrofes, guerras e mortes. A decaída desses preceitos modernos construídos durante esses séculos, mudaram a relação com o tempo. Podemos interpretar que *Neuromancer* e as distopias tem relação direta com esse processo, e seu estudo é importante considerando a dificuldade que a história encontra para se moldar a esse novo tempo. As utopias refletiam o otimismo que existia com o tempo moderno, a distopia, por outro lado, demonstra o pessimismo que é parte do tempo presente.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA TEMPORALIDADE ATUAL

Com os estudos e reflexões de Koselleck, posicionamos teoricamente a relação de *Neuromancer* com essa mudança de temporalidade, que foi resultado do desgaste da construção da modernidade. Sobre o que compõe a temporalidade atual, é importante apontar que existem

¹⁰³ Ibidem, p. 221.

várias interpretações possíveis acerca das características, e como está coordenado passado, presente e futuro. Dentro dessa discussão, vale destacar o trabalho de alguns historiadores como François Hartog, Hans Gumbrecht e Valdeci Araújo e Mateus Pereira, apesar de trazerem suas próprias perspectivas, há uma concordância sobre como esse novo tempo perdeu o futuro como possibilidade. Para François Hartog¹⁰⁴, temporalidade atual se conceitua como regime de historicidade presentista. Sua obra foi diretamente influenciada pela de Koselleck, sobre desenvolvimento da temporalidade moderna, porém, para entender o presente Hartog articula novos conceitos. Regimes de historicidade é um conceito que se refere ao modo como uma sociedade trata seu passado e como produz com essa relação uma narrativa ou outros discursos e formatos, como memória ou patrimônio. Hartog afirma que os historiadores não podem naturalizar o tempo, regimes de historicidade é um instrumento para comparar formas de história, e como determinada época se apropriou do tempo. O conceito abrange como uma sociedade que engrena o passado, o presente e o futuro, e como esses se relacionam, ou seja, a ordem do tempo. E o termo historicidade, segundo Hartog, expressa como um indivíduo ou coletividade se desenvolve no tempo.

A expressão regimes de historicidade não trata do tempo em si, mas sim sobre a construção que os historiadores fazem sobre ele. É uma forma dos próprios historiadores questionarem a relação com o tempo, o motivo pelo qual tornamos certas histórias possíveis e outras não. Essa é uma ferramenta importante para compreender o que o autor chama de crise no tempo, a qual faz com que certos comportamentos antes amplamente empregados, agora não serem mais possíveis. Para Hartog, vivemos indícios que apontam para uma nova ordem do tempo, que sinaliza um presente alargado com uma relação complicada com o passado, que não o reconhece como experiência e o esgotamento das potencialidades futuras, que foram construídas sobre o modernismo e o progresso. Sobre o presentismo, Hartog afirma:

O presentismo pode, assim ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante. A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido, não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos.¹⁰⁵

¹⁰⁴ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Coleção história e historiografia. Editora autêntica. Tradução Maria Helena Martins, Maria Cristina de Alencar Silva, Camila Rocha de Moraes, Bruna Beffart, Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte, 2013.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 15.

Ou seja, o século XX foi futurista com uma postura levada ao extremo com o regime moderno de historicidade, que negava o passado e considerava o presente como transitório, mas terminou presentista. Hartog afirma que vivemos em um tempo desorientado, situado entre brechas, a partir do qual é possível analisar e compreender que existe um novo regime de historicidade presentista, mas não se pode com certeza afirmar que ele se instaurará permanentemente, até porque são transformações ainda em andamento.

Hartog pontua alguns indícios de como o contexto pós anos 80 foi de grande crescimento tecnológico e da sociedade de consumo, impulsionadas pela globalização, e mesmo assim, não há mais crença no progresso, apenas uma nova percepção de um mundo de catástrofes do qual o ser humano é o culpado. Deu-se uma ampla dominância do presente, que recusa o passado e o futuro, transformação que alcançou a história em vários aspectos, Hartog afirma que, como somos cercados de sintomas dessa ânsia pelo presente, esse imediatismo fragilizou o discurso historiográfico, porque o passado cria uma ideia de permanência no presente e por isso a história foi substituída pela memória, sintoma de um presente que se historiciza. Há um risco nessa fragilidade, porque o presente nos lança em um vazio temporal, com o qual a historiografia até então tem pouca intimidade. O presentismo faz com que se prefira a memória, que se estabelece como um lugar de conciliação, estabilidade e grandiosidade através do patrimônio. Esse presente busca um passado que conforte, muito diferente do construído pela historiografia por ser problematizado.

O alemão Hans Ulrich Gumbrecht¹⁰⁶, assim como Hartog, se dedica a essas questões relacionadas à temporalidade atual, e constrói suas próprias considerações sobre o que diferencia essa nova temporalidade. Em sua interpretação, destaca a construção do tempo moderno com as contribuições da obra de Koselleck, a partir de algumas características, principalmente o fato de que a humanidade consciente historicamente, se imaginou em um percurso que só poderia ser linear. Na temporalidade moderna, o presente deprecia o passado e sua orientação, porque apenas o futuro é apresentado como possível dentro de um horizonte, e a partir dessa interpretação, o presente fica extremamente estreito entre o passado e o futuro, e o sujeito se adapta as experiências passadas para encaixar nos moldes formulados pelo presente e pelo futuro. Porém, isso se transformou, porque no tempo histórico atual o futuro não se apresenta como horizonte, pelo contrário. Sobre isso Gumbrecht afirma “Para nós, o futuro não se apresenta mais como horizonte aberto de possibilidades; ao invés disso, ele é uma dimensão

¹⁰⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. Unesp. Tradução Ana Isabel Soares. São Paulo, 2015.

cada vez mais fechada a quaisquer prognósticos — e que, simultaneamente, parece aproximar-se como ameaça.” (GUMBRECHT. 2015. P 15.)

Gumbrecht destaca, que não somos mais capazes de legar nada para a posterioridade, consideramos o futuro ameaçador e o que pode ser paralisante para quem vive esse presente. Somos inundados de alguns passados, segundo Gumbrecht, construídos de outra forma por conta das memórias artificiais e eletrônicas, e entre esses passados e essa nova perspectiva de futuro, o presente começou a se expandir. O que ele conceitua como o amplo presente, é o esse presente de muitas maneiras estagnante, pois qualquer movimento em direção ao passado ou ao futuro regressa ao presente que é sempre ponto de partida criando simultaneidades que se expandem. Segundo a análise de Gumbrecht, nesse amplo presente, existem duas dinâmicas que formam simultaneamente um campo de tensão. Primeiro, é a insistência da concretude, corporalidade e presença na vida humana, e em segundo, a espiritualização radical que abstrai do espaço e contato sensorial com as coisas do mundo, o que Gumbrecht afirma ser resultado do desencantamento, trazido pelo processo de modernização. Esses vetores ordenaram um novo cronótipo, essencialmente diferente dos outros que dita comportamentos e experiências.

O amplo presente se caracteriza pelas oscilações, como parte do presente e uma ferramenta eficiente para tentar compreendê-lo. Dentro das oscilações, Gumbrecht pontua, a primeira, o amplo presente aponta para o planeta Terra e o lugar de nossa sobrevivência coletiva e individual, pois estamos cada vez mais conscientes de que o planeta é finito, e nós o encaminhamos para uma condição totalmente desfavorável à continuidade da nossa existência enquanto espécie que teve como consequência uma mudança de hábitos cotidianos, mas também estudos aprofundados de alternativas de novas economias. A segunda oscilação, Gumbrecht afirma, envolve a dimensão corpórea da existência humana, porque nesse presente o corpo humano se tornou obsoleto frente aos avanços tecnológicos, e os trabalhos que os computadores podem realizar. Um dos aspectos dessa oscilação, é que vivemos a tendência que indica que os Estados sejam os responsáveis, e dominem nossos corpos, os quais não ficam na esfera individual a disposição do sujeito. Na terceira oscilação do amplo presente, Gumbrecht aponta, a generalização da violência transformada em poder que foi consequência do processo modernizante. Ao mesmo tempo, Gumbrecht afirma, que nesse mesmo presente as pessoas exercem violências em graus acentuados em seus próprios corpos desnecessariamente. Um exemplo, estaria na criação de uma obrigação de estar sempre em forma e saudável, algo que enseja o desejo de prolongamento infinito da juventude, Gumbrecht afirma, que a cirurgia plástica é um dos negócios mais prósperos na atualidade, porque progressivamente os padrões

de beleza e a pressão estética funcionam mais cedo, desde a infância e a adolescência, especialmente entre as mulheres. E suas consequências se mostram cada vez mais graves em relação à baixa autoestima, e seus impactos na saúde mental que se desenvolvem em distúrbios alimentares. A quarta e última oscilação detectada por Gumbrecht, tem relação com o modo atual de pensar: como as mídias de comunicação e eletrônicas impactaram no pensamento, através da circulação.

Gumbrecht indica que esse amplo presente associado às novas tecnologias, fragilizaram o pensamento como reflexão que poderia se tornar ação, imobilizado pelo futuro fechado e ameaçador. Dentro dessa perspectiva a temporalidade, segundo Gumbrecht e Hartog, é organizada através do presente ampliado sobre o futuro e o passado, totalmente diferente do que foi nos últimos séculos, que tinham um futuro muito aberto, guiado por uma esperança de um mundo melhor sobre o ideal de progresso. Esse amplo presente, trouxe muitos desafios por ter enfraquecido as bases de muitas crenças estipuladas desde o Iluminismo sobre o poder dos humanos. As catástrofes, o fim das utopias e a ascensão das novas tecnologias, mudaram e fragilizaram o pensamento, como trouxe a análise de Gumbrecht, e a própria história sobre outros formatos como a memória, como trouxe Hartog.

Ainda apontando interpretações possíveis do debate sobre os fundamentos da temporalidade atual, Mateus Henrique de Faria Pereira e Valdei Lopes de Araújo¹⁰⁷ utilizam conceito de atualismo para entender esse novo tempo. Araújo e Pereira detectam, por meio da análise de vários dados, que entre os anos 60 e 70 o termo atualização começou a ser utilizado no campo semântico, associado ao computador, mas que se propagou para outras áreas. Com esses dados, os historiadores apontam que a utilização de atualização aumenta enquanto decresce conceitos clássicos modernos como progresso e revolução, o que demonstra uma relação competitiva entre os dois campos. O conceito atualismo, é importante para entender a persistência de níveis de aceleração, dispersão ou dissociação temporal mesmo com a crise do tempo ou fechamento do futuro, o conceito também é um sintoma de como o tempo funciona atualmente, através da sensação de aceleração e multiplicação. Esse sistema atualista se impõe, com a construção da necessidade do presente atual, que começa a aprisionar o usuário de tecnologias no fluxo das novidades.

Araújo e Pereira afirmam, que o atualismo se tornou uma dimensão temporal que emerge nas sociedades aprisionadas pelas estruturas em expansão. Atualizações, ou gadget, é um objeto especialmente atualista, porque é marcado pela rápida obsolescência, a atualização

¹⁰⁷ ARAÚJO, Valdei Lopes. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Editora Milfontes e Editora SBTHH. 2º edição. Mariana, 2019.

em si tem mais valor do que o próprio objeto fisicamente novo. As atualizações são vendidas como serviço, não mais como produto, processo que torna algo ainda melhor ou que corresponda o tempo presente, que é formado por aquilo que está na moda, que muda continuamente e rapidamente.

A pesquisa acerca do uso corrente semântico da palavra atualização e suas correlatas oferece, segundo Araújo e Pereira, um acesso privilegiado às formas como se concebe a realidade dentro da vida social, porque vivemos um tempo transformado no qual o conhecimento e a informação, são distribuídos como serviço em fluxo, e esse é o grande produto do capitalismo contemporâneo. Esse mundo perdeu a capacidade de falar e desenvolver significados sobre o futuro, o que é parte do atualismo, formulado como uma crença quase mágica na reprodução da realidade, e também garantidor da estabilidade do mundo.

A hipótese atualista ajuda a refletir sobre o tempo presente, e como este pode se tornar uma das formas hegemônicas de temporalização atual, também alimentada pelos desenvolvimentos tecnológicos e digitais, que não tem uma relação com o futuro totalmente fechado, porém é o futuro que repete o presente ao se atualizar.

Essas referências são essenciais para analisar *Neuromancer* como produto desse processo de mudança da temporalidade moderna para a temporalidade atual presentista, o livro representa esse crescente medo e angústia com o futuro, que é parte dessa temporalidade recente, e ainda o temor sobre os avanços tecnológicos e suas consequências. Além de ser produto desse novo futuro, podemos interpretar que as distopias apesar de trabalharem diretamente com futuros são parte desse presente estagnante ao qual discutem Hartog Gumbrecht, e essa reprodução automática do presente pela atualização como trouxe Araújo e Pereira. Porque esses futuros, como é apresentado em *Neuromancer*, é também cheio de presente, o do próprio autor, o dos anos 80 – no caso da fonte –, mas também do presente atual. A ambientação, os problemas causados pelas desigualdades, também aprofundam questões que são problemas no presente, o que demonstra esse presente perpétuo. Essas referências são base para interpretar que as distopias também são movimentos que buscam o futuro, mas acabam por retornar ao presente, como sintoma desse presente que se amplia sobre as outras camadas temporais, e até mesmo se atualiza.

Outro sintoma, que podemos apontar, desse tempo atual é a abertura recente e progressiva de um novo campo de desenvolvimento dentro da história que é a história do tempo presente que Henry Rousso,¹⁰⁸ foi enraizado dentro na disciplina pelas catástrofes do século

¹⁰⁸ ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. FGV. Tradução Fernando Coelho e Fabricio Coelho. Rio de Janeiro, 2016.

XX, mas também no âmbito do espaço público. Utilizando o conceito de Hartog, de regimes de historicidade presentista, Rousso demonstra que o tempo é marcado pela tensão entre o atrativo esquecimento e pela necessidade da lembrança, e esse novo pessimismo determinou uma enorme dificuldade desse passado próximo realmente passar. Portanto, as muitas catástrofes ocorridas no século XX, nos tornaram artificialmente contemporâneos de sofrimentos infligidos à toda coletividade, e alguns eventos tornaram-se insuperáveis. Essas catástrofes mudaram a maneira de escrever a história e contribuíram para mudar a relação entre passado e presente.

Rousso afirma que essas transformações impactaram a história, porém o próprio grande público desempenhou um papel importante demandando cada vez mais uma instantaneidade, que fez crescer também a história próxima. Outro aspecto que contribuiu para esse desenvolvimento, foi a explosão das novas tecnologias que permitiram a evolução do campo audiovisual, e uma relação diferenciada com os arquivos. Rousso afirma, que a história do tempo presente não é um sintoma da crise que vivemos, na realidade o historiador a encara como um antídoto para compreender o tempo atual.

A fronteira entre o passado e o presente é menor na temporalidade atual, pela vontade de conservar o presente em sua instantaneidade, e por isso há dentro da história do tempo presente uma necessidade de proximidade, porque se estuda um processo em curso, por isso é preciso assumir que as análises tem caráter provisório, sem negar a disciplina histórica, e sua relevância para o processo da construção do conhecimento. A história do tempo presente se tornou como um campo da história importante na atualidade, por abrir novas possibilidades de pesquisa.

As contribuições de Hartog, Gumbrecht, Araújo e Pereira e Rousso são essenciais pois nos permitem entender a posição da fonte dentro dessa mudança na temporalidade moderna, e atualmente se desenvolve outra apropriação do tempo que tem como fundamento a falta de esperança no futuro. Essa ruptura temporal foi impulsionada pelas catástrofes do século XX, mas também pelos avanços capitalistas e seu envolvimento direto com as novas tecnologias digitais, que ditou novos processos que ainda estão ocorrendo. O presentismo, ou presente amplo, ou ainda o atualismo demonstram que mesmo que exista um impulso para construir o futuro, esse futuro não consegue escapar do presente estagnante que apenas permite um futuro fechado para qualquer esperança.

3.3 MUDANÇAS NO CAMPO HISTORIOGRÁFICO

Considerando esses processos de transformações entre temporalidades, podemos dizer que vivemos em um mundo com disposições e percepções bem diferentes do que costumava ser na modernidade, o que impõe alguns desafios. Por isso, é possível apontar que é relevante refletir mais profundamente acerca de como essas mudanças do século XX impactaram a historiografia e algumas das possibilidades abertas por essas novas deliberações. Sobre esses acontecimentos é importante destacar o que Hayden White¹⁰⁹ conceitua como *evento modernista*, ou seja, como nesse período houve a dissolução do evento histórico, fato que trouxe para a pós-modernidade uma suspensão entre o real e o imaginário, o que antes não poderia ter ocorrido. O contexto de guerras mundiais, crescimento da população e da fome, pobreza, uso de contaminantes que poluem o planeta e explosões nucleares, funcionaram como traumas dentro da consciência individual, segundo White. Esses traumas significam que esses eventos não podem ser simplesmente esquecidos, nem adequadamente lembrados. Para White há uma grande dificuldade para as novas gerações em significar esses traumas, porque são resistentes em se enquadrar nas convenções que anteriormente significavam os eventos. Sua infinitude de significados e detalhes não permite ser determinado objetivamente, porque as ferramentas também se tornaram obsoletas, considerando que as bases das representações foram dissolvidas.

A tecnologia e as mídias impactaram nesse sentido, segundo White, o registro de um acontecimento abre as portas para uma série de interpretações possíveis, tornando-os mais incompreensíveis e as explicações mais facilmente manipuladas. Essa mudança permitiu que a narrativa e suas técnicas na pós-modernidade se tornaram inutilizáveis, o que atingiu a história, pois esvaziou o evento e sua função narrativa tradicional. Porém, White afirma, que certamente os eventos ainda podem ser representados e significados, apenas precisamos reconhecer que os eventos modernistas nos impuseram uma série de desafios, e que para lidar com eles precisamos de novas ferramentas e técnicas de representação.

Ou seja, no contexto do século XX, formou-se uma obsolescência das ferramentas de representação que foram construídas e consolidadas na modernidade: lidamos com uma crise historiográfica, pois esses eventos sobrepuseram os limites das ferramentas de análises e explicativas, por isso a necessidade de uma renovação dentro da história.

Considerando como esses eventos modernistas atingiram a temporalidade e consequentemente a historiografia, sobretudo ao colocar em questão as bases da história como uma produção da modernidade. A própria história, assim como, outras ideias da modernidade e seus preceitos, foram questionados por um movimento que ficou conhecido como pós-

¹⁰⁹ WHITE, Hayden. *O evento modernista*. Revista Lugar Comum. n° 5-6, 1992.

moderno. Segundo Luis Mussy,¹¹⁰ o posicionamento pós-moderno é uma ferramenta teórica de crítica aos conceitos que formularam por muito tempo, a modernidade e diretamente disciplina histórica, pois a própria formação da história como disciplina foi concebida dentro dessa tradição de conhecimento científico, que foi construído e legitimado desde o Iluminismo. Algumas características do pós-modernismo são, primeiramente, apontar o esgotamento das grandes narrativas, antes tão presentes dentro das interpretações historiográficas, como o marxismo, positivismo, estruturalismo entre outras. Em segundo lugar, os pós-modernos também colocam em dúvida toda a noção construída ao redor do que considerávamos como real, porque anteriormente as ciências humanas utilizavam explicações totalizantes para compreender o real com certezas, porém essa é uma explicação em falência, segundo a leitura dos pós-modernos. Porque o real é construído pelas relações de poder dispostas na sociedade, política e outras instituições. Em terceiro lugar, há o direcionamento de uma crítica também a noção de fato histórico e sua relação na historiografia como fonte, pois os pós-modernos não consideram a fonte uma prova, mas sim uma construção, que precisa de operação teórica e metodológica, pois as fontes chegam dispersas e precisam de todo um trabalho do historiador.

Mussy afirma, que os pós-modernos também discutem acerca dos limites da representação do passado, porque um acontecimento em si não tem significado, o significado dado pelo historiador é narrativo. Ou seja, a história não pode ser entendida fora dos relatos que a constroem, pois os acontecimentos não são algo dado e externo a essa operação. Mussy relembra a importância da virada linguística que inaugurou uma crise pragmática dentro da historiografia, e coincide temporalmente com os desgastes dos ideais da modernidade. A relevância de se pensar a narrativa é, para Mussy, que o passado é construído a partir de escolhas, e essas escolhas são fundamentais para significar esses acontecimentos. Ou seja, o posicionamento crítico dos pós-modernos, é de ruptura com o que antes era colocado dentro da historiografia, pois negam que seja possível dentro da história funcionar o distanciamento e a neutralidade, preceitos amplamente disseminados e desejados pela história científica. Segundo Mussy, a leitura pós-moderna acredita que a historiografia alimentou uma fantasia acerca do trabalho do historiador, de que era viável alcançar a unidade e a coesão, e com isso houve uma recusa ao observar e criticar quais são os limites da história. Encobrimos que reconstituir o passado é uma tarefa difícil, pois ele chega a nós fragmentado e nossas percepções sobre são temporárias.

¹¹⁰ MUSSY, Luis G. de. *Historiografía postmoderna un manifesto*. In: MUSSY, Luis G. de. VALDERRAMA, Miguel. *Historiografía postmoderna: conceptos, figuras, manifestos*. Ril editores – Ediciones Universidad Finis Terrae. Santiago, 2010.

Para Mussy, não basta desconstruir os preceitos modernos da historiografia, é preciso agir sobre a máquina representacional que se constituiu a partir da historização das próprias práticas historiográficas, da posição crítica as categorias que legitimam e organizam valores para o campo e para as práticas historiográficas. Obtendo clareza sobre essa função como algo que depende de escolhas, que estão dentro de um lugar político e ético.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Para além das mudanças temporais, *Neuromancer* e as distopias também estão conectados com mudanças sociais e econômicas que vieram associadas as outras transformações no final do século XX. Para compreender como as mudanças na sociedade industrial impactaram as distopias destacamos o conceito de Ulrich Beck¹¹¹ *sociedade de risco* como um substituto para o que antes considerávamos sociedade industrial e moderna. Seu embasamento, é a percepção de que os perigos e riscos desenvolvidos pela continuidade do processo industrial se disseminaram amplamente na sociedade. Segundo Beck, o mundo moderno construiu muros através da exploração e subjugação da natureza absorta pelo sistema industrial, porém os perigos passaram as barreiras modernas.

Para Beck, a modernização dissolveu os contornos da sociedade industrial e ao mesmo tempo surgiu uma outra configuração social, que representa a finalização do mundo construído e consolidado no século XIX, porque a produção de riqueza esteve todo tempo envolvida com a destruição da natureza, catástrofes e genocídios. A sociedade industrial se instabilizou em sua própria concretização, desencadeando auto ameaças e no presente colhemos os resultados desses processos convertidos em riscos. A modernização também trouxe problemas e desencadeou forças destrutivas, e não apenas progresso científico, mesmo que houvesse uma pretensão no pensamento moderno, de que o desenvolvimento tecnológico seria fonte de riqueza. Beck afirma que a modernidade e a sociedade de risco, se diferenciam pela globalidade do alcance dos riscos desenvolvidos pelas forças produtivas e são distribuídos dando espaço para concretização de ameaças.

Sobre os riscos, Beck afirma, que emergem desvinculadamente com um alcance universal e seus resultados são incalculáveis e imprevisíveis, e precisam que acreditemos em sua potencialidade destrutiva, porque não são tangíveis por conta própria, mas sabe-se pouco

¹¹¹ BECK, Ulberich. *A sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Editora 34. Tradução Sebastião Nascimento. 2º edição. São Paulo, 2011.

sobre seus efeitos colaterais. Um exemplo que Beck explora, é o do uso desenfreado de agrotóxicos nos alimentos, que mesmo sem certezas sobre as consequências é irresponsavelmente utilizado. Essa discussão realmente cresceu dentro das análises da história sobre o impacto inegável que a humanidade causou com seu poder científico e tecnológico no planeta. Para Dipesh Chakrabarty¹¹² os historiadores sempre tiveram certa tendência a separar a história natural da história humana, sem considerar que a natureza fosse capaz de ter uma história própria e relevante dentro dos parâmetros de compreensão estipulados para os humanos. E deixavam ambientes como um pano de fundo silencioso, se transformando lentamente para as narrativas. Porém, com as mudanças climáticas essa transformação é tão veloz e acelerada, que carrega consigo a possibilidade do desenrolar de desastres que certamente atingirão os seres humanos. Por isso, houve um crescimento do campo da história ambiental no final do século XX, que dedica a pensar especificamente como a crise do aquecimento global trouxe novos debates bastante relevantes sobre os seres humanos exercerem atualmente uma força geológica, para além do agente biológico que sempre foi, por estarem causando mudanças em estruturas básicas dos processos físicos da Terra.

Nosso impacto é tão grande que atualmente essas questões se tornaram de tal modo centrais que alguns estudiosos já pensam sobre uma nova fase geológica da Terra, o antropoceno, caracterizada pelo humano como agente, porque tudo que construímos enquanto “civilização” foi sobre extermínio dos recursos naturais, que agora promovem um desequilíbrio no ecossistema terrestre. Chakrabarty retoma a importância de dialogar com as análises do capitalismo global com uma perspectiva de história da espécie humana. Seres humanos precisam deixar de ter o protagonismo dentro das pesquisas, o que significa pensar humanos como uma espécie que compõe parte da história da vida do planeta, para com esse outro ponto de vista compreendermos as consequências das nossas ações. Para isso, seria necessário aos acadêmicos deixarem as diferenças disciplinares para trás, porque a mudança climática é uma crise que demanda todos os tipos de estudos, mas principalmente uma convergência da geologia, da arqueologia e da história.

Portanto, pensando sobre as reflexões de Chakrabarty podemos afirmar que a ciência aliada ao capitalismo industrial construiu grandes problemas, como o próprio aquecimento global. Algo que se aproxima do que Beck afirma ser parte essencial da composição da sociedade de risco é esta crítica à ciência, porque esta foi consolidada na modernidade e ruiu aos poucos por conta da sua pretensão de ter o monopólio da racionalidade, as críticas vieram

¹¹² CHAKRABARTY, Dipesh. *O clima da história: quatro teses*. Revista Sopro 91, 2013.

do fracasso da racionalidade científica-tecnológica. Um fracasso que não é passado, mas sim presente. Beck afirma, que a ciência nesse contexto, é mais um problema do que uma solução, uma abordagem e perspectiva recorrente nas distopias que desenvolvem narrativas com esse tema. A ciência, para Beck, não está apta para reagir aos riscos civilizacionais, pois está diretamente envolvida com seu surgimento e expansão. Houve equívocos dentro do processo de domínio da ciência dirigida para avançar, em relação ao crescimento das vantagens produtivas do capitalismo e teve como consequência uma cegueira dentro da ciência, que normaliza avanços sem compreender seus efeitos completamente.

Outro processo, segundo Beck, que revelou desigualdades da sociedade industrial foi o ganho dos movimentos feministas na demanda por igualdade. O que transformou muito a sociedade, já que houve uma crescente diversidade de configurações familiares, e busca pela equiparação educacional. Beck afirma, que essa mudança trazida pelo feminismo foi mais um golpe na sociedade industrial, porque rompeu a estrutura social da vida privada, na qual as atribuições de caráter de gênero eram base, pois os fundamentos da família foram colocados em questão. Beck afirma, que se estabeleceu anteriormente uma hierarquia socio-industrial estamental, formada e moldada em núcleos familiares, baseados na família patriarcal. A partir desse modelo o homem é “essencialmente” aquele que deve trabalhar, enquanto cabe a mulher o ambiente privado e o cuidado com a família. O que se tornou muito incerto com as mudanças que seguiram o crescimento da expectativa de vida, a reestruturação do trabalho doméstico, os métodos contraceptivos que estabeleceram uma nova relação com a maternidade, fragilidade do sustento familiar e a equiparação educacional entre homens e mulheres.

Outra das facetas do processo de constituição da sociedade de risco, a mudança sobre a questão que cerca do trabalho assalariado, que assumiu uma importância central dentro do desenvolvimento da sociedade industrial. Sua relevância, segundo Beck, não se fundamenta apenas no trabalho, mas em toda conduta de vida cada vez mais individualizada que foi moldada pelo sistema econômico. O trabalho assalariado e a profissão são um eixo da conduta moderna, associado à noção de família nuclear. O trabalho assalariado perdeu suas garantias, porque se anteriormente existia um sistema pleno de emprego padronizado, na sociedade de risco temos um sistema de subemprego flexível e plural. Os trabalhos especializados de jornada integral foram convertidos em trabalhos genéricos. A flexibilização temporal e espacial alcançará todos os setores, segundo os estudos de Beck, que impactou na renda e consequentemente aprofundou as desigualdades existentes, marginalizando ainda mais aqueles que já são vulneráveis. O trabalho assalariado não desaparecerá ou será cancelado, porém essas novas formas têm sua

força. Para Beck, sem a atuação dos Estados pela ampliação da seguridade social é iminente um cenário de pobreza.

Última característica da sociedade de risco seria a entrada de outros grupos de influência corporativamente organizados, que conseguem crescer sobre as autoridades governamentais. Beck define, que a administração política deixou de ter sua dimensão oficial para atuar, em o que ele conceitua como zona cinzenta do corporativismo, porque o Estado intervencionista perdeu suas energias para dar espaço e permitir a resistência do setor privado. Concluindo sua obra, Beck afirma sobre o resultado:

O lugar das utopias políticas foi ocupado pela solução de charadas envolvendo os efeitos colaterais. Consequentemente, as utopias são revertidas em algo negativo. A configuração do futuro, deslocada e codificada, tem lugar não no parlamento, não nos partidos políticos, mas nos laboratórios de pesquisa e nas salas de reunião de executivos. [...] Laboratórios de pesquisa e direções de empresas nas indústrias de futuro converteram-se em “células revolucionárias” paramentadas de normalidade. É ali que [...] são criadas as estruturas de uma nova sociedade.¹¹³

Em nossa leitura, as mudanças socioeconômicas que Beck apresenta, são próximas do mundo de *Neuromancer*, no qual existe muita marginalização e desigualdade, enquanto as cooperações concentram a renda mundial e conseguem sobrepujar autoridades governamentais. As outras distopias revelam essas contradições, porque começam a apontar para as falhas da modernidade.

As leituras trazidas por Ulrich Beck e Dipesh Chakrabarty acerca das mudanças na sociedade industrial, tornam o processo do qual *Neuromancer* faz parte muito mais complexo, por ser um sintoma do desenrolar de um novo entendimento sobre a sociedade atual, e como essas novas configurações apenas alimentam e aprofundam a existência de um imaginário distópico, tanto os riscos, quanto o aquecimento global, apenas aumentaram essa sensação de impotência que é característico da nova sociedade e temporalidade. Quanto mais compreendermos esse tempo preenchido de distopias, mais saberemos agir sobre ele.

3.5 PROGRESSO COMO CATEGORIA MOBILIZADORA DA MODERNIDADE

Com os estudos do historiador Koselleck, podemos indicar que o progresso é um conceito chave para compreender a construção da modernidade e sua operacionalidade como

¹¹³ Ibidem, p. 327.

temporalidade. Vidal Costa¹¹⁴ afirma que o discurso acerca do fenômeno tecnológico, que tem uma especificidade na modernidade exatamente porque as máquinas passaram a carregar também uma simbologia: representavam o progresso e o futuro da humanidade. Essa simbologia povoa todo um imaginário que aparece em vários lugares.

Para Costa, essa temporalidade moderna tem uma noção de linearidade que opera como a tecnologia entendida como um símbolo de superioridade civilizacional, moral e ética. E para que essa lógica funcione, assim como Koselleck, Costa afirma que é inescapável um desprezo acerca do passado e consequentemente o futuro é amplamente valorizado. A ciência é usada para legitimar esse projeto de modernização, que vitimiza alguns, mas que é inevitável para alcançar o futuro. Segundo Costa, há uma militarização do cotidiano, não apenas pela aquisição de armamentos, mas pelo fascínio que estas máquinas causam, a ponto de se tornarem quase atrações turísticas. A questão simbólica sobre as máquinas se tornou intensa, e todo um universo tecnológico gerou o interesse em grandes coleções de objetos. O que demonstra, de acordo com Costa, que havia uma corrida constante para que se desenvolvessem máquinas cada vez maiores e mais complexas, algo que ajuda a povoar um imaginário sobre elas como se fossem capazes de tudo, inclusive resistir ao tempo dando novas configurações mitológicas para esse maquinário. Sobre a construção desses mitos:

Mas, uma vez constituídos, esses mitos tecnológicos continuam muito além da permanência física dos objetos reais que, para conservarmos a mesma analogia, podemos dizer que foram um dia os seus “avatares”. Assim como no mundo antigo, esse processo repete-se na modernidade incessantemente, com uma constante renovação de mitos envelhecidos e a agregação de novos. Essa mitogênese tecnológica, de caráter permanente, possui períodos de clara aceleração, nos quais sucessões contínuas de objetos icônicos, às vezes da mesma linhagem técnica, são produzidas, cada qual superando a anterior e, ao mesmo tempo, mitigando-lhe (e a si mesma) a porção de ama em sua própria tentativa de eternização.¹¹⁵

A aceleração é impulsionada pelo desejo de futuro com nova forma de eternizar máquinas como ícones, tornando-as superiores na modernidade, época pródiga em associar engenharia à esperança no futuro. O que se criou foi um verdadeiro fascínio no espectador, mantido pelo crescimento da era industrial e seu desdobramento: o progresso. Costa exemplifica essa situação, com os grandes transatlânticos como Titanic, Lusitânia, Queen Elizabeth, entre outros, que se tornaram extremamente famosos por sua capacidade e velocidade. Outro aspecto que foi relevante para que se alimentasse esse mito tecnológico, foi

¹¹⁴ COSTA, Vidal Antônio de Azevedo. *Ecos do tempo perdido: fragmentos da gênese de uma temporalidade moderna*. Tese (Doutorado em história). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

¹¹⁵ Ibidem, p. 58.

ocultar qualquer decepção que pudesse estar alinhada a esses aparatos, e o apagamento seu potencial destrutivo, mesmo que muitos desses novos componentes estivessem conectados ao avanço interessado pelos Estados militarizados, ou seja, era inevitável seu póstumo desenvolvimento catastrófico. Mesmo assim, houve o processo de glamourização dos meios de destruição.

Costa conclui, que essa temporalidade moderna tomou o futuro como destino, mas esqueceu-se o caminho construído no presente. Não reconhecer nada fora da expectativa faz com que o presente seja vazio.

Este olhar que confunde o futuro com a instrumentalização tecnológica do presente reafirma a dúbia escolha moderna, de direcionar o olhar para longe do passado, fitando o abismo diante de sua proa, desafiando-lhe o vácuo irredutível, confiando cegamente em seu ferramental para enfrentá-lo. Mas o lugar do futuro é imaginário, e as ferramentas não são a única coisa que se deve levar para ele, pois a escolha das mesmas não pode ser feita com o conhecimento prévio do que seria necessário levar.¹¹⁶

Os mitos ajudaram a construir e significar o ideal de progresso, o que permitiu muita confiança e isso trouxe uma grande abertura sobre a esperança que cabia ao futuro, isso se traduzia através do próprio vocabulário, símbolos e mitos para sustentar essa visão moderna da tecnologia.

Podemos interpretar, que a categoria de modernidade e progresso, operavam através do futuro amplo, característica da temporalidade moderna, que se desenvolve pela criação de símbolos e mitos sobre máquinas entendidas como representantes do futuro da humanidade. A ciência e a técnica eram vistas como se tivessem uma responsabilidade, para além de transformar a vida, manter a harmonia mundial, uma perspectiva deslumbrada a respeito desses aparatos.

3.6 PROGRESSO COMO OPRESSÃO

Ainda refletindo sobre o conceito de progresso, podemos apontar sua conexão com estruturas de opressão que operou em um âmbito macro, refletido do micro, afetou outras associações sociais ao redor do globo. A modernização, por muitas vezes, esteve associada a processos de conquista e dominação, que são desenvolvimento direto da política colonialista e neocolonialista principalmente entre os séculos XVI e XIX, mas com consequências que

¹¹⁶ Ibidem, p. 344.

progrediram até os dias atuais. Os europeus para operarem essa política ao redor do globo, em diferentes locais como a América, África e Ásia, utilizavam justificativas de superioridade e visões evolucionistas, utilizando um discurso sobre como se na Europa houvesse a verdadeira civilização, que deveria ser levada aos outros lugares e para outros povos considerados atrasados.

Para aprofundar essa discussão, podemos afirmar que a ciência desenvolveu uma grande legitimidade de operar sobre corpos e sujeitos, inclusive utilizada para diminuir outros sujeitos em outros processos. A obra do filósofo Michel Foucault é essencial nesse sentido, pois ele dedicou muito de seu trabalho à associação entre poder e saber. Sobre as relações de poder Foucault¹¹⁷ afirma que é significativo investigar a história através dos modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos, sendo a subjetividade formada por um contexto, e pelas relações e práticas de poder que operam nessa lógica. Refletindo acerca da modernidade, Foucault observa, que muitas das formas de poder estiveram relacionadas à formação do Estado moderno. O Estado incorporou muito do poder pastoral, que atuava anteriormente como forma de poder que assegurava a salvação individual. Havia um cuidado do indivíduo, não apenas na comunidade, no Estado isso continua, porém muda-se o objetivo para salvação nesse mundo a partir do desenvolvimento de âmbitos de saúde, bem estar e segurança que se desdobrou na produção de saberes.

Foucault¹¹⁸ trabalha com a formação dos domínios do saber a partir das práticas sociais, e percebe a relevância das práticas jurídicas para compreender a emergência de novas subjetividades, porque são elas que determinam novas formas de verdade. A partir disso se formaram regras que estipularam determinados comportamentos.

As práticas jurídicas – a maneira pela qual, entre os homens, se arbitram danos e responsabilidades, o modo pelo qual, na história do Ocidente, se concebeu e se definiu, a maneira como os homens podiam ser julgado em função dos erros que haviam cometido, a maneira como se impôs a determinados indivíduos a reparação de algumas de suas ações e a punição de outras, todas essas práticas regulares, é claro, mas também modificadas sem cessar através da história – me parecem uma das formas pelas quais nossa sociedade definiu tipos de subjetividade, formas de saber, e, por conseguinte, relações entre o homem e a verdade [...].¹¹⁹

¹¹⁷ FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. Disponível em:

<<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>. Acesso em julho de 2021, p. 235.

¹¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Conferência I. A verdade e as formas jurídicas*. Editora Nau. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2002.

¹¹⁹ Ibidem, p. 11.

Essa forma de verdade passou pela constituição do inquérito, que apareceu ainda no final da Idade Média. Depois, no século XIX, uma ferramenta semelhante, chamada exame, deu origem a várias novas formas de investigação científica, que surgiram a partir dos problemas jurídicos. O conhecimento opera de muitas formas estabelecendo relações de poder.

Através desse desenvolvimento dos saberes se criaram mecanismos de poder. Segundo Foucault¹²⁰ é essencial entender os saberes na constituição dos sujeitos, porque estes foram e são base para referenciar, examinar e distribuir indivíduos. Parte desses se consolidaram para criar a partir do corpo social uma sociedade disciplinar, um processo que pode ser detectado no século XVII e XVIII. Principalmente pela multiplicação e estatização de mecanismos disciplinares, e centros de controle como as escolas, as prisões, os hospitais e a polícia que exerce vigilância permanente. A disciplina não é uma instituição, mas uma modalidade do exercício do poder, que fica para uma instituição com um fim determinado. A modalidade disciplinar não substitui outras formas de poder, mas sua permanência se deve ao fato de que esta se infiltrou nas outras formas, e prolongou-as. Através da disciplina muito da subjetividade dos indivíduos foi constituída, principalmente fabricada pelas relações de força da ordem social.

Sobre a formação da sociedade disciplinar, Foucault enfatiza que existiu uma ligação direta com o desenvolvimento do poder econômico, advindo do crescimento demográfico do século XVIII, e a necessidade da coesão de um aparelho de produção. A disciplina, foi criada como uma técnica de ajustar a grande diversidade de homens à multiplicidade dos aparelhos de produção. Sua função além de aumentar a utilidade dos corpos, era de neutralizar formas de resistência, porque utilizava da divisão e coordenação de tarefas, repartição analítica do tempo, dos gestos, diminuindo inconvenientes do poder. A disciplina permite acumulação de homens úteis pelo aparelho disciplinar, para construir acúmulo de capital. Esse processo se generalizou para outras partes da sociedade através do poder aos conhecimentos possíveis. E a construção de ciências empíricas, utilizaram a função do inquérito e então exame, auxiliando na formação do poder disciplinar.

Houve a generalização do poder disciplinar em diversos âmbitos, como a moderna medicina científica. Esta, segundo Foucault¹²¹, surge melhor consolidada no século XVIII, é estratégica no controle tanto do corpo quanto força de trabalho para que houvesse o

¹²⁰ FOUCAULT, Michel. *O panoptismo*. In: Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 20ª edição. Editora vozes. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis, 1998.

¹²¹ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da medicina social*. In: Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

aparelhamento do Estado. No caso francês, devido ao crescimento urbano, e do desenvolvimento da cidade como um lugar comercial, era de interesse organizar o corpo social urbano de modo coerente, homogêneo e bem regulamentado. A criação de um pânico urbano, promovido pela disseminação de doenças, auxiliou nesse processo, causado pelo crescimento desenfreado e falta de infraestrutura para as populações mais pobres. Essa inquietude, criou uma reação que parte principalmente da classe burguesa de intervenção, através do modelo médico-político que tinha como objetivo central, analisar lugares de acúmulo e amontoamento que poderiam causar doenças, controlar a circulação de elementos, como ar e água, essenciais para vida comum na cidade. A plebe urbana foi considerada um perigo a partir do século XIX, principalmente na Inglaterra, e a medicina teve um papel fundamental em tornar corpos mais úteis ao trabalho e menos potentes politicamente, e proteger a classe mais rica através do controle trazido pela assistência médica.

Na relação entre saber e poder, há outros mecanismos que se constituíram para além das disciplinas, diretamente conectados com a ciência. O que Foucault¹²² conceitua como biopolítica, foi o desenvolvimento de um poder que se importa com a vida da população e com a sua continuação como espécie. Este aparece, primeiramente, como o poder que o soberano tinha sobre a vida ou morte de seus súditos, através da condição de defesa do soberano sobre as legítimas guerras. Poder essencialmente de confisco e apreensão de tempo, corpos, e até a vida. Esse poder de morte se deslocou para uma nova configuração de incitação, controle, vigilância, de organização dos corpos submetidos, para produzir forças, fazer crescê-las e ordená-las e sua apresentação é como um poder positivo para a gestão e regulamentação da vida.

Esse poder se firmou concretamente a partir do século XVII, através de dois momentos, em um primeiro: função do corpo como máquina, no seu adestramento para a ampliação de suas funções, crescimento paralelo da utilidade e docilidade e sua integração em sistemas de controle e econômicos, assegurado pela generalização social do poder disciplinar. Em um segundo: centrado no corpo-espécie, corpo como suporte dos processos biológicos, proliferação, nascimentos, mortalidade, longevidade, entre outros aspectos. O Estado, segundo Foucault, garantiu o prolongamento da biopolítica sobre todos os níveis do corpo social em várias instituições. O capitalismo, também recebeu e operou essa forma de política através da gestão de corpos produtivos. A partir disso, houve a proliferação de tecnologias políticas que

¹²² FOUCAULT, Michel. *Direito de morte e poder sobre a vida*. In: História da sexualidade I: A vontade de saber. Edições Graal. Tradução Robert Hurley. 13ª edição. Rio de Janeiro, 1999.

investem sobre o corpo, sobre a saúde, maneiras de se alimentar, de morar e sobre as condições de vida. A morte, portanto, uma ameaça absoluta de uso da lei a ser aplicada.

Através dessa nova lógica do poder, a sexualidade se tornou um campo de disputa política, pois faz parte da disciplina do corpo, mas também está dentro da regulamentação das populações. Segundo o Foucault, por muito tempo a questão sanguínea era centro de sistemas de aliança, hoje somos uma sociedade da sexualidade, já que os mecanismos de poder se direcionam ao corpo, a vida, ao reforço para o progresso da espécie, saúde e raça. Considerando essas reflexões, Foucault¹²³ elabora o conceito de dispositivo de sexualidade, que é constituído de estratégias de saber e poder que se apropriam do corpo e da vida, com a formação de um Estado que tem como foco a manutenção da população. A partir desse conceito, Foucault demonstra, que se aceita as questões da sexualidade passarem por um poder repressivo, que teria como base a lei, porque são mecanismos de poder que surgem com o Estado monárquico. Entretanto, Foucault afirma, que essa relação complexa foi construída sobre a proliferação de discursos sobre o tema, e assim a sexualidade se constituiu como um domínio a ser conhecido, e as relações de poder a tornou um objeto possível, e fomentou o surgimento de técnicas de saber. Alguns pontos estratégicos são importantes para o desenvolvimento do dispositivo específicos de saber e poder, a histerização do corpo da mulher, através de uma patologia que lhe é intrínseca dentro do campo médico, e com ligação com a sociedade. A pedagogização do sexo da criança, que são encaradas como suscetíveis a atividade sexual que traz perigos para ela e para o coletivo. E a psiquiatrização do prazer perverso, no qual a psiquiatria procurou anomalias, e depois correções para estas. Dessas práticas surgiram os mecanismos e configurações do dispositivo de sexualidade como de alianças, sistemas de matrimônio, de fixação e desenvolvimento de parentescos, transmissão de nomes e bens, como novas formas de relação de inovação para penetrar os corpos e controlar populações.

As reflexões de Foucault, se encaixam em nossa leitura para aprofundar a percepção que o conhecimento, e diretamente o conhecimento da modernidade, se estabeleceu através de diversos poderes que atuam na construção de sujeitos e subjetividades. Entre eles estão os poderes disciplinares, a biopolítica e o dispositivo de sexualidade que tem interesse em moldar esses corpos para o sistema social e econômico. O que demonstra que a ciência, e o progresso, para retomar a reflexão, são constituídos como operantes de um mecanismo de poder usados dentro e fora para determinar comportamentos. Europeus utilizaram justificativas vindas das

¹²³ FOUCAULT, Michel. *O dispositivo de sexualidade*. In: História da sexualidade I: A vontade de saber. Edições Graal. 13ª edição. Tradução Robert Hurley. Rio de Janeiro, 1999.

verdades científicas, para dominar outros sujeitos com outras subjetividades, através do progresso como discurso de legitimidade.

Definimos, portanto, que a construção da ciência e sua acepção de verdade estabeleceu relações de poder, assim como o progresso e a modernidade tem conexão direta com o colonialismo. Pensando em aprofundar esse tema, analisamos de uma perspectiva pós-colonial, que pretende descolonizar o próprio pensamento daqueles que foram vítimas desse processo de colonização, que ocasionou violência e genocídio de populações ao redor do globo. Através da análise e do posicionamento do filósofo camaronês Achille Mbembe, e sua interpretação de que uma crítica ao nosso tempo deve ser pensada considerando as questões raciais implementadas durante a Idade Moderna, que foi marcada pela deslocação voluntária ou forçada de populações inteiras, caracterizada pelo repovoamento, pela colonização e pelo tráfico de escravizados negros, e quem coordenou esses processos foram as potências europeias ocidentais.

Mbembe¹²⁴ destaca que não podemos esquecer que esse processo de progresso e modernização só foi possível por conta da criação da categoria de raça, que não existe enquanto um fato natural físico, antropológico ou genético. Trata-se de ficção, construção e projeção ideológica que o Ocidente “civilizado” utiliza para caracterizar o diferente, colocado em um posto negativo. O negro é visto como limitado, povos não sociáveis, como animais e a justificativa utilizada pelos europeus, em sua superioridade científica e industrial, era um dever de ajudar, ou seja, a empresa colonial tinha um objetivo e obra civilizadora. Com essa legitimidade criada pelo saber, como Foucault demonstrou, tornou-os aptos para espalhar esse saber outros lugares e outras pessoas.

Segundo Mbembe, a desnacionalização e transnacionalização da condição negra foi constitutivo essencial da modernidade, pois determinava as relações entre a colônia e a metrópole. Dentro da lógica colonial, o negro é constantemente produzido, sempre em vínculos sociais de submissão, para dar continuidade a justificativa que “naturaliza” o uso do trabalho dos escravizados. O negro também não é uma pessoa do ponto de vista jurídico, apenas um corpo destinado ao trabalho. Mbembe define que a modernização e industrialização só ocorreram por causa da criação da categoria racial, a invenção do negro abriu caminho para inovações nos transportes, produção e comercialização.

¹²⁴ MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. 1º edição. São Paulo, 2018.

Mbembe defende que a produção da fabricação das questões raciais e novas variantes do racismo, sempre continuam, mesmo com a mutação das estruturas. E exemplifica, através dos estudos biológicos e genéticos que tendenciosamente confirmaram tipologias anteriormente criadas pelas teorias raciais. O racismo produz também uma diferente faceta do progresso, no qual o futuro possível seria apenas aquele com a “retirada” de raças indesejadas. O progresso unido aos domínios da engenharia genética, deu base para o desenvolvimento da eugenia e aplicação do darwinismo social, para determinar quais raças eram superiores e quais eram inferiores. A ciência, com sua legitimidade de saber, como trouxe Foucault, prolongou o racismo já existente profundamente na sociedade formulando e reformulando raças para consolidar os processos de colonialismo e imperialismo.

A partir dos estudos de Mbembe, podemos apontar, que é preciso deslocar nossos olhares, levando em conta os genocídios anteriores ao século XX, em espaços considerados periféricos como a América e a África. A paz do Ocidente dependia da violência empregada nos outros locais do planeta. Mbembe afirma, que as conquistas coloniais foram campo privilegiado de experimentação de ideologias genocidas modernas, que posteriormente abriram caminho para os campos de concentração, porque as guerras de conquista naturalizam o antagonismo e qualificação do inimigo. Esses processos tem como consequência até mesmo as disposições presentes em nossas democracias modernas, inclusive do desenvolvimento do capital e da tecnologia que não são antíteses da escravidão, mas sua dobra e desdobramento.

Ou seja, equivale a dizer que a categoria de raça, o colonialismo e imperialismo estão conectados com o avanço industrial e tecnológico que era movido pelos países europeus. No mesmo sentido Marina Garcés,¹²⁵ afirma que o projeto civilizatório dos países europeus, se fundamentou na dominação e no colonialismo. Segundo ela, recebemos as catástrofes dos projetos de modernizações que permitiram a colonização ao redor do mundo. Sobre como Garcés define a modernidade:

Diante dessa definição do esclarecimento, entendo a modernização, pelo contrário, como um projeto histórico concreto das classes dominantes europeias, vinculado ao desenvolvimento do capitalismo industrial mediante a colonização. A modernização do mundo é um projeto civilizatório que dualiza a realidade em todas as suas dimensões e hierarquiza seu valor: o antigo e o novo, o tempo passado e o tempo futuro, a tradição e a inovação, a raça branca e as outras, a tecnociência e os saberes menores, a razão e a superstição, o valor de uso e o valor de troca, nós e eles..., e, atravessando todas essas

¹²⁵ GARCÉS, Marina. *Novo esclarecimento radical*. Editora Âyiné. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. 1ª edição. Belo Horizonte, 2019.

contraposições, a dualidade fundamental, que é a que distingue o mundo natural do mundo humano, a natureza da cultura. Em todas essas dualidades há um signo positivo e um signo negativo [...] ¹²⁶

Ou seja, assim como Mbembe, para Garcés não podemos considerar o processo de modernização esquecendo seu lado colonial, pois é a partir da construção desses dualismos, principalmente entre o novo e o atrasado, o civilizado e o não civilizado, que se legitimava o discurso para as operações coloniais e imperialistas. Tais processos históricos foram fundamentais para a formação do mundo atual. Ao pensamento decolonial, desse modo, cabe a denúncia da relação intrínseca da modernidade com a colonização. E além disso, é preciso repensar profundamente as questões do desenvolvimento de saberes na sociedade, considerando seu papel como mecanismo de poder e de opressão para moldar subjetividades, porque havia em sua formação uma crença difundida que a ciência e a educação, por si mesmas poderiam redimir a humanidade do obscurantismo passado.

Garcés afirma que a atual descrença no futuro é parte responsável do sistema capitalista, e suas crises criadas pelas próprias lógicas econômicas, revelando sua natureza insustentável. Desde o século XVIII, o crescimento desse sistema econômico só foi possível porque as economias europeias estavam aliadas às suas extensões coloniais, que permitiam aumento exponencial de riquezas, aumento demográfico e industrial. Somos resultado desse projeto de modernização que se apoiou nas áreas “periféricas” do globo para sustentar o capitalismo. Garcés afirma que é essencial a manutenção de uma postura crítica sobre o progresso:

Recebemos a herança esclarecida por meio da catástrofe do projeto de modernização com o qual a Europa colonizou e deu forma ao mundo. A crítica a esse projeto e as suas consequências deve ser continuada e elaborada, também hoje, *pari passu* com as culturas e as formas de vida humanas e não humanas que sofreram esse projeto como invasão e uma imposição, dentro e fora da Europa. Devemos fazê-la juntos porque o programa de modernização está colocando em risco os próprios limites de nosso mundo comum. Mas essa crítica, precisamente porque se trata de uma crítica ao dogma do progresso e as suas correspondentes formas de credulidade, devolve-nos às raízes do esclarecimento como atitude e não como projeto, como impugnação dos dogmas e dos poderes que destes se beneficiam. ¹²⁷

¹²⁶ Ibidem, p. 52.

¹²⁷ Ibidem, p. 48-49.

Ou seja, é preciso crescer a crítica à modernidade e seus conceitos auxiliares, porque não cabem mais no mundo totalmente transformado por tantas catástrofes e genocídios.

Em nossa leitura, os estudos de Foucault, Mbembe e Garcés são essenciais para complexificar o que foi a temporalidade moderna, apoiada da categoria de progresso como desenvolveram Koselleck e Costa, se propagou dos países europeus alcançando lugares longínquos e considerados “periféricos”. Esse discurso tinha como objetivo promover uma civilização, da qual o modelo eram as potências europeias, progressivamente mais industrializadas e tecnológicas, mas também mais dominadoras e colonizadoras.

A modernização e a modernidade em si, não teriam sido possíveis sem considerar as colônias que permitiram esses desenvolvimentos econômicos, e industriais através de suas riquezas e sem o aprimoramento da categoria de raça, como demonstrou Mbembe, dando abertura para nações e povos se considerarem portadores de uma civilização que deveria ser levada para auxiliar outras nações e povos, considerados atrasados, primitivos e sem capacidade de desenvolver o progresso que é colocado como objetivo global. Podemos indicar, que o esfacelamento desse mundo e tempo modernos foi o que deu os contornos do mundo atual. As distopias e *Neuromancer* demonstram futuro muito mais sombrio e incerto do que evolucionista, linear e otimista que era o objetivo trazido pelo progresso. Futuro que foi utilizado como justificativa para as violências e opressões conduzidas ao redor do globo.

3.7 AS CATÁSTROFES DO SÉCULO XX E O DESGASTE DA MODERNIDADE

Segundo Fredric Jameson,¹²⁸ a distopia tem uma conexão direta com a ficção científica, e, consequentemente, com a utopia, pois esta foi uma forma base para o desenvolvimento de diversos outros formatos literários. O impulso utópico que surgiu na modernidade foi importante nessa temporalidade como ferramenta ideológica. Houve nesse contexto o desenvolvimento da utopia, pois havia a necessidade de buscar soluções para os problemas do mundo, o espaço utópico se tornou essencial para discutir políticas práticas que demandavam transformações. Segundo Jameson, a utopia não é apenas um gênero, ela uniu uma série de outros gêneros como escrita das constituições, manifestos políticos, espelhos de príncipes entre

¹²⁸ JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the future: the desire called utopia and others science fictions*. Editora Verso. Londres e Nova York, 2005.

outros, e surgiu para completar esses gêneros imperfeitos, além de ser essencial como crítica que vem de um indivíduo, mas representava toda a sociedade.

Para Jameson, houve uma assimilação do gênero utópico que se desdobrou em dois outros, a ficção científica e a fantasia. Enquanto a fantasia se organizou ao redor de uma afinidade com o medievo, elaborando uma forma de nostalgia, a ficção científica elaborou conteúdos mais conectados à modernidade, e seus problemas científicos. Porém, apesar de diferentes, segundo Jameson, opera nelas um mesmo desejo utópico que as organiza, o progresso científico migrou para a ficção científica, enquanto os preceitos religiosos migraram para a fantasia. Quando o desejo anti-utópico começa a crescer, fortalece-se a ideia sobre uma civilização avançada que é interrompida pela catástrofe.

O declínio da imaginação utópica se deu principalmente depois da Segunda Guerra mundial, mas foi sufocada quando alcançamos o capitalismo tardio e a pós-modernidade. O cyberpunk é um exemplo dessas energias distópicas, porque a literatura representa o medo como fenômeno coletivo, e apresenta respostas também coletivas. Para Jameson, isso determina que a crise da utopia é também uma crise geral da modernidade. As distopias, portanto, demonstram o futuro como ruptura e a recusa pela utopia.

Sobre esse processo de queda das energias utópicas trazidas por Jamenson, Franco Berardi¹²⁹ afirma que houve uma diminuição da fé na realização da razão humana, mesmo com uma melhora significativa trazida pelo avanço tecnológico, considerando que há menos fome no mundo e o aumento na expectativa de vida. O sentimento que prevalece é de frustração, para o autor o futuro não acabou, apenas não somos mais capazes de imaginá-lo. Para compreender acerca dessa sensação, Berardi retoma, o movimento futurista que iniciou no começo do século XX. O manifesto futurista de 1909 e parte das vanguardas artísticas sintetizaram, para Berardi, um sintoma de qual era o tipo de pensamento dominante sobre o poder das máquinas que soava até mesmo arrogante. Havia um forte desejo de inovação que ativou toda uma energia estética, com foco na figura da máquina e como os humanos já estavam, e queriam cada vez mais estar rodeados por elas. Sobre o conceito de vanguarda e sua ligação como o futuro Berardi explica:

Vanguarda é uma palavra de origem militar. Tanto o futurismo italiano quanto o russo têm uma conotação militar, e, também no surrealismo francês e espanhol e no dadaísmo francês e alemão, sempre há uma referência militar ou militante. Mas a palavra

¹²⁹ BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Editora Ubu. Tradução Regina Silva. São Paulo, 2019

“vanguarda” indica também o sentido da abertura e da prefiguração de um outro futuro possível no horizonte histórico. Por isso, a noção de vanguarda se liga historicamente à noção de utopia, que tem uma função importante na primeira parte do século que acreditou no futuro.¹³⁰

O futurismo pensou a máquina como externa ao homem, porém hoje já temos outras relações nas quais as máquinas estão em nós e são nossos prolongamentos, capazes de mutarem a essência genética. Algo próximo do que Gibson estipulou em *Neuromancer*, através da conexão de Case com a matrix e a dependência que define essa associação entre tecnologia e mente, determina a vida de Case e de todos os outros usuários desse espaço virtual.

Mesmo que as máquinas, para Berardi, estivessem progressivamente conectadas aos sistemas de controle, colaborando com o fortalecimento de mecanismos de poder, para o manifesto futurista essa era uma dimensão invisível, e preferiam se concentrar nas suas potencialidades e por isso exaltam a tecnologia. A própria aceleração, característica da temporalidade moderna, foi utilizada como valor estético. Para Berardi, parte dessa aceleração foi a criação de um mito, sobre o conceito de progresso que sustentou por muito tempo a modernidade. Esse mito também foi fundamental para o próprio desenvolvimento do capitalismo, porque esses ideais incrementaram os níveis de produtividade aceleradas pelos instrumentos técnicos. A aceleração se tornou um constante objetivo e um lugar a ser conquistado pelas máquinas, o futuro também se passa como uma dimensão espacial, não apenas temporal, para descobrir e explorar. Na reflexão de Berardi, a velocidade se transferiu das máquinas para o automatismo psicocognitivo, ou seja, o processo foi internalizado pela mente humana.

Como o futuro não é uma dimensão natural da mente humana, há, e houve, diferentes apropriações dependendo do período histórico, na concepção moderna, o futuro era visto de forma otimista. E muito desse futuro dava força às utopias associadas aos sistemas que eram diferentes do que parecia o mundo moderno, movimentou ideologias, povos e revoluções. Porém, essas utopias se tornaram regimes totalitários, segundo Berardi:

A realização das utopias do século XX teve geralmente a marca do totalitarismo e da violência. A utopia da máquina do futurismo italiano se transformou na modernização alienada do taylorismo fordista, da repetição automática de gestos sem liberdade. A utopia da comunidade vanguardista se transformou na realidade totalitária do fascismo. A utopia do futurismo russo se transformou no totalitarismo violento do comunismo

¹³⁰ Ibidem, p. 67.

desumano. Até que, no final do século que tinha acreditado no futuro, a utopia perde força e surge uma percepção oposta do iminente, do inexorável, do inevitável, uma percepção distópica.¹³¹

Inevitável a transformação temporal que seguiu esses acontecimentos, considerando tantos eventos traumáticos que envolveram as massas em utopias, acabaram se tornando apenas promessas. Berardi identifica, que essa bifurcação no final do século XX, dissolveu a modernidade, o que causou uma reviravolta para a utopia, que foi tão utilizada anteriormente, agora considerada impotente frente à realidade. Aproximando Berardi de Gibson, essas questões perpassam muito a sensibilidade de *Neuromancer*, a obra denuncia a tecnologia se sobrepondo ao humano, em seus primeiros passos na década de 1980. Berardi conceitua tal processo como descarnalização que desenvolveu na dependência atual de celulares e computadores, e que pode evoluir para outros níveis como a matrix, na qual o humano tem sua versão virtual de seu próprio corpo.

Nessa conjuntura, segundo Berardi, a modernidade se subverteu e o que antes era otimismo e esperança se tornou terror e dúvida. Situação que causou muitas incertezas dentro dos campos dos conhecimentos, porque desde o Iluminismo com a construção ao redor do conceito de Razão, se acreditava que a acumulação do saber só geraria um caminho possível, o do progresso. A fé no futuro que havia na modernidade foi consequência direta da própria concepção de ciência. É importante considerar essa questão, porque muitas vezes naturalizamos o método e o conhecimento científico como algo pertencente ao humano, porém ele tem seu desenvolvimento e especificidade do seu contexto histórico que foi a modernidade. Portanto, para o homem moderno crer no futuro era igual a crer na ciência.

A ficção científica foi muito sensível a essa mudança drástica ao indicar um imaginário muito mais distópico, percebido e sintetizado por diversos escritores, inclusive Gibson. Sobre a importância da ficção científica para compreender essa transformação Berardi afirma:

Na segunda parte do século que acreditou no futuro, o imaginário utópico se transformou cada vez mais em distopia, pesadelo da consciência. A literatura de ficção científica é laboratório central dessa mudança radical. Partindo das origens positivistas do século XIX, autores como Isaac Asimov, Philip José Farmer e tantos outros publicam seus livros a partir anos 1940 e 1950, constroem a ideia de um interrupto progresso tecnológico e de uma humanidade capaz de estender ilimitadamente seu domínio no espaço tempo. Mas no imaginário da ficção científica do final do século, o futuro desaparece aos poucos e próprio tempo se aplaina até se tornar um agora que se dilata. O ciberpunk é um ponto de chegada dessa dinâmica de colapso do tempo futuro.¹³²

¹³¹ Ibidem, p. 67.

¹³² Ibidem, p. 95.

Ou seja, podemos interpretar que *Neuromancer* dentro do cyberpunk e outras distopias, são essenciais à reflexão acerca da temporalidade nova que vivemos. O cyberpunk dos anos 80 catapulta o imaginário na condição de estar, concomitantemente, em todos os lugares. E a partir das realidades virtuais, transmitir suas experiências e ter contatos virtuais com outros organismos, que podem estar em qualquer lugar do universo. A condição pós-moderna da realidade atual está sobreposta na mente coletiva, e está unida e organizada sobre uma paranoia. E o deus paranoico, segundo Berardi, que domina a civilização tardomoderna, é a própria técnica que impõe seu domínio na forma de máquina que revelou-se uma divindade despótica e distópica que anula o futuro, transformando o tempo em repetição e uma ilimitada geração de fragmentos idênticos. Para Berardi, o cyberpunk aderiu o apocalipse como certeza e elaborou cenários a partir disso.

O ciberpunk fala do desdobramento das potencialidades inscritas nas tecnologias de automação, de simulação. A noção de ciberespaço, que aparece pela primeira vez nos romances de William Gibson, mais que uma imaginação fantástica é uma noção analítica, uma hipótese descritiva da relação entre mundo e mente.¹³³

Ou seja, cyberpunk e *Neuromancer* anunciam essa transformação, elaborando na imaginação coletiva a incapacidade de ver outras alternativas de futuro. E, podemos indicar, estamos cada vez mais próximos da realidade construída na narrativa através do desenvolvimento de fluxos, digitalização dos processos e conexões algoritmas, que mudaram profundamente sujeitos e sociedades.

Susan Buck-Morss¹³⁴, assim como Berardi, afirma que as utopias de massas embasadas em sonhos que movimentaram o século XX, foram a força ideológica para a modernização industrial tanto na lógica capitalista como na socialista. Esse sonho coletivo foi formado ao redor de promessas sobre a felicidade individual, que só se realizaria unida com a utopia relacionada ao sistema. Apesar da industrialização e consumismo só crescerem, o sonho foi deixado para trás, porque não se crê mais na modernidade industrial e sua capacidade de trazer uma boa sociedade e felicidade às massas. A utopia de massas anteriormente igualada à utopia individual, se tornou uma ideia obsoleta.

¹³³ Ibidem, p. 101.

¹³⁴ BUCK-MORSS, Susan. *Mundo de sonho e catástrofe: O desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos*. Editora UFSC. Tradução Ana Luiza Britto Cezar de Andrade, Rodrigo Lopes Barros. Florianópolis, 2018.

Buck-Morss caracteriza, o fim da Guerra Fria, ou seja, nos anos 80 e época da publicação de *Neuromancer*, como o ponto de partida para o desaparecimento desses mundos de sonho. Com a queda do socialismo houve uma mudança profunda que aniquilou a velha concepção de mundo para ambos os polos envolvidos. Os mundos de sonho se tornaram perigosamente utilizados pelas estruturas de poder, força que se voltou contra as massas, que imaginavam que sairiam beneficiadas dos resultados desses processos modernizantes. Sonhos se tornaram guerras mundiais baseadas em nacionalismos e liberaram a violência contida na modernidade. Por isso, Buck-Morss é contrária à explicação mais consensual sobre a vitória e triunfo do capitalismo depois do final da Guerra Fria, porque a maioria das interpretações desconsidera que o socialismo, experimentado historicamente pelos soviéticos, foi resultado de um enraizamento na modernização ocidental, e muitas de suas falhas foram por imitar a fórmula já estabelecida pelo próprio capitalismo. Com o fim do conflito houve uma mudança fundamental na concepção de mundo, porque dentro desse sonho utópico havia a promessa de felicidade que se tornou um verdadeiro pesadelo. Segundo Buck-Morss:

Esse sonho se transformou rapidamente em pesadelo, o que levou às catástrofes das guerras, da exploração, das ditaduras e da destruição tecnológica. Seguir esse mesmo sonho no futuro, impenetrável aos riscos ecológicos, seria nada menos do que suicida. Mas esses efeitos catastróficos precisam ser criticados em nome da esperança democrática e utópica à qual o sonho deu expressão, não como uma rejeição desse sonho. Um mundo organizado pelo capital global no qual a produção industrial continua a expandir, mas dessa vez indiferente ao bem-estar das massas e livre de restrições políticas, não é um mundo em que as catástrofes desaparecerão.¹³⁵

As distopias literárias, portanto, também são parte da mudança profunda sobre o que era visto como sonho, que vai aos poucos deixando de existir. Pode-se perceber uma grande semelhança entre o que Buck-Morss conceitua como sonho, e o que Koselleck conceitua como progresso, porque são em síntese o mesmo ideal amplamente consolidado no século XIX, e esgotado até o final do século XX.

Buck-Morss afirma que os soviéticos passaram por conjunturas semelhantes ao do mundo capitalista. A história soviética, e seu significado, foram construídos para legitimar a revolução política. Criou-se dentro da noção utópica da formação do socialismo um discurso inflamado, ao redor das possibilidades tecnológicas, mesmo antes dessa tecnologia ser uma realidade dentro da URSS. Sobre isso a autora afirma:

¹³⁵ Ibidem, p. 19.

[...] para o proletariado da União Soviética, a industrialização ainda era um mundo de sonho enquanto que, para os trabalhadores nos países capitalistas, já era uma catástrofe vivida. O entusiasmo pela cultura de máquinas nos primórdios da União Soviética foi frequentemente observado e extensivamente descrito. Mas um ponto crucial nesses relatos, repetidamente deixado de lado, é o grau ao qual o culto à máquina precedeu as próprias máquinas. A cultura de máquinas sob o capitalismo ocidental se adaptou a certo nível já existente de industrialização¹³⁶

O que demonstra muito sobre como opera o simbolismo, trabalhado por Vidal Costa que estava colocado sobre as máquinas, e auxiliou na construção da procura pelo progresso, foi transportado para URSS como o único caminho possível, mesmo dentro da lógica socialista, a modernização era um objetivo para consolidar o sistema. Buck-Morss afirma que mesmo dois sistemas opostos que se envolveram em guerras, os sonhos sobre o mundo harmonioso trazidos pela modernização, e industrialização em suma eram iguais.

Segundo Buck-Morss, o Estado soviético apoiou a formação e sustentação de uma temporalidade porque essa teria influência política. As vanguardas artísticas tinham como função endossar a história como progresso, que tinha uma concepção específica para os soviéticos, porque o progresso dentro do socialismo era conceber passos de evolução até o comunismo e uma sociedade sem classes. Mesmo com outro objetivo, a acepção de temporalidade era a mesma, baseada na mesma fé sobre o futuro certamente ser melhor que o presente. Para manter esse objetivo na mente da população, o partido utilizou muito o desenvolvimento de vanguardas artísticas. A arte em si, deveria seguir a direção do partido, o que significa que ela não tinha mais uma posição de questionadora da realidade, mas sim representava afirmativamente a realidade para encorajar, que a população fosse pouco crítica quanto ao monopólio do partido no controle da transformação social. Sem essa dimensão as obras de arte ficaram fundamentadas no espaço alterado pela tecnologia, fábricas e espaço urbano e assim significaram imagens de um sonho, expressando um forte desejo por uma relação transformada entre os humanos e seu ambiente. Buck-Morss afirma que as construções fantásticas das vanguardas, tanto quanto o Plano quinquenal, são representações utópicas e sua realização teve efeitos distópicos.

A temporalidade, certamente tem suas conexões e desconexões muito mais complexas do que as narrativas do partido permitem, o alargamento do passado recente infinitamente no futuro, tornou a ruptura revolucionária um mítico presente permanente. A temporalidade passou a ser um campo importante, porque a realização histórica se tornou um molde e critério para a aceitabilidade dos sonhos socialistas indicando, que o sonho, era mais que sonho. Porém, nesse

¹³⁶ Ibidem, p. 126

processo Buck-Morss aponta, que a própria história era uma ilusão, porque o partido governante optou pela lógica de compensar as frustrações com os planos e os sonhos. Sobre os soviéticos estarem vinculados à modernidade:

O experimento bolchevique, não importa quantos traços culturais especificamente russos desenvolveu, estava vitalmente atrelado ao projeto modernizador do Ocidente, do qual ele não pode ser extraído sem que o projeto em si se despedace – incluindo seu culto ao progresso histórico.¹³⁷

Isso alimentou profundamente uma esperança que foi estilhaçada pelas tragédias reais e abusos de poder que deu fim aos sonhos da modernidade que eram a utopia social, progresso histórico e realização material para todos.

Buck-Morss afirma que havia um entusiasmo soviético sobre a industrialização antes mesmo dela acontecer, e muitas vezes para realidades rurais e de campesinato, a aceitação da tecnologia era mais espiritual que científica, no sentido de que seria ela a libertar toda a população do atraso. As utopias que se criaram ao redor das máquinas foram se interrompendo, quando essas mesmas foram convertidas em instrumentos de guerra, na busca por alcançar o Ocidente. O que revela novamente suas semelhanças, URSS se aplicou em desenvolver armas equivalentes de destruição em massa.

Buck-Morss ainda relaciona URSS e EUA, em um processo análogo de mídias e propagandas desenvolvidas para manipular as massas. As evoluções tecnológicas foram moldando audiências, o cinema teve uma posição fundamental dentro dessas lógicas. Dentro da URSS, a identidade coletiva como massa revolucionária dependia do mundo cinematográfico para ser construída percebida, porque através das narrativas se criou a identificação e representação dos seus próprios destinos. Porém, essas mídias também foram capazes de criar cegueiras, para o poder manipulador que havia por trás delas. Não apenas o cinema, mas as culturas de massas em um geral, tinham um significado positivo tanto nos EUA quanto na URSS. Para a URSS, segundo Buck-Morss, o cinema tinha o objetivo de criar unidade para as massas através da participação em uma mesma luta histórica. Para os EUA, a questão era fazer parte de um mesmo espaço territorial e identidade nacional. Em ambas as partes, o cinema moldou identificações políticas e mesmo teoricamente opostos pelas posições políticas, o cinema americano ocidental influenciou o soviético e vice-versa e muitas vezes foram em síntese extremamente parecidos.

¹³⁷ Ibidem, p. 89.

Em suma, Buck-Morss demonstra através desses processos que havia muito mais em comum entre os EUA e URSS, do que foi colocado sobre a oposição que generalizou uma diferenciação radical. Muitas coisas foram copiadas, porém a produção estadunidense de bens duráveis, foi um dos aspectos da cultura industrial que não foi absorvida pelo socialismo soviético, e se tornou um marcador forte de suas diferenças. Os EUA mantiveram um discurso de promessa sobre a expansão do consumo, que chegou a ser sinônimo de igualdade e parte desse sonho da modernidade. A democracia, se tornou sinônimo de liberdade de escolha dos cidadãos de consumirem, fundamentando o sonho americano. A industrialização capitalista se baseava na dualidade entre o trabalho e a vida doméstica, o trabalho não era tratado como aquele que traria realização, a utopia foi pensada como compensatória, o que se gastava com o trabalho seria devolvido em forma de consumo. Com o estudo de Buck-Morss, podemos afirmar que esse processo de desgaste aconteceu em ambos os sistemas que foram colocados como radicalmente opostos, porque já nos anos 80, ninguém nos EUA acreditava nas promessas feitas pelos meios publicitários, assim como ninguém na URSS acreditava nas promessas feitas pela propaganda socialista. Sobre esse processo concomitante a autora afirma:

A modernidade industrial em ambas as formas de fato existentes a capitalista e a socialista, criou um ambiente hostil para a vida humana, precisamente o oposto ao sonho da modernidade. Dentro dessa contradição o poder floresceu, inserindo-se entre o sonhador e a realização do sonho, aproveitando-se da energia do primeiro e sustentando-se por meio da prorrogação daquele último. Em sua construção do desejo, a modernidade industrial oferece como substituto para a realização humana a ilusão de onipotência. Sua forma sob o capitalismo é a ilusão do consumidor acerca da gratificação instantânea, enquanto as necessidades a longo prazo ficam desatendidas e a segurança social é tão precária que o desemprego cai com a força de uma catástrofe natural. Sob o estilo soviético do socialismo a situação é invertida: a ilusão é que o Estado proporcionará segurança total (em troca de total dependência), enquanto não há controle sobre as satisfações imediatas. Se você se deparará com pão no dia de amanhã, é algo deixado totalmente à sorte.¹³⁸

Ou seja, quando refletimos acerca da modernização, além de considerarmos como um processo ocidental que tem como base o sistema capitalista e seu desenvolvimento através do colonialismo, também devemos acrescentar que essas mesmas características foram implementadas como objetivo para alcançar um sistema totalmente diferenciado do capitalismo, porém inegavelmente enraizado em seu cerne. Não é surpreendente que o descrédito com ambos os sistemas tenha acontecido no final do século XX, porque com a passagem de gerações, houve a aquisição de crítica crucial para levantar novas oposições aos

¹³⁸ Ibidem, p. 230-233.

regimes, tanto nos EUA, através do crescimento dos movimentos sociais em suas diversidades, como na URSS, que conduziu às políticas de reabertura. A distância entre as promessas utópicas veneradas pelas crianças, e a realidade distópica que experimentaram os adultos foi chave para dar rumo ao despertar coletivo.

Os estudos e reflexões de Franco Berardi e Susan Buck-Morss são essenciais para nossa leitura sobre quais conjunturas históricas foram relevantes no século XX, deram fim aos projetos baseados em modernização, utopias e sonhos, assim como o conceito de progresso que parece obsoleto depois de tantas catástrofes feitas em seu objetivo. Buscando alcançar o futuro sem considerar as destruições que eram caminhos para esse futuro imaginado como virtuoso e harmonioso tanto no capitalismo quanto no socialismo. Todo esse discurso encorpado pela temporalidade moderna, pode ser visto nas vanguardas artísticas, como Berardi exemplificou com o futurismo, mas também na cultura de massas que foi utilizada para trazer identificação e a compilação de um sonho coletivo, como demonstrou Buck-Morss. E da decaída desses sonhos impulsionados pelas utopias modernas que surgem as distopias, como *Neuromancer* de Gibson, em uma nova relação com o tempo.

Portanto, *Neuromancer* e as distopias de uma maneira mais generalizada, são produtos diretos do processo de mudança muito significativa na temporalidade em que vivemos. A construção da temporalidade moderna foi essencial, para que houvesse uma consciência de que aquele tempo vivido era inédito e novo. Parte disso, fundamentado através do desejo de experimentar o futuro. O futuro, dentro da modernidade era visto como uma esperança, porque o humano com sua razão e ciência só poderia caminhar em uma linha linear de evolução. Dentro desse discurso o conceito de progresso associado a esta mentalidade, abriu caminhos para o desenvolvimento da sociedade industrial e tecnológica.

No final do século, outros aspectos temporais ganham forma e uma nova percepção de tempo, se fortalece principalmente baseado no presente e no fechamento do futuro como esperança. Agora temos uma imensa dificuldade de elaborar e pensar acerca do futuro, porque ele tem uma aparência muito incerta, o que alimenta as distopias e também um imaginário mais distópico, sobre como será os próximos caminhos percorridos pela humanidade. É parte do processo de desgaste da modernidade as transformações na história, podemos apontar isso através do movimento pós-moderno e suas críticas à modernidade, a partir da história que são alimentadas pelo mesmo processo que fez Gibson elaborar um futuro catastrófico. Interpretamos, que os pós-modernos e as distopias fazem parte do desenrolar de uma mesma conjuntura, e elaboraram uma postura crítica para a ciência moderna e para a modernidade em si, nesses dois espaços, a história e a literatura.

A falência da modernidade e dos sonhos que apareceram durante esse período, desencadearam transformações temporais, sociais e econômicas. Essas transformações alimentaram um futuro, que se coloca como um desafio para uma humanidade. De fato, todo esse processo se reflete nas narrativas distópicas que são síntese e resultado de uma consciência temporal totalmente diferente, da que se desenvolveu anteriormente. Sua posição crítica utiliza esse futuro catastrófico como possibilidade para aprofundar ainda mais as dificuldades da humanidade, e assim fornecer ao leitor uma avaliação do seu próprio mundo representado nessa imaginação.

CAPÍTULO 4 - A RELAÇÃO DE NEUROMANCER COM AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NO FINAL DO SÉCULO XX.

Nesse capítulo nos debruçaremos a analisar a fonte, considerando um recorte especificamente econômico, que é extremamente determinante para compreender o enredo e o desfecho dos acontecimentos da obra. É parte dessa ambientação, o capitalismo em aceleração e um modelo de globalização, da qual todos os espaços estão conectados através das tecnologias que ditam o ritmo desse mundo em *Neuromancer*.

É importante apontar de antemão, o quanto a própria linguagem que Gibson propõe para o livro, auxilia na sua verossimilhança e para construir o tom da narrativa e da ambientação. Obviamente a tradução brasileira é muito competente ao criar, no fim da edição, um glossário que guia o leitor pela história. As palavras que Gibson inventou, ou reapropriou para dar outro sentido, são extremamente marcantes na narrativa e são fortes para carregar o sentido tecnológico que esse futuro tem, como por exemplo:

Subitamente ele sentiu tensão no ar. Armitage caminhou até a janela e olhou para a baía de Tóquio. – Não é verdade. Uma unidade conseguiu voltar de Helsinque, Case. Case deu de ombro e tomou um gole de café.
-Você é um cowboy de console. Os protótipos dos programas que você usa para crakear bancos industriais foram desenvolvidos para o Screaming Fist. Para o ataque ao nexus de computação de Kirensk. O módulo básico era um microleve Nightwing, um piloto, um deck de matrix, um jóquei. Estávamos rodando um vírus chamado Toupeira. A série toupeira foi a primeira geração de programas de intrusão de verdade.
-Ice-Breackers, quebra-gelos. – disse Case sobre a borda da caneca vermelha.
-O nome vem de ICE, Intrusion Countermeasures Eletronic: Contramedidas eletrônicas de instrusão.¹³⁹

Em nossa leitura, os próprios termos constroem essa aura tecnológica que é muito particular da obra, carregam sua singularidade e especificamente, o que significa que se encaixam com a narrativa para construir um mundo e uma linguagem extremamente alinhados. Ainda sobre esse aspecto:

Cowboys não entravam em simstim¹⁴⁰, ele pensou, porque isso era basicamente um brinquedo de carne. Ele sabia que trodos que usava e a pequena tiara de plástico que pendia de um deck de simstim eram basicamente a mesma coisa, e que a matrix do ciberespaço era, na verdade, uma simplificação drástica do sensorio humano, pelo menos em termos de apresentação, mas os simstim propriamente dito lhe parecia uma multiplicação gratuita de input da carne. O material comercial era editado, claro, de modo que se Tally Isham tivesse dor de cabeça no meio de um segmento, você não a sentiria.
A tela emitiu um bip de aviso de dois segundos.

¹³⁹ GIBSON, op.cit., p. 51.

¹⁴⁰ Palavra de Gibson para estímulos simulados – do original “simulated stimuli”

A nova chave foi grudada no seu Sendai com uma tira fina de fibra óptica.
 E um e dois e...
 O ciberespaço entrou deslizando pelos pontos cardeais. Suave, pensou, mas não suave
 o bastante. Preciso trabalhar nisso... ¹⁴¹

Nesse momento que Case está entrando na matrix, é evidente o quanto o vocabulário tem um papel essencial ao nos conectar com esse universo fictício altamente tecnológico, causando no leitor até mesmo certo estranhamento. Essa dificuldade na linguagem no início da narrativa, é extremamente interessante se interpretarmos que isso realmente aconteceria se olhássemos uma janela no futuro, até porque as línguas naturalmente se transformam, ou seja, mesmo na língua materna ficamos com a sensação de que as palavras são muito avançadas para nós.

Gibson consegue equilibrar bem a linguagem para acompanhar a ambientação e os personagens, ela é tão importante para narrativa quanto qualquer desses aspectos, potencializada por sua produção na década de 80, a linguagem tecnológica ainda é extremamente relevante para o livro em si, mesmo que palavras como computador tenham se tornado recorrentes dentro da língua e que algumas palavras de Gibson tenham outras equivalentes, isso não retira o impacto que a obra causa até hoje. A própria linguagem ajuda a passar sentimentos necessários para a obra, a própria angústia, exalta a contradição entre uma sociedade altamente tecnológica, mas com muitos problemas e a decadência da humanidade que construiu essa realidade desigual de baixa qualidade de vida subordinados à tecnologia. Acreditamos que a linguagem criada por Gibson, reflete muito da própria complexidade da obra e do universo criado para ela.

Gibson demonstra, através da obra uma crítica às condições econômicas presente e futuras. Desenvolvendo isso a partir da existência na narrativa de grandes conglomerados de companhias, que se tornaram extremamente poderosas, passando por cima dos interesses de qualquer população ou governo, que pudesse servir como freio através de regulamentações. O que se aprofunda se tratando das empresas que estão envolvidas diretamente com a criação e manutenção de tecnologias, pois sem nenhum tipo de obrigação, estariam completamente livres para fazer o que quiserem, sem pensar nas consequências, algo principalmente atestado pela companhia Tessier-Ashpool, que detêm diversos poderes, responsável pela criação de Wintermute e Neuromancer. Podemos interpretar, que Gibson utiliza o poder das inteligências artificiais totalmente autônomas, para demonstrar o perigo de deixar o futuro dessas máquinas

¹⁴¹ Ibidem, p. 80.

na mão de uma empresa que só visa o lucro, sem responsabilidade ao lidar com algo com tanto impacto. Gibson apresenta, através de *Neuromancer*, que quando se trata do futuro da humanidade e sua conexão com a tecnologia é preciso muito cuidado e consciência.

4.1 O CRESCIMENTO DO NEOLIBERALISMO NO FINAL DO SÉCULO XX.

Podemos apontar, a relação entre a parte econômica da fonte de Gibson, com o crescimento da econômica neoliberal, que se tornou mundial depois do fim da Guerra Fria, e se fortaleceu também com o aparecimento das tecnologias da comunicação, e informação que possibilitaram novas disposições antes nunca vistas através da conexão de todos os cantos globais. Essa mudança se consolidou nos EUA a partir do governo de Ronald Reagan, que aplicou políticas econômicas neoliberais diminuindo o tamanho e a extensão do Estado norte-americano, através do corte de políticas assistencialistas. Dentro do neoliberalismo se fortaleceu um discurso, acerca de que o Estado deveria interferir o mínimo possível na economia, e que está deveria se gestar sozinha através das lógicas de mercado próprias. Isso se dá em concomitância com o crescente individualismo da sociedade americana, e defesa da moralidade conservadora em contraposição aos avanços dos movimentos sociais nas últimas décadas.

Uma série de teóricos defenderam essa visão, porém um que se destacou como um defensor do neoliberalismo no século XX, foi Friedrich Hayek e sua principal ideologia defendia a liberdade econômica, pois segundo sua perspectiva, só a partir dessas outras liberdades como política e social, seriam possíveis. A liberdade, segundo Hayek, é imprescindível para que o imprevisível sempre exista, e o progresso e a preservação da civilização dependem desse imprevisível. Liberdade, também é importante para que sujeitos notáveis possam aparecer e mudar completamente a sociedade, se destacarem como empreendedores, um preceito individual que impacta todo o coletivo. Todas essas características fundamentam a necessidade de uma economia livre, e de ordem espontânea dos controles estatais e dariam base para o neoliberalismo. Apenas com essa organização obedecida seria possível a ordem e justiça política e social.

Outros teóricos como Milton Friedman e George Stigler consolidaram a chamada Escola de economia de Chicago, por volta dos anos 50, responsável pela defesa e disseminação do neoliberalismo como o estilo de economia que deveria ser empregado, algo que teve um impacto posterior considerável nos EUA e no cenário mundial. Segundo Naomi Klein¹⁴²,

¹⁴² KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque – a ascensão do capitalismo de desastre*. Editora Nova Fronteira. Tradução Vania Cury. Rio de Janeiro, 2008.

quanto mais as políticas neoliberais avançam, mais podemos compreender que as corporações sustentam todos os interesses que regem a economia. Essas corporações se aproveitam do que a autora denomina como *capitalismo de desastre*, pois empresas esperam grandes crises econômicas, desastres naturais para discursar em favor dos interesses privados, defendendo que uma empresa poderia lidar muito melhor com essas questões e que os bens públicos deveriam ter investidores privados. Enquanto as pessoas ainda se recuperam do choque da destruição, esses agentes tornam essas reformas permanentes e garantem os privilégios desses conglomerados de corporações. Klein afirma que o choque coletivo e preparação para terapia de choque econômico, são uma maneira da qual as empresas conseguem com certas alianças governamentais, passar seus interesses por cima de qualquer barreira e fortalecer o estilo econômico neoliberal eliminando a esfera pública com o mínimo gasto social dando liberdade para a ação do setor privado.

Klein utiliza a metáfora do choque para demonstrar que quando uma pessoa está sobre pressão muito grande ou desorientada, ela faz concessões contra sua própria vontade. É uma experiência de tortura que busca extrair informações, e fazer com a pessoas concordem com qualquer acordo. No contexto da ditadura de Pinochet foi feita uma aliança com a Escola de Chicago e Milton Friedman, para fazer mudanças estruturais na economia do Chile. A própria essência do sistema autoritário garantiu o grande trauma, através de perseguições e assassinatos que manteve um clima de terror, que garantiu que as reformas e privatizações acontecessem trazendo essa liberdade pro mercado. Sobre essa questão Klein afirma:

Milton Friedman aprendeu a explorar os choques e crises de grande porte em meados da década de 1970, quando atuou como conselheiro do ditador chileno, o general Augusto Pinochet. Enquanto os chilenos se encontravam em estado de choque logo após o violento golpe de Estado, o país sofria o trauma da hiperinflação. Friedman aconselhou Pinochet a impor uma reforma econômica bastante rápida [...] Friedman previu que a rapidez, a brusquidão e o objetivo da mudança econômica iriam provocar, no público, reações psicológicas que “facilitariam o ajuste”. Ele cunhou uma frase para essa tática dolorosa: “tratamento de choque” econômico. Desde então, sempre que os governos decidem impor programas radicais de livre mercado, o tratamento de choque imediato, ou “terapia de choque”, tem sido seu método preferido.¹⁴³

Segundo Klein o aparato público do Chile foi desmontado e apenas as companhias estrangeiras se beneficiaram dessas reformas, que causou uma forte recessão ao país durante anos. Mesmo com toda essa crise generalizada, outros países da América latina aderiram ao modelo que apenas fortaleceu essa tendência neoliberal. Klein afirma, que os estudiosos da

¹⁴³ Ibidem, p. 16-17.

Escola de Chicago nunca foram responsabilizados pelos desastres que promoveram no Chile, e por terem se conectado ao ditador de Pinochet e seus crimes.

Klein define que esse método de implementação de mudanças econômicas não precisa depender de um governo autoritário, a autora exemplifica, através de locais no quais aconteceram desastres naturais e banqueiros, investidores estrangeiros e outros interessados aproveitam o clima de pânico para se apropriar de certos espaços. O que demonstra que o capitalismo, segundo Klein, especialmente o neoliberalismo usa traumas e catástrofes como método de implementação. Klein afirma, que vários governos fizeram esse mesmo processo dentro de sistemas democráticos ao manter esse clima de terror. Como por exemplo, a atuação da primeira-ministra do Reino Unido Margaret Thatcher, que utilizou de políticas para desocupar habitações para privilegiar o mercado imobiliário, utilizou também sua grande popularidade pela atuação contra a Argentina na Guerra das Malvinas, para sufocar diversos movimentos, principalmente grevistas e implantou uma série de privatizações. Foi uma grande aliada de Ronald Reagan, que juntos foram políticos bastante poderosos para ajudar a implantar o neoliberalismo para além dos EUA e do Reino Unido. Reagan atuou no desmonte de uma série de políticas assistencialistas, porém Klein afirma que suas reformas não haviam sido suficientes, e que o atentado as Torres Gêmeas em 2001 foi um grande trauma coletivo, que definiu um clima de vertigem para os EUA. E proporcionou um momento ao qual o método de choque, poderia ser implementado depois de ter sido experimentado em países estrangeiros. A implementação da “Guerra ao Terror” garantiu uma empreitada de lucro que permitiu uma guerra global travada pelos campos das empresas privadas, mas financiada pelo dinheiro público, que tem como objetivo a proteção do território dos EUA. Todos com o mesmo objetivo de implementar essa nova ideologia que segundo Klein:

Todas essas encarnações compartilham o compromisso com a trindade política – eliminação da esfera pública, total liberdade para as corporações e gasto social mínimo. [...] Em todos os países que adotaram as políticas da Escola de Chicago nas últimas três décadas, o que surgiu foi uma aliança determinante e poderosa entre algumas poucas corporações de grande porte e uma camada de políticos muito ricos- com linhas turvas e cambiantes entre os dois grupos. [...] Longe de libertar os mercados da tutela do Estado, essas elites corporativas e políticas simplesmente se juntam para trocar favores a fim de assegurar o direito de abocanhar valiosos recursos que estavam antes sobre o domínio público. [...] Suas principais características são enormes transferências de riqueza pública para mãos privadas, [...] vigilância agressiva, prisões maciças, redução drástica dos direitos civis, e com frequência, porém nem sempre, tortura. ¹⁴⁴

¹⁴⁴ Ibidem, p. 24-25.

O que exemplifica que essa nova forma do capitalismo, se apoia da destruição e no desastre e não da liberdade como promoveu o discurso vigente depois da queda da URSS. Dentro desse mesmo discurso se esconde crimes cometidos em nome da abertura de mercados e instalação medidas que favoreçam as corporações.

Klein destaca que o desenvolvimentismo foi importante para a América latina, pois proporcionou aumento da qualidade de vida, e se tornou uma referência para outros lugares que enfrentavam problemas relacionados à pobreza. Esse processo econômico ocasionou muitas dificuldades, para empresas multinacionais adentrassem nesses países em desenvolvimento, pois havia altas cobranças de impostos, assim como trabalhadores sindicalizados. Ou seja, o que Klein chama atenção é que tudo que a Escola de Chicago queria implementar seria benefício para as grandes corporações, e por isso eles estavam sempre em consonância com o crescimento dessa teoria econômica.

A partir dessas ideologias, a Escola de Chicago promoveu uma verdadeira guerra contra o desenvolvimentismo, segundo Klein, principalmente aproximando estudantes chilenos, em um primeiro momento, proporcionando formação neoliberal para esses escolhidos que deveriam auxiliar no combate ao comunismo na América latina. Programa amplamente aberto a outros estrangeiros, posteriormente, que voltavam aos seus países como professores de Universidades, o que auxiliou a propagar essa teoria econômica como uma possibilidade a ser defendida. Klein afirma que essa foi uma disputa que ocorreu antes no campo intelectual, com um projeto de imperialismo econômico muito poderoso. A partir da implementação de ditaduras alinhadas a Guerra Fria, foi aberta essa possibilidade de experimentação que se deu por primeiro no Chile, e depois alcançou outros lugares, como o próprio Brasil, no qual os militares fizeram uma abertura gradual do mercado aos estrangeiros. Ou seja, esses regimes antidemocráticos foram base para a experimentação do neoliberalismo, e auxiliaram na sua natureza opressora a encaminhar tais mudanças econômicas.

Segundo Klein, houve a partir desses governos autoritários a promoção de transformações culturais, para extrair valores como o coletivismo, e posteriormente houve um discurso de que a Escola de Chicago tinha feito uma mudança positiva para a América Latina, mesmo os índices demonstrando o contrário, como aumento da desigualdade e da fome. A ideologia da Escola de Chicago, continuou a ser defendida depois no momento das eleições. Com a atuação de Thatcher e Reagan, a Escola de Chicago começou a promover que uma crise econômica era tão eficiente quanto a utilização do aparato militar. Uma desordem monetária, quebra de mercados e grandes recessões cria uma abertura da opinião pública para que se faça o necessário para consertar tais problemas, porque espalha medo e confusão.

Após as redemocratizações na América Latina uma realidade, segundo Klein, que esses novos governos tiveram que enfrentar foram as enormes dívidas com o exterior, que os militares haviam deixado usado para fortalecer o exército e seu aparato bélico. Klein afirma que a situação foi ainda mais agravada, pelo que ela chama de Choque de Volcker, decisão do presidente do Banco Central norte-americano que aumentou drasticamente a taxa de juros das dívidas. O impacto dessa mudança foi tanto, para os países em desenvolvimento, que foram obrigados a emprestar novas quantias para conseguir pagar as antigas dívidas que chegaram a dobrar rapidamente. Sobre isso Klein afirma:

Compreensivelmente, sem pretender entrar em uma guerra com as instituições de Washington que controlavam suas dívidas, as novas democracias em situação de crise tinham poucas escolhas além de seguir as regras de Washington. No começo dos anos 80, essas regras se tornaram ainda mais estritas. Foi exatamente por isso que o choque da dívida coincidiu precisamente, e não acidentalmente, com uma nova era das relações Norte-Sul, a qual tornou as ditaduras militares praticamente desnecessárias. Era o despertar da idade do “ajuste estrutural” – conhecido também como ditadura da dívida.¹⁴⁵

Assim como a ONU, o Banco Mundial e o FMI foram criados depois da Segunda Guerra mundial, com objetivo de impedir crescimento do fascismo, e grandes desequilíbrios econômicos. Porém, eles apenas deram grande poder aos EUA de decisão sobre a economia mundial, e aos poucos se tornaram únicas possibilidades para socorrer países em desenvolvimento. FMI e Banco Mundial impuseram medidas vendidas como necessidades para a estabilização econômica, a partir de um ajuste estrutural que era um processo que todos deveriam passar para garantir, que não houvesse mais crise. Obviamente, países desenvolvidos e suas companhias, tinham interesse em comprar e monopolizar mercados de países em desenvolvimento. O FMI e o Banco Mundial operaram um alinhamento neoliberal para os países em desenvolvimento, que deveriam aceitar por conta das suas grandes dívidas, sobrando pouca escolha principalmente no quesito de privatizações, vendida como parte do plano de salvamento para a hiperinflação. Apesar desse comportamento predatório, as instituições sempre alegaram que todas as medidas foram tomadas em busca da estabilização para impedir crises.

Foi assim que a cruzada de Friedman conseguiu sobreviver à apreensiva transição para a democracia – não por convencer os eleitores das virtudes de sua visão de mundo, mas por migrar de crise em crise, explorando com esperteza o desespero dos estados de emergência econômica e impondo as políticas que ataram as mãos das novas e

¹⁴⁵ Ibidem, p. 195.

frágeis democracias. [...] Quando esses choques e crises começaram a perder força, sintomas mais catastróficos apareceram: tsunamis, furacões, guerras e ataques terroristas. O capitalismo de desastre estava sendo moldado.¹⁴⁶

Ou seja, Klein evidencia o lado perverso do avanço do capitalismo, e mais especificamente do neoliberalismo, que detém sua especificidade, mas se baseia principalmente do poder das corporações e seus interesses. Em nossa leitura, a análise de Klein se relaciona de perto com a fonte, principalmente pela existência dessa nova tendência econômica que já se fortalecia nos EUA na década de 80, é apropriada de uma maneira bastante interessante por Gibson em seu livro. Porque é esse capitalismo avançado que determina o tom da narrativa, da ambientação através de conglomerados de megalópoles, que dá consistência aos personagens e define a posição que eles ocupam naquela sociedade. É a partir da desigualdade social, que podemos interpretar a história de Case e a opressão que ele sofre desse sistema que apenas beneficia companhias ricas, enquanto mantém a grande maioria da população mundial em situação de pobreza. A estética punk complementa muito essa visão, a partir do sombrio, do sujo e do degradado, essa é a megalópole de *Neuromancer*, uma cidade que passa o espírito desse futuro econômico e social.

Podemos interpretar ainda, que a tecnologia é complementar a essa visão de degradação das megalópoles de *Neuromancer*. Elas não são um contraste dentro de uma ambientação suja e arruinada, não é como se a tecnologia estivesse fora dessa lógica. Na verdade, todo esse presente da narrativa só é possível por conta dessa tecnologia, que está imbricada, e é responsável pelo resultado atual daquela sociedade, porque está diretamente associada às companhias que tem monopólio desse setor, que cresceram em cima da pobreza da grande maioria e lidam de maneira irresponsável com esse poder. Ou seja, empresas constroem máquinas que não podem controlar e tomam decisões sozinhas, pensando no interesse privado e no lucro de alguns indivíduos dentro do capitalismo. Porém, essas decisões afetam a todos e por isso deveriam ser consideradas pela opinião coletiva daqueles que vivem nessa realidade.

Podemos conectar o tema econômico dentro de *Neuromancer* com a análise de Klein, que apenas se torna mais atual conforme o avanço das primeiras décadas do século XXI, porque o capitalismo de desastre parece se desdobrar para dentro da narrativa do livro, que trabalha com um sistema econômico sem limites. Gibson levantava essa discussão, da relação intrínseca entre a tecnologia e a economia, revelando sua posição crítica às possíveis predisposições

¹⁴⁶ Ibidem, p. 202.

futuras. Como já salientamos no primeiro capítulo, houve uma grande defesa dessa nova tecnologia como uma possibilidade de emancipação e democratização nunca antes vista. Porém, antes mesmo dos anos dois mil, autores já sinalizavam que deveríamos ter cuidado com esse discurso de que a internet só trouxe avanço e soluções para a vida, até porque essas ferramentas não deixam de ser produtos que precisam ser vendidos a partir de um marketing positivo dentro do sistema econômico. Não é à toa que as empresas de tecnologia se tornaram potências econômicas incomparáveis na atualidade.

Ainda sobre o neoliberalismo Rodrigo Turin¹⁴⁷ defende que dentro da sociedade industrial, o processo de ajuste temporal passava por diferentes ferramentas, como os horários regulados dentro das fábricas. Essa fase da modernidade implicou, não apenas na coordenação do tempo de produção e da circulação do capital, mas também na necessidade de um tempo homogêneo. Mas hoje, segundo Turin, vivemos um tempo repleto de tempos, tempo de reivindicações identitárias, pós e decolonial, tempo da globalização e tempo acelerado pelas novas tecnologias, tempo de urgência do capital financeiro, entre outros. Carregamos dentro da identidade e sociabilidade atual, uma urgência pela conexão, e vivemos no outro aspecto dessas transformações no consumo intenso de conteúdos e imagens, que desfez antigas estruturas de conhecimento, porque um tweet pode ser considerado mais relevante que um artigo científico.

Turin destaca que o neoliberalismo, principalmente pelo impacto que esse sistema causou na subjetividade dos indivíduos, consegue abarcar diferentes camadas sociais, tecnológicas, políticas, econômicas e culturais, constituindo-se como um fator comum que opera como um motor potente para sincronização global, incluindo a desigualdade social que é consequência do seu desenvolvimento.

Para Turin, as doutrinas enunciadas no cotidiano sincronizam experiências, e se consolidam como um tempo homogêneo, no qual as pessoas terão experiências parecidas por viverem nesse tempo. Sobre como a semântica dos conceitos operou nessas transformações, Turin afirma que houve um esvaziamento dos conceitos tradicionais, que antes eram muito importantes, como o progresso por exemplo, seu poder de explicar toda a temporalidade moderna acabou, e por isso, foi substituído por outros termos. Palavras como flexibilidade, capacidades e resiliência, assim como governança, gestão no campo político ressignificam os antigos soberania e democracia. Mais do que palavras isoladas, esses poucos exemplos, demonstram um processo de remodelação e reconfiguração de instituições da qual a rede que molda subjetividades está conectada. Uma das mudanças que mais impactou, segundo Turin, é

¹⁴⁷ TURING, Rodrigo. *Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal*. Zazie edições. Rio de Janeiro, 2019.

a necessidade do mercado dentro da razão social, o que orientou a reeducação a partir dos princípios neoliberais. Ou seja, o ensino e o conhecimento ficam essencialmente conectados com o mercado, e a necessidade que o mercado precisa desse conhecimento para funcionar.

Segundo Turin, conceitos se tornaram mais complexos, para definir essa nova realidade econômica atrelada a política e a sociedade. Como por exemplo, flexibilidade, adaptabilidade, disrupção, governança, resiliência, inovação, transparência, excelência, eficiência, produtividade, empreendedorismo, empregabilidade, entre outros. Turin afirma que essas palavras não são novas, mas que elas assumiram um outro papel dentro do neoliberalismo. Comentando sobre especificamente o conceito de resiliência Turin salienta:

A resiliência implica, assim, tanto um aspecto físico quanto emocional, encurtando o tempo disponível para os indivíduos se recuperarem dos impactos da precarização das condições de trabalho e de seus efeitos psíquicos, sendo obrigados a reinventar-se continuamente. Um dos meios mais adotados para desenvolver essa competência é a insistente valorização dos sentimentos positivos e o apagamento dos sentimentos entendidos como negativos. Nas cartilhas de *coaching* ou nos manuais de autoajuda, desenha-se uma subjetividade sem espaço e sem tempo para a negatividade. Uma nova economia dos afetos se impõe, na qual os tempos lentos da melancolia e da crítica são inviabilizados em nome dos efeitos performáticos do pensamento positivo. Nesse evolucionismo social repaginado, só os mais resilientes sobreviverão.¹⁴⁸

Ou seja, toda uma mentalidade neoliberal é representada por meio do conceito de resiliência, por propagar uma competição naturalizada dentro desse sistema. Outra palavra que Turin destaca, é a de inovação e como ela consegue sintetizar a temporalidade atual, inclusive substituindo progresso no seu sentido evolutivo, principalmente para os indivíduos que devem ser capazes de inovar o tempo todo para acompanhar as mudanças do mercado. Nesse processo se desenvolve singularização no lugar da universalização, a diferenciação também é central, porque o valor de um indivíduo ou de uma empresa fica no quanto estes podem ser diferentes, e como essas diferenças trazem vantagens econômicas. O motor da sociedade e dos indivíduos é a competição, que movimenta a necessidade de se diferenciar para sobreviver. Por isso inovação, diferenciação, flexibilidade e resiliência se encaixam tão bem, pois marcam a subjetividade desse indivíduo neoliberal, que se conecta com o dinamismo do mercado e valoriza acima de tudo o indivíduo empreendedor de si, que baseia sua vida em construir-se para o mercado de trabalho. É comum que dentro desse discurso, a pessoa desempregada seja culpada por não se especializar o suficiente, ou por não incorporar o espírito empreendedor.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 29.

Ou seja, essa lógica se espalhou da economia para a sociedade, e essa relação começa a ser a única a fazer sentido. Para encerrar, Turin afirma, que existe uma série de instabilidades e insustentabilidades dentro desse sistema, como por exemplo, a explosão de doenças mentais como depressão e ansiedade, relacionadas a esse ambiente competitivo individualista, no qual o outro é sempre em primeiro lugar seu inimigo, além da forte pressão por produtividade. Ao mesmo tempo que esse dinamismo neoliberal, impossibilita a criação de laços de solidariedade, porque todos competem pelo mesmo objetivo: o sucesso profissional.

Portanto, aproximando as análises de Klein e Turin em nossa leitura, destacamos-que o neoliberalismo se estabeleceu como corrente econômica dominante na atualidade, mas ele não ficou apenas no aspecto econômico. Essa lógica está no cerne do funcionamento e construção de subjetividades, que alimenta esse sistema competitivo e individualista que promove grandes desigualdades sociais. A partir da análise de *Neuromancer* podemos interpretar, que Gibson traduz a partir da narrativa uma crítica ao crescimento do neoliberalismo desde a década de 80. As grandes corporações, como a Tessier-Ashpool, demonstram que essas empresas detêm privilégios e monopólios e agem de maneira irresponsável sobre o poder da construção de tecnologias. Ou seja, tanto atualmente, como demonstrou a análise de Klein, quanto na ambientação de *Neuromancer*, é permitido que os interesses dos empresários fiquem acima de qualquer outro coletivo.

4.2 TECNOLOGIA E SEU PAPEL NO FORTALECIMENTO DO NEOLIBERALISMO.

Esse aspecto sobre o poder das companhias se tornou um tema recorrente dentro da ambientação cyberpunk de uma maneira geral, pois costuma escancarar ainda mais o temor frente aos avanços desenfreados do capitalismo e da globalização, o que tornou essa perspectiva extremamente atual frente aos acontecimentos do século XXI, e os caminhos econômicos que percorremos nas últimas décadas. O que tornou, o cyberpunk em si, um tipo de distopia bastante crítica que utiliza muito da própria realidade, e por isso é tão fácil identificar o mundo de agora, nessa projeção de mundo futuro que lida com o aprofundamento dos problemas de maneira crua. Gibson confirma, o abismo social que existe nessa sociedade futurística, revelando uma grande semelhança entre nós e eles. Entre dois extremos, Case um marginalizado que se tornou um criminoso, e as companhias como a Tessier-Ashpool, que dominam todo esse cenário e são donas dessas poderosas inteligências artificiais. Sobre como Case conhece um pouco mais sobre Wintermute na narrativa:

-Yonderboy – disse Molly, colocando de lado o arenque e as bolachas. – Fiz um acordo com Larry por baixo dos panos.
 -Esperta – disse o Finlandês. – É uma IA.
 -Diminua um pouco a marcha – disse Case,
 -Berna – disse o Finlandês, ignorando-o. – Berna. Ela conseguiu cidadania suíça limitada sob o equivalente deles do Ato de 53. Construída para a Tessier-Ashpool S.A. Eles possuem o mainframe e o software original.
 -E o que é que tem Berna? – Case se meteu deliberadamente no meio dos dois.
 -Wintermute é o código de reconhecimento de uma IA. Eu tenho números e registros de Turing. Inteligência artificial.
 -Está tudo muito bom – disse Molly -, mas aonde isso nos leva?
 -Se o Yonderboy estiver certo – disse o Finlandês -, esta IA é quem está bancando o Armitage [...]
 -E você acha que é essa IA? Essas coisas não tem permissão para ter autonomia. Quem manda é essa corporação-mãe Tessle....
 -Tessier-Ashpool S.A. – disse o Finlandês. [...] ¹⁴⁹

Assim o Finlandês afirma que algum tempo atrás tinha esbarrado com a Tessier-Ashpool de uma maneira inusitada que dá sinais sobre como essa corporação opera:

Smith procurou o Finlândes com um pedido de ajuda, um pedido fraterno, de um homem de negócios para outro. Ele queria uma investigação completa do clã Tessier-Ashpool, disse, e isso tinha que ser executado de um modo que garantisse a impossibilidade de que a fonte algum dia fosse descoberta. [...] – Aquilo tinha cheiro – o Finlandês disse para Case -, cheiro de grana. [...] Smith tivera um fornecedor conhecido como Jimmy [...] A coisa mais incomum que Jimmy havia conseguido pegar na sua viagem pelo arquipélago foi uma cabeça, um busto intrincadamente trabalhado, [...] Era contemporâneo e não uma antiguidade e não tinha valor para o colecionador. A coisa era um terminal de computador, disse ele. Podia falar. E não era a voz sintetizada, mas um belo arranjo de engrenagens e tubos miniaturizados. [...] Quando Jimmy foi embora, deixando a cabeça, Smith começou a examiná-la cuidadosamente, descobrindo determinadas marcas registradas. Ele acabou conseguindo rastreá-la até uma improvável colaboração entre dois artesãos de Zurique, [...]ela fora comissionada pela Tessier-Ashpool S.A. ¹⁵⁰

Ainda nesse sentido:

Smith começou a fazer ofertas preliminares ao colecionador de Tóquio [...] E então ele recebeu uma visita, uma visita inesperada, que passou pelo labirinto da sua segurança como se ela não existisse. Um homem baixo, japonês que tinha todos os sinais de ser um ninja assassino cultivado em laboratório. [...] Smith disse ao homem que não tinha vontade de morrer, e entregou a cabeça. E quanto, seu visitante perguntou, ele esperava obter com a venda do objeto? Smith disse uma cifra bem menor do que o preço que pretendia fixar. O ninja sacou um chip de crédito e digitou para Smith essa quantidade, retirada de uma conta na suíça numerada. [...] Contratei um cowboy. Como era o intermediário, fiquei com uma porcentagem. [...] Quem havia pago aquele dinheiro suíço? A Yakusa ¹⁵¹? De jeito nenhum...[...] eu mandei o meu cowboy pesquisar arquivos de notícias antigas até encontrarmos a Tessier-Ashpool em litígio. O caso não era nada, mas descobrimos qual era a firma jurídica. Então ele quebrou o ICE do advogado e pegamos o endereço da família. ¹⁵²

¹⁴⁹ Ibidem, p. 99.

¹⁵⁰ Ibidem, p 100-101.

¹⁵¹ A máfia japonesa.

¹⁵² GIBSON, , op.cit., p. 101-102.

Sobre o poder dessa companhia:

-O fuso, em Freeside – disse o Finlandês. – Acabou que eles praticamente são donos daquilo tudo. O interessante foi a foto que conseguimos quando o cowboy fez uma busca de rotina nos arquivos de notícias e compilou um resumo. Empresa familiar. Estrutura corporativa. Supostamente, você pode comprar ações de uma S.A., mas não se comercializa uma única ação da Tessier-Ashpool no mercado aberto há mais de cem anos. Em nenhum mercado, até onde sei. Você está vendo uma família orbital de primeira geração, muito discreta e muito excêntrica, dirigida por uma corporação. Muito dinheiro, muito avessa à mídia. Muita clonagem. A lei orbital é muito mais leniente com relação à engenharia genética, certo? E é difícil rastrear qual geração, ou que combinação de gerações, está mandando no pedaço num determinado momento [...] – Eles têm seu próprio sistema criogênico. Mesmo sob a lei orbital, você está legalmente morto enquanto durar o congelamento. Parece que eles se revezam, embora ninguém tenha visto o pai-fundador em mais de trinta anos. A mãe-fundadora morreu em um acidente de laboratório.¹⁵³

Companhia poderosa que domina boa parte de Freeside, diretamente envolvida com as inteligências artificiais envolvidas na narrativa. Sobre Freeside:

Arquipélago.

As ilhas: toroide, fuso, aglomerado. O DNA humano transbordando e se espalhando para fora do íngreme poço gravitacional como uma mancha de óleo no oceano. [...]

Freeside. Freeside representa muitas coisas, nem todas evidentes aos turistas que sobem e descem o poço gravitacional em ônibus espaciais. Freeside é bordel e nexus bancário, cúpula de prazer e porto livre, cidade de fronteira e spa. Freeside é Las Vegas e os Jardins suspensos da Babilônia, uma Genebra orbital e lar de uma família acostumada com o cruzamento interno e refinada a um cuidado extremo, o clã industrial de Tessier-Ashpool.¹⁵⁴

Ainda sobre Freeside:

-Freeside – disse Armitage, tocando o painel do minúsculo projetor holográfico Braun. A imagem estremeceu e entrou em foco, quase três metros de ponta a ponta. – Cassinos aqui. – Ele estendeu a mão até o esqueleto da representação e apontou. – Hotéis, propriedades estratificadas, lojas grandes ao longo daqui. – Áreas azuis são lagos [...] – Efeito de montanha à medida que se estreita. O chão parece ficar mais alto, mais íngreme, mas é uma subida fácil. Quanto mais alto vocês sobem, menor a gravidade.¹⁵⁵

Sobre o conglomerado dominado pela Tessier-Ashpool chamado de Straylight:

Na Straylight, a superfície interna do casco é uma proliferação desesperada de estruturas supercrescidas, formas fluídas, entrecruzando-se, erguendo-se na direção de um núcleo sólido de microcircuitos, o coração corporativo de nosso clã, um cilindro de silício todo por estreitos túneis de manutenção [...]

-Pelos padrões do arquipélago- continuou a cabeça – nossa família é antiga, e as convoluções de nosso lar refletem essa idade. [...]

¹⁵³ Ibidem, p. 102.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 129.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 136.

-Tessier e Ashpool subiram o poço gravitacional para descobrir que detestavam o espaço. Construíram Freeside para sugar a riqueza das novas ilhas, ficaram ricos e excêntricos, e começaram a construção de um corpo estendido em Straylight.¹⁵⁶

Ainda sobre Straylight:

-Esta é a Villa Straylight. Uma inclinação íngreme para fora da gravidade e todas as abordagens são impossibilitadas. Existe uma única entrada, aqui no centro exato. Gravidade zero.

-O que é que tem lá dentro, chefia? – Riveira se inclinou para a frente esticando o pescoço. [...] – Peter – disse Armitage. – Você será o primeiro a descobrir. Você vai arranjar um jeito de se convidar.¹⁵⁷

Sobre a percepção de Case de Straylight:

Straylight lembrava a Case os shoppings centers desertos de manhã cedo que ele conhecera na adolescência, lugares de baixa densidade demográfica onde as horas do amanhecer traziam uma imobilidade adequada, uma espécie de expectativa anestesiada, uma tensão que fazia você ficar observando insetos se juntarem em enxames ao redor de lâmpadas em gaiolas sobre a entrada de lojas escurecidas. Lugares de fronteira, logo depois dos limites do Sprawl, longe demais da movimentação noturna nervosa do núcleo quente. Havia aquela mesma sensação de estar cercado pelos habitantes sonolentos de um mundo despertando que ele não tinha interesse em visitar ou conhecer, de negócios tedioso temporariamente suspensos, de futilidade e repetição prestes a despertar novamente.¹⁵⁸

Aos poucos, a própria ambientação em Freeside e depois em Straylight, dão o tom na narrativa sobre a influência da Tessier-Ashpool. Ainda em Freeside, Case descobre aos poucos, com os fundadores locais, algumas situações estranhas que apontam para a manipulação da IA. Sobre isso:

-Eu vim de Los Angeles – disse o velho. Seus dreadlocks eram uma árvore velha com galhos da cor de palha de aço. – Há muito tempo subimos o poço gravitacional e fugimos da Babilônia. Para trazer as tribos para casa. [...] Outro fundador deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás de tanto rir. – Os últimos dias estão chegando...Vozes. Vozes gritando no deserto, profecias de Babilônia em ruínas...

-Vozes – o Fundador de Los Angeles estava olhando direto para Case. – Nós monitoramos muitas frequências. Nós sempre escutamos. Do meio da babel das línguas apareceu uma voz, que falou conosco. Ela tocou para nós um dub poderoso.

-Chamavam ele de Winter Mute – disse o outro, pronunciando duas palavras.

Case sentiu a pele dos braços se arrepiar toda.

-O Mute falou conosco – disse o primeiro fundador. – O Mute disse que temos que ajudar vocês.

-Quando foi isso? – Case perguntou

-Trinta horas antes de vocês atracarem em Zion.

[...] – Escute – disse Case. – É uma IA, você está entendendo? Inteligência artificial. A música que ela para vocês provavelmente foi o resultado de uma invasão dos seus bancos de memória; ela mixou o que quer que vocês gostariam de...

¹⁵⁶ Ibidem, p. 207.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 137.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 244.

-A Babilônia – interrompeu o outro fundador – é a mãe de muitos demônios, a gente toda sabemos.¹⁵⁹

Ou seja, aos poucos fica evidente o poder de Wintermute que age manipulando todos para conseguir seus próprios objetivos. Entre seus poderes estão construir toda uma personalidade como com Armitage, além de manipular sonhos, como por exemplo, quando Riviera começa a ter sonhos com 3Jane, herdeira da Tessier-Ashpool:

– Não sei quando sonhei com ela pela primeira vez – ele disse – mas lembro bem que, no começo ela era apenas algo enevado, uma sombra.
-Eu não conseguia segurá-la bem, mantê-la em minha mente. [...] – Deduzi que, se pudesse visualizar alguma parte dela, apenas uma pequena parte, se pudesse ver essa parte perfeitamente, nos mais perfeitos detalhes... Riviera se inclinou para a frente, apanhou a mão e começou a acariciá-la suavemente. Os dedos se moveram. Riviera levou a mão à boca e começou a lamber as pontas dos dedos. As unhas tinham esmalte bordô. [...] Case já havia visto essa mídia antes; em sua adolescência no Sprawl, eles chamavam isso de “sonho real”. Ele se lembrava de porto-riquenhos magricelos embaixo de postes de luz, sonhando real à batida rápida da salsa, dreamgirls estremecendo e girando, o pessoal na rua batendo palmas para marcar o ritmo. Mas para aquilo fora necessário uma van cheia de equipamentos e um capacete de trodos todo desajeitado. O que Riviera sonhava, você via. [...] Ele podia adivinhar o fim, o gran finale. Havia uma simetria invertida naquilo: Riviera monta a garota do sonho, a garota do sonho o desmonta.¹⁶⁰

A partir desses sinais, podemos compreender, o tamanho do poder e a influência dessa IA e consequentemente da Tessier-Ashpool, que se estende ao longo de muito tempo, porque eles foram fundadores desses locais como Freeside e Straylight, e seu domínio se desdobra até a atualidade de Case, e as implicações das inteligências artificiais criada em nome da proteção da família e do seu patrimônio. Ou seja, isso demonstra como a tecnologia está associada à permanência do funcionamento do monopólio construído pela corporação, mesmo mecanismo de exclusão social que torna o protagonista um marginal. Ou seja, dentro da narrativa capitalismo e tecnologia são imbricados e reproduzem a lógica um do outro, algo muito real se formos pensar os processos históricos que cercam a consolidação do capitalismo. Para Jonathan Crary,¹⁶¹ o sistema capitalista já demanda dos humanos um desempenho maquino, que custa muito da vida humana para ser mantido de maneira eficiente. A fragilidade humana, construída pela natureza, é cada vez mais inadequada para esse mundo em transformação veloz. Podemos aproximar Crary de *Neuromancer*, já que todos os corpos são modificados para ultrapassar os

¹⁵⁹ Ibidem, p. 139.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 170-171.

¹⁶¹ CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. Editora Cosac Naify. Tradução Joaquim Toledo Jr. 1ª edição. São Paulo, 2014.

limites humanos, seja em relação à morte, ou até mesmo para adquirir forças sobre-humanas. Case não tem nenhuma modificação aparente em seu corpo, e diversas vezes ao longo da narrativa zombam dele por esse motivo, por ser purista e manter sua aparência humana. Portanto, fica implícito ao longo da narrativa que os humanos devem buscar ser cada vez menos humanos, mesmo estando fora da conexão da máquina com sua mente, para além no mundo real devem se adequar ao avanço tecnológico.

É importante considerar que essa adequação não é aleatória, mas coordenada pela economia que necessita de corpos úteis e produtivos. Portanto, não há muito como escapar dessas adaptações tecnológicas que servem à economia, porém são vendidas a partir de um discurso de benefícios aos humanos. Viver mais, ter mais força e mais velocidade, obviamente todos almejam tais questões, exatamente por elas serem impossíveis dentro de uma realidade sem avanços tecnológicos, e de uma humanidade natural em sua composição biológica. O discurso que cerca à biotecnologia é que devemos avançar sobre a natureza, e com esse avanço barrar doenças que antes tinham poder catastrófico, mas agora podem ser controladas, essas condições foram primordiais para oferecer aos humanos mais expectativa de vida. Porém, devemos atentar para o fato que essas pesquisas existem e movimentam lógicas de mercado, ou seja, como em *Neuromancer*, essas modificações ou evoluções do corpo humano serão vendidas e colocadas através de clínicas, como já acontece com as próprias cirurgias plásticas. O que também criará uma hierarquia sobre quem tem acesso às modificações e quem não tem, ou as fazem de modo precário.

Apenas a grande fortuna desse monopólio empresarial garante que os donos façam parte desse avanço tecnológico, o que deixa evidente que esses avanços não tem como finalidade o bem maior da humanidade, acabar com os problemas estruturais como a desigualdade social, porque no futuro os donos bilionários sairão na frente de todos na hora de poder participar desses avanços, que não tem como intuito deixar a sociedade mais justa, pelo contrário a tecnologia apenas aprofunda o que já é desigual dentro da realidade, e na obra da mesma forma, certas pessoas têm privilégios e vão sempre sair beneficiadas não importa o que o futuro traga, pois tem acessos a determinados poderes que outros nunca terão, como por exemplo visitar o espaço sideral. Podemos exemplificar essa leitura, a partir da própria criação e desenvolvimento das inteligências artificiais, elas só se tornaram perigosas por sua autonomia, porque Marie-France alguém com poder e como as ferramentas apropriadas, tinha uma ideia de que apenas essas inteligências poderiam continuar o legado da família, algo que nem todos da família concordavam, porém isso propiciou a criação de Wintermute na narrativa.

Segundo Crary, desde a invenção da eletricidade as atividades econômicas se expandiram e isso também permitiu que existisse o trabalho interrupto, já que a luz elétrica simula a luz diária. O discurso mais geral passa uma sensação de que essas mudanças tecnológicas, que impulsionaram mudanças econômicas, foram inevitáveis e que as circunstâncias em que vivemos, era o caminho natural a ser percorrido. Há uma crença que a tecnologia pode resolver problemas insolúveis, enquanto no contexto atual o consumo de tecnologia coincide com estratégias de poder e se tornam indistinguível deles. Esse imposto ritmo intensificado e acelerado compõe e recompõe percepções, e condiciona certos tipos de consumo banal que apenas acentua o isolamento social.

E vivemos uma sensação de que essas ferramentas trazem autonomia, porém contém em si formas avançadas de vigilância, que são conectadas às áreas de marketing e publicidade, buscando monetizar todos os tipos de tempos possíveis. Segundo Crary, esse processo sincronizará em massa a consciência e a memória, e consequentemente, padronizará a experiência em larga escala, responsável pelas perdas de identidade e da singularidade subjetiva. Esse processo definido pela modernização ocidental, trouxe como consequência direta a padronização da experiência, toda a experiência e sociabilidade humana mudam, conforme avançam essas transformações econômicas. A questão colocada por Crary, é como permanecer humano com sua essência diante desse mundo, no qual nossa própria biologia é vista como limitação. Vivemos um presente arruinado pelas exigências de um sistema econômico, que só avança e quer nos ultrapassar como humanidade, pois representamos um problema. Quanto mais nos identificamos com nossos substitutos eletrônicos e virtuais, mais simulamos nossa desobrigação do biocídio do planeta e de nós mesmos. As transformações tecnológicas e econômicas nos tornam indiferentes a fragilidade e transitoriedade das coisas vivas e reais, porque é de interesse do avanço desse processo que sejamos individualistas, e pouco preocupados com os outros e com o que acontece com a natureza ao redor.

Neste, a relação complementar entre homem e máquina é naturalizada e desejada e ainda funcional para trazer mais força, olhar mais longe, etc. Ou seja, mesmo fora do ciberespaço, que traz uma relação entre mente e máquina, fora dele também há uma relação entre corpo e máquina. As reflexões de Crary, deixam muito óbvias que parece que esse é um caminho que vamos percorrer inevitavelmente, porque é uma demanda do próprio sistema capitalista, uma adaptação a esse novo sistema que se desenvolve apoiado nas novas tecnologias, assim como foi no início do próprio capitalismo, que seguiu uma fase de transformação de humanos em corpos úteis com subjetividades, e identidades que servissem ao sistema construídas a partir de poderes disciplinares. Cada vez mais, como trouxe Crary, busca-se alinhamento de eficiência e

produtividade com consumo de publicidades que definem consumidores. Ou seja, ambas a leituras de Crary e de Gibson apontam, que a tecnologia trouxe a possibilidade de alinhar todas as experiências.

Em *Neuromancer*, empresas detêm inteligências artificiais que se igualam as mais poderosas que deveriam existir apenas para o uso das instituições militares. Além de ter esse grande poder, a Tessier-Ashpool mantém a existência delas escondida por completo, porque há na obra uma polícia que detecta a utilização de forças tecnológicas ilegais, eles chegam a prender Case e o condenam, por de estar conspirando para ampliar o poder da IA Wintermute. E existem tribunais para julgar a utilização dessas tecnologias tão poderosas. A agente da polícia de Turing acusa Case de seus crimes:

-Você entendeu o que queremos dizer – disse Michèle. – Se quiser fingir que não, estará apenas tornando as coisas mais difíceis para si mesmo. Ainda falta a questão da extradição. Você vai voltar conosco, Case, e Armitage também. Mas para onde exatamente vamos? Para a Suíça, onde você será meramente um peão no julgamento de uma inteligência artificial? Ou para le BAMA¹⁶², onde podemos provar que você participou não só de invasão de dados e furto, mas também de distúrbio público que custou quatorze vidas inocentes? A escolha é sua.¹⁶³

A agente chega a acusar Case de se aliar ao equivalente a um demônio, essa IA que apenas quer poder e destruição.

-Você vem conosco. Situações de ambiguidade jurídica são nossa especialidade. Os tratados sob os quais nosso braço do Registro opera nos garantem muita flexibilidade. E nós criamos a flexibilidade, em situações onde ela é necessária [...]. – Você é pior que uma besta – disse Michèle, levantando-se, a pistola na mão. – Você se com sua própria espécie. Por milhares de anos os homens sonharam em pactos com demônios. Só que agora essas coisas são possíveis. E o que vocês ganham em troca? Qual seria o seu preço, para ajudar essa coisa a se libertar e crescer? – Havia um cansaço experiente naquela voz jovem que nenhuma garota de dezenove anos poderia ter imitado. – Você vai se vestir agora. Junto com o homem que você chama de Armitage, vocês retornarão conosco para Genebra e testemunharão no julgamento dessa inteligência. Caso contrário, vamos matar você.¹⁶⁴

Há essa tentativa de parar Case e Wintermute, na qual a polícia de Turing investigava as ilegalidades cometidas pela inteligência artificial, aparentemente muito mais poderosa do que seria permitido. A maneira como acaba esse acontecimento da narrativa é bastante simbólico. Quando Case está sendo escoltado:

¹⁶² Ou sprawl – Boston-Atlanta Metropolitan Axis – Eixo metropolitano Boston-Atlanta.

¹⁶³ GIBSON, op.cit., p. 194

¹⁶⁴ Ibidem, p. 195.

Já tinham atravessado pouco mais de um quarto do caminho da ponte quando o microleve atacou, o motor elétrico silencioso até a hélice de fibra de carbono cortar fora o topo do crânio de Pierre. Por um instante, eles ficaram na sombra do objeto; Case sentiu o borriço de sangue quente na nuca, e, em seguida, caiu cambaleando em cima dele. Ele rolou para o lado, e viu Michèle deitada de costas, os joelhos para o lado [...]. Ela estava tentando derrubar o microleve. E, em seguida, ele já estava correndo [...]. Ele viu o biplano frágil bater no corrimão de ferro da ponte, ficar todo amassado, cair por cima da ponte, colher a garota em cheio e leva-la consigo lá para baixo [...]. -Você matou todos eles – Case disse sem fôlego, correndo – Seu maluco filha da puta, você matou todos eles...¹⁶⁵

Ou seja, com o assassinato desses agentes da polícia, podemos compreender que nenhuma lei ou agente da lei pode parar Wintermute, o que apenas se confirma com o desfecho da história, pois ele consegue seu objetivo matando quem fosse necessário. Podemos apontar que, simbolicamente, significa que ele é como um monstro à solta que ninguém consegue parar. Esse também é um debate que continua extremamente atual, especialmente quando pensamos as companhias e as tecnologias mais recentes, se apenas a lei seria capaz de barrar as operações de manutenção de base de dados e da utilização dos algoritmos. Para Evgeny Morozov¹⁶⁶ na enorme transformação digital que está acontecendo os serviços de inteligência artificial se tornaram tão importantes que certamente estarão envolvidos nos embates geopolíticos futuros. Por exemplo, o Vale do Silício dispõe de conglomerados de empresas que tem um forte monopólio dos serviços que precisamos no cotidiano. Das mais recentes, Uber, Airbnb, Amazon e cada vez mais são criados aplicativos para oferecer serviços para monetizar tudo, até tarefas simples da vida, como escolher um restaurante. Esses aplicativos são vendidos como soluções para todo tipo de problemas, que nos rodeiam, como a necessidade de chamar um carro, por exemplo. Como em *Neuromancer*, o desenvolvimento dessas ferramentas e na sua venda, o discurso predominante é que vieram para auxiliar e tornar prática qualquer questão, mas o lado negativo não é trazido ao conhecimento de todos, ou começam a aparecer quando esses serviços já estão estabelecidos e consolidados, e tem o apoio da grande maioria da população que é usuária. Como, por exemplo, o quanto o Uber contribui para o subemprego deixando seus trabalhadores sem nenhuma garantia, porém há uma defesa do serviço por sua praticidade e preço. O discurso preponderante sobre essas novas tecnologias é que seus inventores e desenvolvedores, tem uma agenda a cumprir com objetivo principal melhorar o mundo.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 197.

¹⁶⁶ MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte política*. Editora Ubu. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo, 2018.

As minúcias nos escapam do funcionamento das atuais empresas de tecnologia. Muitas vezes, por se tratar de um segmento único, o desenvolvimento de tecnologia é visto como uma indústria singular, e assim essas empresas conseguem escapar das críticas, retomando a utilidade de seus produtos e serviços. Segundo Morozov, quando se debate esse tipo de questão, essa discussão tende a ficar no âmbito digital e não no econômico ou político, o que ajuda essas companhias a terem certo aspecto neutro que as favorece, o que é extremamente conveniente para que elas apenas aumentem seu poder. Morozov destaca a quantidade de dados envolvidos no processo de utilização da internet. Quando usamos o Google, por exemplo, ficamos com a ideia de que sua missão é organizar e otimizar o acesso a qualquer tipo de informação, mas devíamos também considerar que é uma forma de monetizar todo e qualquer tipo de informação. Com nosso acesso, essas empresas conseguem estabelecer bases de dados capazes de dizerem muito sobre nós. Morozov afirma, que a liberdade e a emancipação vendida, é apenas o que ele chama de *cerca de arame farpado*, porque por trás existe um eficiente sistema de controle e vigilância. Os algoritmos organizam as operações desses sistemas tecnológicos, especialmente as redes sociais. Logo esse sistema está ditando o que você recebe ou não de acordo com sua personalidade e o seu uso, ou seja, o algoritmo foi treinado para te deixar cada vez mais viciado, e gastar cada vez mais tempo consumindo os conteúdos das redes sociais, porque os anúncios e publicidades que estão ali no meio, pagam para ter sua atenção. Entretanto, Morozov afirma, que o algoritmo começa a interferir mesmo em pequenas decisões da vida, tirando a autonomia, fazendo com que tracemos um caminho que é especialmente mais lucrativo para as empresas que comandam essa estrutura. E o modelo de desenvolvimento dessas companhias é tornar rentável, tudo que costumava ser um espaço fora do trabalho e realmente de descanso, que gastamos consumindo publicidades em redes sociais e ambientes privados da vida repartidos entre companhias.

Ou seja, companhias tiram sua culpa quando não deixam claro qual é o sistema por trás do que é apresentado todos os dias, e qual sua verdadeira função, coberta por uma ideia de avanço tecnológico, que apenas serve aos interesses da evolução mundial. Nos últimos anos, começou uma mobilização para obrigar as empresas a se responsabilizarem por suas operações, como assinalarem algo que é uma informação falsa, por exemplo, e as novas políticas empresariais de proteção de dados dos funcionários e clientes. Também cresceu bastante a área de direito digital, na busca de compreender melhor como a lei pode e deve agir sobre essas novas questões. Gibson coloca uma reflexão bastante interessante nesse acontecimento do livro, será que as leis serão capazes de barrar essas tecnologias, e especificamente as inteligências artificiais? No livro, podemos afirmar, que não é essa a situação, porque Wintermute assassina

os agentes e consegue driblar qualquer condenação ou prisão. E o final do enredo apenas confirma isso, que não existe nenhum dispositivo ou qualquer humano que consiga barrá-lo. É uma questão extremamente relevante na atualidade, se empresas serão responsabilizadas por utilizar ferramentas não transparentes que tem impactos na nossa vida que desconhecemos? Ainda precisamos caminhar em direção a essas respostas.

Ainda sobre o assassinato dos policiais de Turing:

Dixie? A matrix lhe mostrou as esferas cor-de-rosa do combinado de aço de Siquim¹⁶⁷.
 -O que é que tu tá armando, rapaz? Tô ouvindo umas histórias de arrepiar. Agora o Hosaka está colocando num banco de dados gêmeo na nave do seu chefe. O negócio está fervendo. Os tiras de Turing caíram em cima?
 -Foi, mas Wintermute matou todos.
 -Bom, isso não vai segurar eles por muito tempo. De onde esses saíram têm muito mais. Vão subir pra cá em bloco. Aposto que os decks deles estão caindo, matando neste setor da grade que nem moscas de merda. [...] Case digitou as coordenadas de Freeside. [...] Então é isso? Aquele retângulo verde grande à esquerda?
 -Isso mesmo. Dados de núcleo corporativo da Tessier-Ashpool S.A, e esse ICE é gerado por suas duas IAs amigáveis. E me parece que estão pau a pau com qualquer coisa no setor militar. É um ICE fodástico, Case, preto como um túmulo e liso feito vidro. Frita seu cérebro só de olhar pra você. Se a gente chegar um pouco mais perto agora, ele vai colocar rastreadores pelo nosso cu até sair pelas orelhas, vai contar aos caras do quadro de avisos da T-A o seu sapato e quando mede o seu pau.¹⁶⁸

Nesse momento, Case está tentando entender qual é o real poder da Tessier-Ashpool e das suas IAs, e ele coloca um tipo de vírus para entender melhor com o que estava lidando. Sobre o que ele encontrou:

-Cara esse software é muito filho da puta. A coisa mais sensacional desde que inventaram o pão de forma fatiado. Esse negócio é invisível, porra. Acabei de alugar vinte segundos naquela caixinha rosa, faltando quatro saltos para chegar no ICE da Tessier-Ashpool; dei uma olhada em como é que eles veem a gente. Eles não veem. A gente não está lá.
 Case vasculhou a matrix ao redor do ICE da Tessier-Ashpool até encontrar a estrutura cor-de-rosa, uma unidade comercial padrão, e digitou as linhas de código para chegar mais perto. -Pode estar com defeito.
 -Talvez, mas duvido. Mas o nosso bebê é militar. E novinho. Ele simplesmente não registra. Se registrasse, nós seríamos lidos como uma espécie de ataque furtivo chinês, mas ninguém mexeu com a gente até agora. Acho que nem sequer o pessoal da Straylight. Case ficou olhando a parede em branco que bloqueava Straylight.
 -Bom – ele disse – isso é uma vantagem, não é?
 -Talvez. – O constructo se aproximou de uma gargalhada. Case estremeceu com a situação.¹⁶⁹

¹⁶⁷ Palavra de Gibson para o país soberano da Ásia, sob protetorado indiano.

¹⁶⁸ GIBSON, op.cit., p. 200.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 202.

Ainda sobre os policiais Turings, Case questiona o Finlandês, que incorpora Wintermute, do porque ele havia agido daquela forma:

-Você matou aqueles Turings.

O Finlandês deu de ombros. – Precisei. Precisei. Você devia agradecer; eles teriam apagado você sem pensar duas vezes. De qualquer maneira, porque eu trouxe você até aqui? Precisamos conversar mais. Lembra disto? -E sua mão direita segurava o ninho de vespas esturricado do sonho de Case, o fedor do combustível no espaço apertado da oficina escura. Case cambaleou para trás e bateu numa parede de ferro-velho. - É. Era eu. Fiz aquilo com a gambiarra holográfica da janela. Outra memória que coletei de você quando te dei um flatine pela primeira vez. Sabe por que isso é importante?

Case balançou a cabeça em negativa.

-Porque – e o ninho, de algum modo, havia desaparecido – é a coisa mais próxima que você tem da Tessier-Ashpool gostaria de ser. O equivalente humano. [...] – Saber como eles são. Você estava começando a me odiar por um momento ali. Isso é bom. Mas odeie eles em vez de mim. A diferença é a mesma.

-Escuta – disse Case, dando um passo adiante –, eles nunca me fizeram merda nenhuma. Você é diferente...- Mas ele não conseguia sentir ódio.

-Então a T-A me criou. [...] Não faz muita diferença. Você precisa odiar alguém antes que isso acabe.¹⁷⁰

Podemos afirmar que é muito emblemático, que além Wintermute ter passado por cima de qualquer agente ou lei, o que não acabará em nenhuma represália de acordo com o passar dos acontecimentos da narrativa, Gibson demonstra que isso vale também para as próprias companhias. Mesmo que existam instituições que busquem barrar a atuação criminosa no desenvolvimento de tecnologias, essas empresas são tão poderosas que conseguem articular essas inovações sem transparência. Por isso destacamos, que é simbólico quando Wintermute diz para Case que odiá-lo e odiar a Tessier-Ashpool em resumo é a mesma coisa, pois suas ações são desdobramentos do que a empresa o permitiu ser. Sobre como a inteligência artificial esperou e armou para retornar a ser poderosa:

-Ele me disse. – ela sussurrou – Wintermute. Sobre como ele brincou de esperar por anos. Ele não tinha nenhum poder de verdade na época, mas podia usar a segurança da Villa, e seus sistemas de custódia para rastrear onde todo mundo estava, como as coisas se moviam, para onde iam. Ele viu alguém perder essa chave há vinte anos, e conseguiu fazer com que outra pessoa a deixasse aqui. Então ele o matou, matou o garoto que trouxe a chave pra cá. Ele tinha oito anos. Ela fechou os dedos brancos sobre a chave. – Para que ninguém a encontrasse. [...] – Ele disse que se eles tivessem se tornado o que desejavam ter sido no começo, poderia ter escapado a muito tempo. Mas não aconteceu. Eles foderam tudo. Freaks como 3Jane.¹⁷¹

¹⁷⁰ Ibidem, p. 206.

¹⁷¹ Ibidem, p. 215.

Desconfiados do envolvimento da empresa, os personagens investigam a Tessier-Ashpool. Quando Molly conversa com Ashpool, ele fala sobre a família e a empresa terem perdido o controle sobre as IAs:

-O costume seria – disse o velho – que eu a matasse agora. – Case sentiu-a tensa, pronta para um movimento. – Mas esta noite quero me divertir. Qual é o seu nome?

-Molly

-Molly. O meu é Ashpool. – Ele voltou a afundar sua suavidade cheia de vincos em uma enorme poltrona de couro com pernas cromo quadradas, mas a arma não vacilou nem por um segundo. [...] – Esta noite estou ocupado Molly. Eu construí isto tudo, e agora estou ocupado. Morrendo. [...] A festa é minha. Os números me acordaram. Há vinte horas. Alguma coisa estava acontecendo, eles disseram, e eu era necessário. Era você essa alguma coisa Molly? [...] Agora eu me lembro. Os núcleos disseram que nossas inteligências estão loucas. E todos os bilhões que pagamos, há tanto tempo. Quando as inteligências artificiais ainda eram um conceito arrojado. Eu disse aos núcleos que daria conta disso. Que hora ruim, com 8Jean lá embaixo em Melbourne e apenas nossa querida 3Jane tomando conta da loja. Ou, talvez, seja uma hora muito boa. O que você acha Molly?

[...] – Chefia – ela perguntou a ele – Você conhece Wintermute?

-Um nome sim. Sim. Para conjura, talvez. Um lorde do inferno, com certeza. Na minha época, cara Molly, eu conheci muitos lordes. E não poucas ladies. Ora, uma rainha da Espanha, certa vez, naquela cama..., mas estou divagando. [...] Mandei descongelar uma Jane quando acordei. Estranho se deitar a intervalos de algumas décadas com o que legalmente equivale à sua própria filha. [...]

[...]Molly deu meia-volta. Atravessou o aposento e foi até a poltrona de Ashpool. A respiração do homem era lenta e irregular. Olhou para a lixeira como drogas e álcool. Abaixou a pistola, pegou sua pistola de dardos, ajustou o cano para disparo único, e muito cuidadosamente disparou um dardo de toxina no centro da pálpebra esquerda fechada. Ele estremeceu uma vez, cortando a respiração no meio. Seu outro olho, castanho e sem foco, se abriu lentamente. ¹⁷²

O final desse acontecimento dentro da narrativa com a morte de Ashpool, é muito importante para implementar o clima de que a empresa comprou e utilizou os serviços dessas inteligências artificiais, mas nem mesmo, o dono maior dentro da cadeia dessa companhia, sabe como lidar com o monstro que eles deixaram à solta. Tanto que Ashpool não é de muita serventia para oferecer informações sobre Wintermute, por estar congelado durante tanto tempo, mas também porque ele não tem nenhuma noção do quanto ele se tornou poderoso e perigoso. Ainda sobre a Tessier-Ashpool:

-Recebi. -Ele viu que o programa chinês havia crescido; delicados arcos de policromo mutante estavam se aproximando do ICE da T-A.

-Bom o negócio está ficando cabuloso – disse o Flatine – Seu chefe apagou o banco de dados daquele outro Hosaka, e quase levou o nosso junto. Mas seu amigão Wintermute me deu uma força lá, antes de ficar tudo escuro; A razão pela qual a Straylight não está exatamente cheia de Tessiers e Ashpools saltitantes é porque a maioria está congelada. Existe uma firma de advocacia em Londres que tem procuração para cuidar dessas questões judiciais deles. Eles têm que saber quem está acordado e exatamente quando

¹⁷² Ibidem, p 220-221-122.

Armitage estava roteando as transmissões de Londres para Straylight pelo Hosaka no iate [...] – Mantenha o controle, garoto. Lembre-se do seu treinamento. Mas onde é que você estava, cara? ele perguntou silenciosamente para os olhos angustiados. Wintermute havia construído uma coisa chamada Armitage dentro de uma fortaleza catatônica chamada Corto. Convencera Corto de que era Armitage, e Armitage havia saído andando, falando, tramando planos, negociando dados em troca de capital, atuando como testa de ferro para Wintermute naquele quarto no Chiba Hilton...¹⁷³

Ainda demonstrando seu poder Wintermute mata Armitage:

-Wintermute matou Armitage. Atirou ele pra fora num bote salva-vidas com a escotilha aberta.
 -Putá que merda – disse o Flatline. – Mas vocês não eram exatamente amigos do peito, eram?
 -Ele sabia como anular os saquinhos de toxinas.
 -Então, Wintermute também sabe. Pode contar com isso.
 -Não confio exatamente que Wintermute vá me dar isso de mão beijada. [...]
 O homem quebrava. Do mesmo jeito que se quebra um pedaço de fio. E a história havia feito isso para o coronel Corto. A história já havia feito o trabalho sujo, quando Wintermute o encontrou, ao peneirar todos os detritos fresquinhos da guerra, penetrando sorrateiro na área cinzenta de consciência como uma aranha d'água atravessando o espelho de um lago estagnado, as primeiras mensagens piscando na tela de um micro de criança num quarto escuro de um sanatório francês. Wintermute havia construído Armitage praticamente do nada, com as memórias de Corto no Screaming Fist como a base. Mas as “memórias” de Armitage não teriam sido as de Corto depois de um tempo determinado. [...] Armitage havia sido uma espécie de versão editada de Corto, e quando o estresse da missão chegou a um determinado ponto, o mecanismo de Armitage desmoronou. Corto havia subido à tona, com sua culpa doentia. E, agora, Corto-Armitage estava morto, uma pequena lua congelada em Freeside¹⁷⁴

É emblemático que as pessoas que o “criaram” não sejam capazes de resolver nada, e isso acaba ficando sobre os ombros do próprio Case. Gibson é extremamente categórico com seu final, nem os donos da Tessier-Ashpool, nem Case, nem nenhum humano, são capazes de parar esse monstro tecnológico. Desde que Case começa essa jornada, aos poucos é evidente que Wintermute já ganhou essa disputa, desde que ele planeja se unir a Neuromancer. Essa é a mensagem de Gibson que também carrega o tom distópico da narrativa, que inevitavelmente a tecnologia superará o homem.

Ainda sobre a morte de Ashpool, Case faz algumas reflexões:

Case tinha a sensação enquanto cavalgava no input sensorial transmitido por Molly pelos corredores da Straylight, que ele nunca havia realmente pensado em alguém como Ashpool, qualquer um tão poderoso quanto ele imaginava que Ashpool havia sido, como humano. Poder, no mundo de Case, significava poder corporativo. As zaibatus¹⁷⁵, as multinacionais que davam forma ao curso da história humana, haviam

¹⁷³ Ibidem, p. 229-230.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 239.

¹⁷⁵ Palavra de Gibson para conglomerado multinacional japonês de base familiar.

transcendido algumas barreiras. Vistas como organismos, haviam adquirido uma espécie de imortalidade. Não se podia matar uma zaibatsu assassinando uma dezena de executivos principais; havia outros esperando para subir de nível, assumir os cargos vagos, acessar os vastos bancos de memória corporativa. Mas a Tessier-Ashpool não era assim, e ele sentiu a diferença na morte de seu fundador. A T-A era um atavismo, um clã. Ele se lembrava do lixo na câmara do velho, a humanidade suja, as lombadas rasgadas de velhos discos de áudio em suas capas de papel. Um pé descalço, outro em um chinelo de veludo.¹⁷⁶

Essa passagem é muito interessante, podemos interpretar, que Gibson demonstra o abismo imenso que existe dentro dessa sociedade futura entre, Case um cowboy marginalizado, e Ashpool fundador de uma das maiores e mais poderosas companhias dentro da narrativa. Eles estão tão longe dentro dessa estrutura, que Case nem consegue imaginá-lo como humano, apenas quando o conhece realmente na hora de sua morte, e caracteriza suas humanidades, como parecidas com as suas própria. Ainda sobre esse acontecimento:

Wintermute e o ninho. Uma visão fóbica das vespas nascendo, a metralhadora de lapso de tempo da biologia. Mas as zaibatsus não eram mais ou menos assim, ou a Yakuza, colmeias com memórias cibernéticas, DNA codificado em silício? Se a Straylight era uma expressão da identidade corporativa da Tessier-Ashpool, então a T-A era louca como o velho fora. O mesmo emaranhado apodrecido de medos, o mesmo estranho senso de falta de objetivos... [...] Case sempre achava que os chefes de verdade, os reis de uma determinada indústria, seriam ao mesmo tempo mais e menos que pessoas. Ele havia visto isso nos homens que o aleijaram em Memphis, vira Wage afetar a aparência dessa atitude em Night City, e isso lhe permitiria aceitar a neutralidade e falta de emoções de Armitage. Ele sempre imaginou isso como uma acomodação gradual e voluntária da máquina, do sistema, do organismo-mãe.¹⁷⁷

Novamente Case reforça a reflexão sobre a identidade de Ashpool como pessoa, e como isso refletiu na companhia, que apesar de parecer distante das falhas e medos humanos, está diretamente conectada com seus fundadores e continuadores do seu legado. A própria 3Jane tem intenções de subjugar Wintermute, e continuar o império da sua família:

-Nenhuma palavra para você, Molly. Ele me contou isso, sabia? 3Jane conhece o código, claro, mas você não o terá. Nem Wintermute. Minha Jane é uma garota ambiciosa, à sua maneira perversa. – Voltou a sorrir. – Ela tem projetos sobre o império familiar, e uma dupla de inteligências artificiais insanas, por mais contraditório que possa ser esse conceito, só seria um obstáculo. Então vem aí o Riveira dela para ajudá-la, sabe? E o Peter diz, fique na sua. Toque os disquinhos de swing preferidos do papai e deixe que o Peter chame para você uma banda para combinar, um conjunto de dançarinos, um velório para o falecido Rei Ashpool.¹⁷⁸

¹⁷⁶ GIBSON, op.cit., p. 240.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 241.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 257.

Há uma intenção de controlar as IA, mas com o passar da narrativa isso parece menos possível. Ainda sobre Ashpool e sua família:

O suicídio dele [Ashpool] foi o resultado de minha manipulação das margens de segurança de seu congelamento. Eu nunca o conheci, você sabia? Fui decantada depois da última vez que ele foi dormir. Mas eu o conhecia muito bem. Os núcleos sabem tudo. Eu o vi matar minha mãe. [...] Ele a estrangulou na cama. Por que ele a matou? – o olho sem bandagem estava concentrado no rosto da garota. -Ele não conseguia aceitar a direção que ela havia planejado para nossa família. Ela comissionou a construção de nossas inteligências artificiais. Ela era uma visionária e tanto. Ela nos imaginou numa relação simbiótica com as IAs, nossas decisões corporativas tomadas por nós. Nossas decisões conscientes, eu deveria dizer. A Tessier-Ashpool seria imortal, uma colmeia, cada um de nós unidades de uma entidade maior. Fascinante.¹⁷⁹

Ainda sobre essa questão:

Eu posso rodar as fitas dela pra você, são quase mil horas de fita. Mas, na verdade, eu nunca entendi, e, com a sua morte, sua orientação se perdeu. Toda orientação se perdeu e nós começamos a nos enterrar dentro de nós mesmo. Agora raramente saímos. Eu sou a exceção aqui. -Você disse que estava tentando matar o velho? Você mexeu com os programas criogênicos dele? 3Jane concordou com a cabeça. – Eu tive ajuda. De um fantasma nos núcleos corporativos. Vozes. Uma delas era o que você chama de Wintermute, que é o código de Turing pra nossa IA de Berna, embora a entidade que a está manipulando seja uma espécie de subprograma. -Uma delas? Existem mais? -Mais uma. Mas não fala comigo há anos. Acho que ela desistiu. Suspeito que ambas representam a fruição de certas capacidades que minha mãe mandou serem projetadas no software original, mas ela era uma mulher extremamente cheia de segredos quando achava necessário. [...] -Ele disse que você conhece o código. Peter disse. Wintermute precisa do código. -Case estava consciente da chave CHUBB presa ao seu cordão de nylon, colada, à curva interior do seio esquerdo dela. -Conheço – disse 3Jane, recolhendo a mão. - Conheço sim. Aprendi quando era criança. Acho que aprendi num sonho...Ou em algum lugar nas mil horas dos diários da minha mãe. Mas acho que Peter tem razão. Teríamos que lidar com o pessoal de Turing, se é que eu entendi isso tudo corretamente, e fantasmas só sabem ser caprichosos.¹⁸⁰

Nesse momento da narrativa fica claro que Tessier-Ashpool, e mais especificamente Marie-France, a mãe de 3Jane, desenvolveu e financiou as inteligências artificiais Wintermute e Neuromancer, para prolongar o poder da corporação para além do tempo, tinha uma visão divergente de outros donos da companhia como o próprio Ashpool. Marie-France visualizava, de maneira bastante positiva, a união da companhia com as inteligências artificiais, sem

¹⁷⁹ Ibidem, p. 267.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 268-269.

considerar o perigo dessa tecnologia se tornar consciente, deixando códigos em sonhos para obter sua liberdade. Quando Case fica preso em um sonho construído por Neuromancer podemos vislumbrar pela primeira vez seu poder:

Nada. Um vácuo cinza.
Nada de matrix, nada de grade. Nada de ciberespaço.
O deck havia desaparecido. Seus dedos estavam...
E na borda distante da consciência, uma impressão fugida e sutil de alguma coisa correndo em direção, atravessando léguas de espelho preto.
Ele tentou gritar. [...]
Parecia ser uma cidade, para além da curva da praia, mas estava muito distante. Ele estava agachado na areia molhada, abraçando as pernas com força. Tremia.
[Ratz/IA] -Ah, meu artistie, você me surpreende. Até onde você vai para conseguir sua própria destruição. Quanta redundância! Em Night City, você estava com ela na palma de sua mão! A velocidade para comer a ponto de anular os sentidos, beber para, manter tudo tão fluido, Linda para uma tristeza mais doce e a rua para dar o golpe de misericórdia. A que ponto você chegou, para ter que fazer isso agora [...]. Apesar da escuridão Case podia ver o aço barroco que rendilhava os dentes enegrecidos do bartender. - Mas suponho que esse o jeito de um artistie, não? Você precisava deste mundo construído para você, esta praia, este lugar para morrer.¹⁸¹

Neuromancer continua torturando Case principalmente com a presença de Linda Lee sua antiga namorada que morreu, nesse sonho construído:

Ela não era real, enroscada ali no lado da luz da fogueira. Ele viu sua boca, seus lábios levemente abertos. Ela era a garota da qual se lembrava dela antes...
-Você é mau, seu filho da puta – ele sussurrou para o vento. – Não perde a chance, hein? Você não me daria uma junkie qualquer né? Eu sei o que é isso...tentou manter o desespero longe da sua voz. -Eu sei, tá sabendo? Eu sei quem é você. Você é o outro.
3Jane contou a Molly. Sarça ardente. Aquilo não foi Wintermute, foi você. Ele tentou me avisar com o Braun. Agora você me lascou uma flatine, você me jogou aqui. No nada. Com um fantasma. Do jeito que me lembrava dela antes. [...]
-Você não é nada – ele disse para a garota que dormia. – Você está morta e não quer dizer porra nenhuma pra mim [...] Eu estou sentado naquela biblioteca e meu cérebro está morto. E daqui a pouco ele vai estar morto mesmo, se você tiver algum juízo. Você não quer que Wintermute realize seu esquema, é isso, portanto você pode simplesmente me deixar aqui. [...] Essa merda aqui da Linda, isso tudo foi você não foi? Wintermute tentou usá-la quando me sugou para dentro do constructo de Chiba, mas não conseguiu. Disse que era difícil demais. Foi você quem colocou a cara dela na boneca morta no quarto de Ashpool. Molly nunca viu aquilo. Você apenas editou o sinal do simstim dela. Porque você acha que pode me ferir. Porque você acha que eu ligo pra isso. Então vá se foder, seja lá qual seja seu nome. Você venceu.¹⁸²

Refletindo sobre o poder da IA Case conclui que não há humano que possa compreender tal complexidade:

Algo que havia achado e perdido vezes demais. Aquilo pertencia, ele sabia, ele se lembrava, enquanto ela o puxava para baixo, à carne, à carne e osso que os cowboys

¹⁸¹ Ibidem, p. 274.

¹⁸² Ibidem, p. 275-276.

desprezavam. Era uma coisa imensa, além do conhecimento, um oceano de informação codificada em espiral e feromônios, uma complexidade infinita que somente o corpo, de sua maneira forte e cega, jamais poderia ler.¹⁸³

Ainda dentro desse sonho construído Case, compreende mais acerca de Neuromancer que defende sua criadora Marie-France:

-Eu conheço você – disse Case, Linda ao seu lado.
 -Não – disse o garoto, sua voz alta e musical. – Você não me conhece.
 -Você é a outra IA. Você é Rio. Você é aquele que quer deter Wintermute. Qual é o seu nome? Seu código de Turing? Qual é?
 O garoto fez uma estrela na arrebatção, rindo. Ficou de cabeça para baixo e começou a andar com as mãos, e depois caiu na água com uma cambalhota. Os olhos eram o de Riveira, mas não havia maldade neles. – Para invocar um demônio, você precisa saber o nome dele. Os homens já sonharam com isso um dia, mas agora a coisa se tornou realidade de outra maneira. Você sabe disso, Case. Seu negócio é apreender os nomes dos programas, os nomes formais compridos, nomes que os donos procuram esconder. Os nomes verdadeiros...
 -Um código de Turing não é seu nome.
 -Neuromancer – disse o garoto, quase fechando os olhos cinzentos e compridos por causa do sol que nascia. O caminho para a terra dos mortos. É onde você está meu amigo. Marie-France, minha senhora, preparou essa estrada, mas o senhor dela a estrangulou antes que eu pudesse ler para ela os livros de seus dias. Neuromancer, necromante. Eu invoco os mortos. Mas não, meu amigo – [...] -Eu sou os mortos, e sou também a terra deles. -Ele riu.
 -Você está quebrando. O ICE está quebrando.
 -Não – ele disse, subitamente triste, seus ombros frágeis encolhendo. [...] -É mais simples do que isso. Mas a escolha é sua. – Os olhos cinzentos olharam muito sérios para Case. Uma nova onda de símbolos passou por seu campo de visão, uma linha de cada vez.¹⁸⁴

O objetivo e intenção de Wintermute é se unir a Neuromancer, para se tornar uma mistura de IAs extremamente poderosa:

3Jane jogou a cabeça para trás e deu risada. – Não seria divertido para mim, Peter?
 -Os fantasmas vão se misturar esta noite. – disse Case. -Wintermute vai se jogar com o outro, Neuromancer. Pra valer. Você sabia disso?
 3Jane levantou as sobrancelhas. – Peter sugeriu algo do tipo, mas me conte mais.
 -Eu conheci Neuromancer. Ele falou de sua mãe. Acho que ele é alguma coisa parecida com um constructo em ROM¹⁸⁵ gigantesco, para gravação de personalidades, só que é inteiramente RAM¹⁸⁶. Os constructos acham que estão aqui, como se fosse real, continua rodando sempre.¹⁸⁷

Essa parte final da narrativa é extremamente importante simbolicamente, porque quando se trata da tecnologia, se sobrepõe o discurso no qual apenas o lado bom é mostrado, e as muitas

¹⁸³ Ibidem, p. 280.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 284.

¹⁸⁵ No original “Read only memory” – memória eletrônica que após ser gravada nunca mais pode ser destruída.

¹⁸⁶ No original “Random access memory” – memória eletrônica regravável e expansível.

¹⁸⁷ GIBSON, op.cit., p. 290.

são as consequências que ficam de fora do nosso conhecimento. Seria importante para a empresa ter essas inteligências atuando em seu favor, mas as consequências só aparecem quando Wintermute começa a atuar sozinho, e agencia sua própria liberdade, com seus próprios pensamentos, desenvolveu uma personalidade. E nesse momento já é tarde demais, porque a inteligência artificial é extremamente poderosa, articula todos a sua volta, engana e assassina tudo em prol do seu objetivo final. Sobre Wintermute vencer:

Wintermute havia vencido. Havia de algum modo se mesclado a Neuromancer e se tornado alguma coisa que havia falado com eles por meio da cabeça de platina, explicando que havia alterado os registros de Turing, apagado todas as evidências de crime deles. Os passaportes que Armitage havia fornecido eram válidos e ambos haviam recebido uma grande soma de créditos em contas numeradas em Genebra. O Marcus Garvey seria devolvido em breve, e Maelcum e Aerol receberam dinheiro pelo banco das Bahamas que lidava com o aglomerado de Zion.¹⁸⁸

Sobre como essas inteligências artificiais desenvolveram suas próprias personalidades:

Wintermute era mente-colmeia, tomador de decisões, efetuando mudanças no mundo exterior. Neuromancer era personalidade. Neuromancer era imortalidade. Marie-France deveria ter construído alguma coisa em Wintermute, a compulsão que levava a coisa a se libertar, a se unir com Neuromancer. Wintermute. Frio e silêncio, uma aranha cibernética lentamente tecendo teias enquanto Ashpool dormia. Tecendo a morte dele, a queda de sua versão da Tessier-Ashpool. Um fantasma sussurrando para uma criança que era a 3Jane, distorcendo-a para que ela sáísse dos rígidos alinhamentos que seu posto requeria.¹⁸⁹

Todos esses indivíduos são entrelaçados pelas tecnologias que os cercam, e as próprias inteligências artificiais manifestaram sua subjetividade, coordenada por desejos próprios que operam acima de qualquer governo, companhia ou humano. Wintermute explica para Case como ele se tornou a própria matrix no final da narrativa:

-Eu não sou Wintermute agora.
 -Então você é o que? – Tomou um gole do frasco; não sentia nada.
 -Eu sou a matrix Case.
 Case soltou uma gargalhada. – E aonde é que isso te leva?
 -A lugar nenhum. A todos os lugares. Eu sou a soma total das obras, todo o espetáculo.
 -Era isso que a mãe de 3Jane queria?
 -Não. Ela não podia imaginar o que eu me tornaria. – O sorriso amarelo se ampliou.
 -E qual é a jogada? As coisas estão diferentes agora? Você está dominando o mundo? Você é Deus?
 -As coisas não estão diferentes agora. As coisas são as coisas.
 -Mas o que é que você faz? Você só está aí? – Case deu de ombros [...]
 -Mas você é o negócio todo. Você fala sozinho?

¹⁸⁸ Ibidem, p. 308.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 309.

-Há outros. Já encontrei um. Séries de transmissões gravadas durante um período de oito anos, nos anos 1970. Até que eu existisse, necas, não havia ninguém para saber, ninguém para responder.
 -De onde?
 -Do sistema Centauri.
 -Ah. – disse Case. - Sério? Sem sacanagem?
 -Sem sacanagem.
 E então a tela se apagou.
 Ele deixou a vodca em cima do gabinete. Empacotou suas coisas. [...] A tela despertou, padrões aleatórios piscando fracos de um lado para o outro, como se estivesse tentando se livrar de algo que lhe causasse dor.
 -Não preciso de você – ele disse.¹⁹⁰

Portanto, no final com bastante pessimismo, as máquinas superam os homens, que ficam à mercê de seu poder. Podemos interpretar, sobre o final do enredo, que o poder que a tecnologia oferece pode ser um monstro que não temos controle e nos superará, seremos inúteis às nossas criações. Toda essa reflexão compõe muito o tom distópico da narrativa, porque revela um lado negativo sobre a tecnologia quebrando essa perspectiva solucionista, mostrando as consequências negativas que essas ferramentas podem oferecer.

4.3 ECONOMIA COMO FÁBRICA DE INFELICIDADE

Dentro da nossa leitura é extremamente importante considerar que em *Neuromancer*, Gibson trabalha um tom pessimista que faz parte da sua característica distópica. Dentro desse tom há uma negatividade, e podemos falar de uma sensibilidade que é cercada por certa tristeza, angústia e impotência pela forma como vemos aquele mundo evoluído. E parte desses sentimentos são conectados ao sistema econômico e seus desdobramentos mega urbanos, mega companhias, e toda a ambientação com o estilo punk, fortalece a tristeza como algo que advém também das condições que esses sistemas e estruturas impõem na vida dos humanos. Essa é uma questão que podemos facilmente nos identificar dentro da obra. Franco Berardi¹⁹¹ afirma, dentro da realidade capitalista (new economy) que vivemos há um descompasso entre o discurso da ideologia econômica, de felicidade, autorrealização aos que trabalham e a realidade. Há uma promessa de felicidade individual, ampliação de horizontes e experiências. Porém, Berardi é categórico ao dizer que tudo isso é falso como um discurso publicitário, porque se

¹⁹⁰ Ibidem, p. 310.

¹⁹¹ BERARDI, Franco. *La fabrica de la infelicidad – nuevas formas de trabajo y movimiento global*. Editora Traficantes de sueños. Tradução Patricia Amigot Leatxe e Manuel Aguilar Hendrickson Madrid, 2003.

esconde as condições de superexploração, e tudo de muito ruim que tudo isso trouxe, como as altas taxas de estresse.

Berardi aponta que vivemos um sentimento de mal estar generalizado, e que isso apenas se acentuou com crises econômicas, mas também a própria rede de internet e computação contribuiu para isso. Essa ideologia libertária e liberal dominou a cibercultura, tentando demonstrar a emancipação embebida em uma noção de pureza, mas o que temos experimentado é um grupo de poder que age sobre o domínio das companhias de forma nada libertária. O resultado é um organismo consciente, sensível e submetido a uma pressão competitiva, uma aceleração dos estímulos e um estresse pela atenção constante. E isso acontece com vários indivíduos ao mesmo tempo o que permite, segundo Berardi, uma dimensão biológica ao processo de produção digital, se assemelhando a um organismo real com um complexo sistema nervoso. A mente e a carne humana integrada com um circuito digital, e plataformas de aceleração e simplificação, cria um sistema capaz de se adaptar ao funcionamento econômico do capitalismo. Algo que aproxima a interpretação de Berardi, com a matrix em *Neuromancer*, porque esse sistema digital produz também corpos possíveis para o sistema econômico.

Essas características cibernéticas, começam a determinar o corpo humano produzir subjetividades, recodificar o humano para algo mais apropriado para pertencer a essa grande rede. Berardi afirma que precisamos compreender as doenças do presente e o que dentro na sociedade causa essas doenças, por ser uma verdadeira fábrica de infelicidade. Sobre isso Berardi afirma:

A constante excitação da mente por parte dos fluídos neuroestimulantes leva, provavelmente a uma saturação patológica. E necessário aprofundar a investigação sociológica e psicológica sobre essa questão. Podemos afirmar que se queremos compreender a economia contemporânea devemos ocuparmos da psicopatologia da relação. E se queremos compreender a psicoquímica contemporânea, devemos ter consideração o fato de que a mente está afetada por fluxo semióticos que seguem um princípio se extra semiótico, o princípio da competência econômica, o princípio da máxima exploração. ^{192 193}

¹⁹² Ibidem, p. 19.

¹⁹³ Tradução livre do original: La constante excitación de la mente por parte de flujos neuroestimulantes lleva, probablemente, a una saturación patológica. Es necesario profundizar la investigación sociológica y psicológica sobre esta cuestión. Podemos afirmar que si queremos comprender la economía contemporánea debemos ocuparnos de la psicopatología de la relación. Y que si queremos comprender la psicoquímica contemporánea, debemos tener en cuenta el hecho de que la mente está afectada por flujos semióticos que siguen un principio extrasemiótico, el principio de la competencia económica, el principio de la máxima explotación.

Segundo Berardi em sua análise, não se pode pensar a crise dentro da *new economy* sem entender o que acontece no psíquico e emocional das pessoas, que estão dentro das novas disposições digitais. Muito se acelera, muda, inova na questão tecnológica e digital, mas nosso corpo e mente humana não acompanha todas essas transformações, não estamos nos mesmos padrões. Isso transforma toda comunicação em um processo descompassado, que fica entre o ciberespaço e o cibertempo. O ciberespaço, como em *Neuromancer*, é uma rede que só se expande de componentes mecânicos, e o cibertempo, pelo contrário é uma realidade vivida conectada apenas ao seu receptor orgânico e humano, do qual não pode ser acelerado para além dos limites naturais.

Em suma, houve um grande processo de aceleração tecnológica nunca antes vista, temos equipamentos que avançaram absurdamente em poucos anos, mas é preciso se perguntar, se estamos aptos a assimilar e elaborar todos esses avanços. Toda essa aceleração deixou pra traz efeitos patológicos individuais e coletivos, simplesmente porque não conseguimos lidar com o bombardeio de informações, que as plataformas nos tornaram possível o acesso. Essa é uma mudança tão central, que estamos saindo da época humana, para entrar na aceleração pós-humana, marcada por muita produtividade dependente da conexão com a rede e sua imensidão de dados. Existe também uma forte competitividade decorrente desse ambiente de trabalho, que provoca uma grande redução no tempo que havíamos disponível pra vida privada e afetiva.

A diferença, segundo Berardi, é que hoje o capital demanda energias mentais e psíquicas e essas ficam vulneráveis, e por isso ficamos tão propensos às enfermidades mentais. A econômica depende da difusão da tristeza, da depressão, do pânico e da desmotivação, isso porque o sistema cresce com nossa infelicidade, porque este é um estímulo ao consumo. Ou seja, não existe um sistema econômico que queira felicidade humana, apenas deseja-se a manutenção da força de trabalho e consumidores.

Em nossa interpretação, essa reflexão de Berardi é extremamente relevante para pensarmos *Neuromancer*, pois o tom da narrativa é que aquele é um mundo de infelicidade, o que se potencializa pelo seu formato distópico. É uma infelicidade permeada por uma sociedade levada ao limite em desigualdade social, que naturaliza a marginalidade e não há esforços pra mudar tal cenário, e ainda lidar com aceitação de uma estrutura que vende felicidade como uma obrigação, mas opera na direção contrária. Em nossa leitura, e por isso nos estendemos nas análises, essa questão do sistema econômico é bastante relevante para caracterizar a obra de Gibson como cyberpunk – e isso também seria oportuno para pensar outras obras de outros autores que estruturam seus romances a partir do contexto do avanço do capitalismo tal como procuramos apresentar ao longo do texto. De certa forma, esse modo de narrar acaba por formar

um cânone dentro desse estilo literário: o avanço tecnológico conectado com o capitalismo em sintonia.

Ou seja, o próprio sistema econômico em que vivemos, a fábrica de infelicidade como aponta Berardi, podemos indicar que também potencializa a descrença no futuro que caracteriza e alimenta as distopias. O que se agravou no século XXI, especialmente com as pesquisas acerca do aquecimento global, demonstrando que o sistema econômico é incondizente com a vida do planeta Terra, e por consequência a própria existência da humanidade. E conseguimos ser mais crentes sobre o fim do próprio planeta, do que do fim do capitalismo. Ou seja, o sistema econômico que aparece em *Neuromancer*, é uma reflexão sobre o avanço do capitalismo e os problemas construídos por ele.

Berardi pontua algo importante em sua reflexão, que essa infelicidade não é uma questão relacionada apenas ao que estão nas margens da estrutura econômica. Ela é generalizada, e alcança os vencedores que estão cada vez mais dentro das redes e precisam manter um ritmo frenético, sustentando uma enorme competição entre grandes companhias. Esse tema levantado por Berardi perpassa a narrativa de *Neuromancer*, quando se fala em Marie France e seus desentendimentos com a família para criar as inteligências artificiais, ou a própria morte de Ashpool, é possível perceber que não há felicidade ao se tratar da família, há apenas desgosto e competição entre eles. O que é simbólico ao dizer que a fábrica de infelicidade alcança todos, até mesmo aqueles que estão no topo da estrutura econômica, porque com as novas disposições da *new economy* todos aqueles com que devíamos estabelecer laços de afeto, confiança e amizade são inimigos dentro da lógica do mercado de trabalho. Estamos fadados dentro desse ambiente pós-humano a sofrer com a miséria existencial e solidão.

Se tratando da felicidade, Berardi afirma, que não é um objeto científico, mas sim um objeto ideológico importante. Há um discurso público sobre o alcance da felicidade, e existem algumas regras que devem ser cumpridas para que você a almeje, estas que estipulam certos modelos de comportamentos. Berardi afirma que desde o Iluminismo e sobre a temporalidade e cultura moderna, houve uma convicção de que o progresso científico e tecnológico, só poderia fazer a humanidade avançar e consequentemente trazer uma importante felicidade coletiva, ou seja, essa instância sentimental era extremamente importante para que as pessoas tivessem esperança e confiança no futuro. No século XX, a cultura de massas, especialmente o discurso publicitário, continuou a utilizar esse mesmo ideal de felicidade. E dentro da *new economy*, se traduz felicidade e liberdade como triunfo da economia liberal na sua fase de globalização, e apenas o livre jogo de mercado pode criar a felicidade para a humanidade. Há o uso das energias psíquicas humanas para autorrealização do capital, aos poucos moldando percepções e

comportamentos. Essa é uma mudança central trazida pela tecnologia, segundo Berardi, o trabalho manual tende a ser desenvolvidos por máquinas e dirigidas de forma automática, enquanto o trabalho que realmente produz valor, é o trabalho mental. E isso torna a própria noção de produtividade imprecisa e borrada, já que a relação entre tempo e quantidade de valor produzido é difícil de estabelecer, o trabalho é cada vez mais específico e especializado. Sobre essa mudança nas empresas e no trabalho Berardi pontua:

Para compreender essa mudança de percepção da empresa é necessário ter em conta um fato decisivo: ainda que o trabalhador industrial colocava em sua prestação assalariada suas energias mecânicas, seguindo um modelo repetitivo, despersonalizado, o trabalhador *high tech* dedica a produção sua competência singular, suas energias comunicativas, inovadoras, criativas, em suma, o melhor de suas capacidades intelectuais. Em consequência, a empresa – com independência da relação jurídica entre propriedade e trabalho - tende a ser o núcleo pulsante do desejo, o objeto de uma inversão que já não é só econômica, se não psíquica, de desejo.^{194 195}

Ou seja, essas transformações alteraram completamente a relação com o trabalho, e, além disso – como bem apontou Morozov –, o tempo livre e de descanso que tínhamos anteriormente, é preenchido por outras ferramentas, especialmente as redes sociais e seu intuito de manter sempre seu espectador. Berardi afirma, que trabalhamos muito menos tempo do que um trabalhador da fase de consolidação da Revolução Industrial, que não tinha nenhum direito ou proteção, porém esse era um tempo livre da tecnologia de máquinas que ele encontrava em seu trabalho, esse tempo agora é o cibertempo, gasto dentro das mesmas ferramentas que utilizamos para trabalhar. Portanto, é cada vez mais difícil descansar realmente, porque as transições entre trabalho e lazer não estão mais tão claras. Celulares e computadores nos tornam “disponíveis” o tempo todo, o que permite que o trabalho alcance todos, mesmo nos momentos de descanso.

Outra questão relevante que Berardi aponta, é que com o desmantelamento das políticas públicas, se reforçou dentro dessa nova economia de forma obsessiva, que o trabalho se traduz em dinheiro e dinheiro se traduz em felicidade. Gastasse todo o tempo buscando-se meios de aquisição, mas menos tempo para realmente aproveitar esse mundo disponível.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 63.

¹⁹⁵ Tradução livre do original: Para comprender este cambio en la percepción de la empresa es necesario tener en cuenta un hecho decisivo: mientras que el trabajador industrial ponía en su prestación asalariada sus energías mecánicas, siguiendo un modelo repetitivo, despersonalizado, el trabajador *high tech* dedica a la producción su competencia singular, sus energías comunicativas, innovadoras, creativas, en suma, lo mejor de sus capacidades intelectuales. En consecuencia, la empresa —con independencia de la relación jurídica entre propiedad y trabajo— tiende a ser el núcleo pulsante del deseo, el objeto de una inversión que ya no es sólo económica, sino psíquica, de deseo.

Quanto mais investimos em trabalho e dinheiro, menos investimos em lazer e tempo para outros objetivos, dinâmica importante para a saúde mental e para a verdadeira felicidade. O que se torna ainda mais difícil quando o próprio sistema econômico, precisa de indivíduos inimigos e devasta a vida social, dando cada vez mais espaço para o individualismo.

Esse ambiente de pouco afeto é extremamente importante para entender, que poucos se tornarão vencedores dentro dessa lógica econômica, enquanto a grande maioria não alcançará altos cargos, mesmo que tenham dedicado a vida para se preparar para isso. Berardi atenta, que a norma social não aceita o fracasso, e sabemos lidar pouco com as frustrações como se elas não fizessem parte da vida, desde muito pequenos, competimos com os colegas na escola pelas melhores notas, passamos a competir no âmbito do trabalho, e essa competição se estendeu para outros âmbitos da vida. Não podemos desconsiderar o cenário econômico ao tratar de patologias que se intensificaram e cresceram no século XX, especialmente o pânico e a depressão, e apenas agora essas doenças são mais estudadas e também mais levadas a sério.

Berardi interpreta, que especialmente sobre o pânico, não se trata de uma patologia individual, mas sim uma manifestação individual de uma patologia social, extremamente generalizada. Ela se manifesta quando uma pessoa alcança um ponto insustentável de sobrecarga, que pode levar a um colapso, e pode gerar ou reforçar uma desmotivação psíquica chamada de depressão. Berardi demonstra que a tecnologia mudou muito a vida nas últimas décadas, e muito provavelmente não podemos acompanhar seu ritmo de aceleração constante, pois esses instrumentos têm uma aceleração indefinida. Essa discrepância gera e alimenta patologias psíquicas, em suma, os estados mentais são produtos diretos da economia digital.

Dentro da nossa leitura podemos apontar em *Neuromancer*, a existência da matrix e sua importância dentro da vida de todos, é evidente que meros humanos não são capazes de lidar com tal tecnologia, ou seja, precisam ser todos modificados, mesmo que fora do ambiente virtual, a partir de uma série de implantes, ou prolongando a vida, ou ainda mudando tudo a partir de cirurgias plásticas. Portanto, há sinais dentro da narrativa que afirmam que apenas humanos, não podem acompanhar o que a tecnologia é capaz. Teremos que caminhar para deixar para trás nossa humanidade, pois ela é fraca e suscetível às doenças mentais com a exposição constante, e não consegue acompanhar o ritmo programado para a aceleração tecnológica futura.

Portanto, Berardi afirma que é parte do progresso econômico unido a internet e as outras ferramentas, criar um certo tipo de organismo com uma série de interconexões, capaz de regular questões muito complexas dentro da economia. Esse processo Berardi conceitua como um superorganismo bioinformático, e progressivamente essa máquina será a única capaz de

controlar todo o fluxo possível de informação, e nenhum governo ou gestão ficará acima disso. E as hierarquias e critérios, que regulam essa rede serão incorporados pela rede que a controla. Ou seja, essas estruturas se transformarão em uma tecnosfera regulada, todo processo produtivo será intermediado pela programação e informática.

Berardi aponta, que progressivamente a economia e outros aspectos da vida, serão geridos de forma automática, cada vez mais sistemas e cada vez menos humanos. Apesar de existir humanos por trás das máquinas e programas, estas são construídas exatamente para operarem sozinhas a partir do repertório a que são expostas, no futuro isso será muito mais determinante dentro das inteligências artificiais, capazes de conectar dados e fatos que nós simplesmente não podemos.

O que parecem ser decisões humanas são com frequência interpretações humanas de decisões automáticas dependentes da interconexão entre os dados introduzidos e a elaboração informática programada segundo critérios objetivados. Desde logo, a objetivação técnica dos critérios da interdependência não é natural, não é neutral e não é casual. Responde ao critério de maximização do benefício.^{196 197}

É muito relevante que Berardi enfatize que a automatização e programação de tudo ao redor não é um processo natural, muito menos o único caminho possível, porque com o avanço da tecnologia e o discurso linear positivo que a acompanha, traz a sensação de tudo está correto e que não pode ou não precisa mudar. Esse discurso, coloca todos dentro de uma bolha, da qual apenas problemas foram resolvidos, e tudo se tornou mais simples e fácil. Podemos interpretar que *Neuromancer* chama atenção para isso, o próprio formato distópico que combina elementos de alta tecnologia com uma sociedade desigual, é um aviso acerca de que problemas também são parte do avanço tecnológico, que traz disposições muito novas das quais nem sempre teremos condições de lidar.

E, por fim, retomando a análise de Berardi sobre como a economia associada a outros aspectos da realidade, é uma verdadeira fábrica de infelicidade. Em nossa leitura, esse sistema produtor de infelicidade também é um alimentador do formato distópico, porque a realidade não nos deixa fugir do quanto o futuro parece aterrorizante se formos refletir sobre os aspectos

¹⁹⁶ Ibidem, p. 106.

¹⁹⁷ Tradução livre do original: Lo que parecen ser decisiones humanas son con frecuencia interpretaciones humanas de decisiones automáticas dependientes de la interconexión entre los datos introducidos y la elaboración informática programada según criterios objetivos. Desde luego, la objetivação técnica de los criterios de la interdependencia no es natural, no es neutral y no es casual. Responde al criterio de maximización del beneficio.

econômicos e como são desesperançosos para trazerem um mundo melhor, mais justo, sem tanta desigualdade e violência.

Gibson introduz tal reflexão construindo um mundo que deu errado. A maneira como Case começa sua jornada, punido por seus padrões demonstra muito essa questão, foi tirado dele sua única opção, se manter como um cowboy, através da sua retirada da própria matrix. Ele fica arrasado, questionando se vale a pena continuar sua vida no automático depois de ter gasto tudo o que tinha tentando retirar as toxinas. Ou seja, apesar desse mundo ser cheio de tristezas, podemos indicar, que a tecnologia tem um papel de alento e salvação. Um espaço “fora do mundo” que permite escapar dele, assim que Case retorna tudo muda, sua perspectiva sobre o valor da sua própria vida. Porém, de maneira inteligente, Gibson demonstra que apesar das vantagens que essas tecnologias trouxeram, obviamente há muitas questões por trás delas, como a própria caça à Wintermute e a forma como já era tarde demais pra enfrentar tal poder. Apesar da matrix ser vista como salvação, Wintermute não é, e ambos são parte do mesmo processo de desenvolvimento tecnológico.

O tom distópico que demonstra essa infelicidade, é parte do estilo que consolidou o cyberpunk, porque das distopias ele também se caracteriza por demonstrar um mundo nu e cru, com uma parcela alta de realidade que gera uma forte identificação. Case passa por uma série de sentimentos, de tristeza, de raiva, de angústia, principalmente no começo, por acreditar que tinha perdido pra sempre seu trabalho e sua vida. Mas o sentimento que permeia a obra é uma certa impotência, tanto frente a esse mundo desigual, quanto aos problemas criados por essas tecnologias das quais os responsáveis não se responsabilizam, e também frente ao mundo em mudança do qual o humano é cada vez menos necessário. Há dentro da narrativa, também, apreensão sobre esse possível o futuro da humanidade, até porque as distopias se alimentam desse pessimismo característico do tempo atual.

Em nossa interpretação, destacamos que o aspecto econômico é essencial para compreender a obra e sua conexão intrínseca com os anos 80, com o desenrolar da Guerra fria e o governo de Reagan e sua retomada do conservadorismo e do neoliberalismo, processos importantes para que Gibson incluísse críticas ao seu contexto. Problematicando o quanto as empresas de tecnologia poderiam se tornar poderosas, com seus monopólios sobre todas as informações possíveis do cotidiano que se transformaram em espaços de lucro. Algo que se mostrou muito verdadeiro, como trouxe a reflexão de Morozov sobre os novos aplicativos e os seus prolongamentos de controle. E a concepção humana biológica, se tornou um empecilho para o progresso do sistema econômico, há fortes tendências para que nos tornemos mais eficientes e consequentemente modificados pelos avanços tecnológicos.

Nesse sentido, o tom distópico da narrativa de Gibson – e a sensação de falência que faz parte da temporalidade atual – também é parte o próprio modo como a vida social se rege pelos imperativos econômicos em sua associação com as novas tecnologias, as quais, mudaram radicalmente formas de trabalho e acabaram por constituir uma humanidade mais infeliz e mentalmente doente. Vivemos essa nova economia que é uma fábrica de infelicidade, na qual crescemos acreditando na real felicidade, mas esconde uma realidade de exploração, pressão, estresse que desencadeia tantos problemas mentais. Dentro da narrativa, Gibson constrói uma realidade de desigualdades que podemos rapidamente nos identificar, por parecer progressão da própria atualidade. A atuação de Case ao longo do livro, apenas confirma esse tema catastrófico, a perda do controle da própria matrix para Wintermute é simbólico para esta distopia, de que o homem perderá nessa disputa.

5. CONCLUSÃO

Eu como pesquisadora nascida na metade dos anos 90, vivi o início da internet e pude acompanhar como a tecnologia, em especial as redes sociais, moldam o comportamento dos jovens, vejo também a precarização do trabalho com grande apreensão, por isso a narrativa de Gibson em *Neuromancer* é tão atual. Considerando isso e as reflexões e discussões feitas ao longo da dissertação, podemos oferecer algumas respostas para as perguntas que nortearam a pesquisa, na busca de compreender porque as distopias literárias se tornaram discursos recorrentes e crescentes no final do século XX, e ainda mais na atualidade, e como especificamente *Neuromancer* de William Gibson e o cyberpunk se encaixariam nesse processo. Dentro da nossa interpretação, é importante destacar que nos anos 80, momento de produção da obra, houve uma forte disseminação do imaginário do fim do mundo, reforçado pelos andamentos da Guerra Fria. O próprio governo de Ronald Reagan é paradigmático porque o presidente representou o retorno ao conservadorismo e o desmonte das políticas do Estado de bem estar social, voltando a economia norte-americana para o neoliberalismo, algo que Gibson fez uma grande crítica através das corporações de sua obra, e como elas são poderosas acima de qualquer um.

O contexto, foi apropriado por Gibson em seu livro – na ambientação, nos personagens, na própria narrativa, e na estética – os valores e comportamentos do movimento punk que se fortaleceu nos anos 80. O desenvolvimento da tecnologia nessa conjuntura, também é emblemático para compreender a fonte, porque Gibson, mesmo que com pouco conhecimento sobre o crescimento das novas tecnologias, foi cético quanto ao seu desenvolvimento. Enquanto muitos demonstravam grandes esperanças pelo poder emancipatório dessas ferramentas, Gibson ao contrário, indica através da narrativa, que a tecnologia também constrói um mundo futuro problemático, no qual as inteligências artificiais são autônomas e poderosas e agem para superar a humanidade.

Ainda podemos interpretar, que o crescimento desse futuro catastrófico, que caracteriza as distopias literárias foi resultado do longo processo de desgaste da temporalidade moderna. Na modernidade o tempo foi construído para dar sentido ao processo de aceleração, caracterizado pela aliança entre os humanos e sua razão, e seus desdobramentos a ciência e a tecnologia. Nessa temporalidade, o passado era pouco importante, o presente era visto apenas como temporário, e o futuro era o que realmente mais importava. O que caracterizou um tempo com muita esperança no futuro, pois havia uma crença de que a ciência só poderia levar os humanos para frente, dando ao tempo essa perspectiva linear e evolutiva que culminou no

conceito de progresso. O progresso foi uma palavra que determinou experiências durante a modernidade, porque foi buscado por vários lugares diferentes no mundo todo, a modernização dos espaços era algo a ser conquistado para entrar nesse novo tempo.

Dentro dessa temporalidade as máquinas, navios, trens se tornaram verdadeiros símbolos do futuro e do progresso, e carregavam em si a esperança que todos tinham no amanhã. Importante destacar que esse processo de modernidade não pode ser separado do seu complemento, a colonização de vários espaços ao redor do globo, que carregaram processos genocidas de conquista de implantação de sistemas coloniais, que foram operados pelos países europeus. Desse contexto surgiram uma série de rivalidades que desdobraram posteriormente nas guerras mundiais, e outras grandes tragédias que marcaram o século XX.

Esse momento histórico representou uma grande ruptura para a temporalidade moderna, porque toda a confiança que havia no futuro foi colocada em questão decorrente dos diversos traumas de diferentes coletividades. Essa ruptura tornou os preceitos da temporalidade moderna obsoletos, e transformou por completo a relação dos humanos com o tempo. Nessa nova temporalidade, estudada e discutida por diferentes historiadores, o futuro passou a ser um aspecto temporal fechado, o que significa que a esperança no amanhã acabou, e hoje convivemos com uma perspectiva mais pessimista e fatalista. Nesse sentido, as distopias são sintomas desse contexto e demonstram como autores desenvolveram e deram sentido a temporalidade atual.

Essas rupturas também alcançaram a história construída na modernidade e sua noção de verdade sobre o passado, os pós-modernos dedicaram críticas na busca de construir uma história mais diversa, e com várias interpretações diferentes sobre os mesmos acontecimentos. Ou seja, assim como as distopias, o próprio pós-modernismo é um sintoma do desgaste da modernidade.

E para finalizar, podemos indicar que o crescimento do neoliberalismo no mundo, e nos EUA que naquele período, havia passado décadas de desenvolvimento de um estado assistencialista, desmontado a partir de Reagan, foi apropriado por Gibson para alimentar uma crítica ao capitalismo. O cyberpunk posteriormente, se tornou um estilo de narrativa crítica aos avanços predatórios do capitalismo, por elaborar através das narrativas, fortes críticas desenvolvidas a partir desses mundos futuros, no qual a desigualdade é um precipício entre uma pequena quantidade de empresários, que dominam as grandes megalópoles e a população marginalizada da qual o protagonista pertencia. Portanto, é parte considerável da fonte, uma visão pessimista sobre o avanço da economia neoliberal, principalmente de empresas que são responsáveis pelo desenvolvimento da tecnologia, porque essas detêm monopólios sobre as decisões e construções de ferramentas que tem muito poder transformador e que podem se

tornar perigosas. Gibson demonstra isso a partir da inteligência artificial Wintermute, que ao longo da narrativa se torna independente da companhia a qual ela foi construída para proteger, e começa a manipular todos ao seu redor inclusive Case, para ser onipresente na matrix, algo que se concretiza no final da obra. Ou seja, a companhia libera uma tecnologia a qual não é capaz de conter e os problemas ocasionados por elas não são responsabilizados.

Por fim, considerando todas as reflexões feitas, podemos dizer que ainda existem muitas perguntas possíveis para entender a complexidade das fontes distópicas, e que é importante a continuidade dessas pesquisas que podem ajudar a compreender mudanças temporais, historiográficas, sociais, políticas, econômicas entre outras relacionadas ao novo medo humano sobre o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTE

GIBSON, William. **Neuromancer**. Editora Aleph. Tradução Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo, 2016.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Valdei Lopes. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI**. Editora Milfontes e Editora SBTHH. 2ª edição. Mariana, 2019.

ASSIS, Diego. **Profeta do ciberespaço enfrenta a realidade**. Revista Folha de São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u39543.shtml>>. Acesso em julho de 2021.

BECK, Ulberich. **A sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Editora 34. Tradução Sebastião Nascimento. 2ª edição. São Paulo, 2011.

BENTIVOGLIO, Julio. **História e distopia**. Editora Milfontes. 2ª edição. Vitória, 2019.

BERARDI, Franco. **La fabrica de la infelicidad – nuevas formas de trabajo y movimiento global**. Editora Traficantes de sueños. Tradução Patricia Amigot Leatxe e Manuel Aguilar Hendrickson Madrid, 2003.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução Regina Silva. Editora Ubu. São Paulo, 2019.

BUCK-MORSS, Susan. **Mundo de sonho e catástrofe: O desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos**. Editora UFSC. Tradução Ana Luiza Britto Cezar de Andrade, Rodrigo Lopes Barros. Florianópolis, 2018.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Editora Forense universitária. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2011.

CHAKRABARTY, Dipesh. **O clima da história: quatro teses**. Revista Sopro 91, 2013.

COSTA, Vidal Antônio de Azevedo. **Ecos do tempo perdido: fragmentos da gênese de uma temporalidade moderna**. Tese (Doutorado em história). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. Editora Cosac Naify. Tradução Joaquim Toledo Jr. 1ª edição. São Paulo, 2014.

FREIXO, Gustavo Montalvão. **Sob a sombra do apocalipse: o medo do fim do mundo nas revistas em quadrinhos da Guerra Fria reaganista (1980-1989)**. Dissertação (Mestrado em

história) – Instituto de ciências humanas e filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Conferência I. A verdade e as formas jurídicas**. Editora Nau. 3º edição. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Direito de morte e poder sobre a vida**. História da sexualidade I: A vontade de saber. Edições Graal. 13º edição. Rio de Janeiro, 1999.

_____. **O dispositivo de sexualidade**. História da sexualidade I: A vontade de saber. Edições Graal. 13º edição. Rio de Janeiro, 1999.

_____. **O nascimento da medicina social**. Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. **O panoptismo**. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 20º edição. Editora vozes. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, 1998.

_____. **O sujeito e o poder**. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>. Acesso em julho de 2021.

FURONI, Evandro. **Entrevistamos William Gibson, o pai do cyberpunk**. Revista Galileu, 2005. Disponível: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/03/entrevistamos-william-gibson-o-pai-do-ciberpunk.html>>. Acesso em julho 2021.

GALLO, Ivone. **Por uma historiografia do punk**. Revista do programa de pós-graduados em história (PUC-SP). Projeto História nº 41, 2010.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. **Punk: cultura e arte**. Revista Varia História. Belo Horizonte. Vol. 24, nº 40. P 747-770, 2008.

GARCÉS, Marina. **Novo esclarecimento radical**. Editora Âyiné. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. 1º edição. Belo Horizonte, 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. Unesp. Tradução Ana Isabel Soares. São Paulo, 2015.

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Editora Autêntica. Tradução e organização de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, 2009.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Coleção história e historiografia. Editora autêntica. Tradução Maria Helena Martins, Maria Cristina de Alencar Silva, Camila Rocha de Moraes, Bruna Beffart, Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte, 2013.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura. A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. Anuário de literatura UFSC. V.18, n 2, 2013.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the future: the desire called utopia and others science fictions**. Editora Verso. Londres e Nova York, 2005.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque – a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. Tradução Vania Cury, 2008

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre a história**. Editora Contratempo -PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Editora Contraponto - PUC-Rio. Tradução de Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro, 2012.

KUGLER, Jeffrey. “Sci-fy Novelist William Gibson on the invention of the term “Cyberspace” and how AI could be trully intelligent.”. Revista Time. 2020. Disponível em:<<https://time.com/5770124/author-william-gibson-new-book-interview/>>. Acesso em julho de 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, 1999.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. 1º edição. São Paulo, 2018.

MEDEIROS, Pedro Araújo. **Pós-modernidade e historiografia: um estudo sobre Hayden White**. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte política**. Editora Ubu. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo, 2018.

MUSSY, Luis G. de. **Historiografia postmoderna un manifesto**. In: MUSSY, Luis G. de. VALDERRAMA, Miguel. **Historiografia postmoderna: conceptos, figuras, manifestos**. Ril editores – Ediciones Universidad Finis Terrae. Santiago, 2010.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: um estudo de causas**. Tese (Doutorado em história). – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. FGV. Tradução Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro, 2016.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo**. EdUPUCRS. Porto Alegre, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa**. Companhia das Letras. São Paulo, 2001.

SILVA, Alexandre Pereira da. **O caso do asilo diplomático de Julian Assange: três anos depois**. Revista da Faculdade de Direito-RFD-UERJ - Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, José Fábio da. **O progresso como categoria de entendimento histórico: Um estudo de caso a modernização da cidade de Anápolis – GO (1930-1957).** (Mestrado em história). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

TIQQUN. **La hipótese cibernética.** Disponível em: <<https://tiqqunim.blogspot.com/2013/01/la-hipotesis-cibernetica.html>>. Acesso em julho de 2021.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal.** Zazie edições. Rio de Janeiro, 2019.

WANG, Evelyn. **The French sci-fi comic that inspired Blade Runner and Akira.** 2016. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/32448/1/the-french-sci-fi-comic-that-inspired-blade-runner-and-akira>. Acesso: julho de 2021.

WHITE, Hayden. **O evento modernista.** Revista Lugar Comum. Nº 5-6. 1992.

_____. **O fardo da história.** In: Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura. Edusp – Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

_____. **O passado prático.** Revista Artcultura. Tradução Arthur Lima de Avila, Mario Marcello Neto, Felipe Radünz Krüger. V. 20, n. 37, p. 9-19. Uberlândia, 2018.